



MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES
LUCIANE SÁ DE ANDRADE
MARTA ANGÉLICA IOSSI SILVA
(Organizadoras)

PROMOÇÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A LICENCIATURA EM ENFERMAGEM



IGLU
EDITORA



CAPES



PROMOÇÃO DA SAÚDE NA
EDUCAÇÃO BÁSICA E A
LICENCIATURA EM ENFERMAGEM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Promoção da saúde na educação básica e a
licenciatura em enfermagem / Marlene Fagundes
Carvalho Gonçalves, Luciane Sá de Andrade,
Marta Angélica Iossi Silva, (organizadoras). --
São Paulo : Iglu, 2016.

Vários autores.
ISBN 978-85-7494-226-1

1. Enfermagem 2. Enfermagem - Estudo e ensino
3. Licenciatura I. Gonçalves, Marlene Fagundes
Carvalho. II. Andrade, Luciane Sá de. III. Silva,
Marta Angélica Iossi.

16-02853

CDD-610.7307

Índices para catálogo sistemático:

1. Licenciatura : Enfermagem : Estudo e ensino :
ciências médicas 610.7307

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES
LUCIANE SÁ DE ANDRADE
MARTA ANGÉLICA IOSSI SILVA
(Organizadoras)

PROMOÇÃO DA SAÚDE NA
EDUCAÇÃO BÁSICA E A
LICENCIATURA EM ENFERMAGEM



São Paulo, 2016

© Copyright 2016 by Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves, Luciane Sá de Andrade e Marta Angélica Iossi Silva

Produção Gráfica
Iglu Editora

Projeto gráfico, diagramação e capa
Rita Motta - www.editoratribo.blogspot.com

Imagem da capa
Foto tirada pela Profa. Dra. Luciane Sá de Andrade, em uma atividade de Promoção da Saúde na Educação Básica, em 2014.

Revisora ortográfica
Profa. Antonia Maria Sampaio

Apoio financeiro da CAPES – Edital pró-ensino na saúde 024/2010



C A P E S

Alguns dos estudos apresentados tiveram também apoio do CNPq, FAPESP e/ou USP



Este trabalho é uma realização de grupos de pesquisa e de ensino coordenados por docentes da EERP/USP



Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico e mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do autor. (Lei nº 9.610 de 19.2.98). Escritório de Direitos Autorais, Certificado de Registro nº 679.212, livro: 1.310, fls.88



IGLU EDITORA LTDA
Rua Duílio, 386 – Lapa
CEP: 05043-020 – São Paulo/SP
Tel.: (11) 3873-0227

Este livro é um dos produtos do Projeto Pró-Ensino na Saúde/CAPES, Edital nº. 24/2010 Processo 2037/2010: A formação de professores no contexto do SUS: políticas, ações e construção do conhecimento, coordenado pela Profa. Dra. Adriana Katia Corrêa, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP/USP. Este projeto propôs três linhas de pesquisa, dentre as quais destaca-se: *Formação de professores para o ensino em saúde e enfermagem*. Nesta buscava-se “desenvolver estudos relacionados às práticas de educação e formação de professores em saúde e enfermagem, no âmbito da graduação (licenciatura em enfermagem), pós-graduação *stricto sensu* e *lato sensu* (formação de professores para o ensino profissionalizante em saúde e enfermagem), bem como o desenvolvimento e avaliação de tecnologias educacionais inovadoras, contribuindo com a consolidação do SUS.” É neste contexto que surgiu este livro, fruto de trabalhos de *Promoção da Saúde na Educação Básica*, reunidos aqui por proposta do Projeto Pró-Ensino na Saúde.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
APRESENTAÇÃO.....	17

PARTE I ▫ PROMOÇÃO DA SAÚDE NA ESCOLA: CONSTRUÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS

Cap. 1 ▫ LICENCIATURA EM ENFERMAGEM E EDUCAÇÃO BÁSICA: papéis compartilhados de promoção da saúde a partir de um eixo curricular.....	31
<i>Neire Aparecida Machado Scarpini, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
Cap. 2 ▫ A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE EM LICENCIANDOS EM ENFERMAGEM: um estudo a partir do portfólio dos alunos	44
<i>Júlia Casemiro Barioni, Luciane Sá de Andrade</i>	
Cap. 3 ▫ A MONITORIA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO NA LICENCIATURA EM ENFERMAGEM	61
<i>Gabriela Rodrigues Bragagnollo, Neire Aparecida Machado Scarpini, Marta Angélica Iossi Silva</i>	
Cap. 4 ▫ PROMOÇÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: possibilidades e desafios para Licenciatura em Enfermagem.....	74
<i>Camila Bernardi de Novaes, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
Cap. 5 ▫ A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E A FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO LICENCIADO.....	96
<i>Carolina Spinelli Levi, Marta Angélica Iossi Silva</i>	

Cap. 6 ▫ **FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOS ENFERMEIROS PARA A PROMOÇÃO/EDUCAÇÃO EM SAÚDE** 116

Marina Liberale, Paula Maria Nunes Moutinho, Yara Othon Teixeira Ordine, Fabiana Santos Cassarotti, Marisa Akiko Iwamoto, Lívia Neves Masson, Marta Angélica Iossi Silva, Luciane Sá de Andrade

Cap. 7 ▫ **SIGNIFICADO DE SAÚDE E DOENÇA PARA CRIANÇAS: revisão integrativa**..... 130

Silvia Regina Baldo de Camargo, Marina Faraco Corrêa, Mark Fernando da Silva Raboni, Gisele Cristine de Oliveira, Marlene Felomena Mariano do Amaral, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves, Luciane Sá de Andrade

Cap. 8 ▫ **SAÚDE NA ESCOLA: concepções de alunos e professores do ensino fundamental de uma escola pública**145

Vanessa Castanha, Leni Ane Muniz da Silva, Luciane Sá de Andrade, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves

Cap. 9 ▫ **EDUCAÇÃO EM SAÚDE: concepções de pais e/ou responsáveis de alunos do ensino fundamental de uma escola pública** ...170

Gilmara Cristina Barbosa de Oliveira, Rafael Alcantara de Camargo, Juliana Cristina Miquelino dos Reis, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves

PARTE II ▫ **EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM ENFERMAGEM EM ATIVIDADES NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

A ENFERMAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um relato de experiência (2012).....193

Denise Franzé Bogarin, Juliana Maeda Minutti, Maraina Gomes Pires Fernandes Dias, Michele Cristina de Carvalho, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves

A FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO LICENCIADO E A PROMOÇÃO DE CULTURA DE PAZ NA ESCOLA: um relato de experiência (2015).....195

Bruna Domingos dos Santos, Luciane Sá de Andrade

A FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ESPAÇO ESCOLAR: lidando com adolescentes e a questão do sedentarismo (2015).....197

Jennifer Midiani Gonella, Sthefany Teodoro Ricci, Taina da Silva Menegucci, Luciane Sá de Andrade

AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE COM ADOLESCENTES NA ESCOLA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE DOS LICENCIANDOS EM ENFERMAGEM: relato de experiência (2015)	199
<i>Danyele Fernandes Machado, Mark Fernando Raboni, Carolina Francielli Soares Benedetti, Patrícia Evangelista, Natália Campos Pereira, Marcela Cristina Resende, Bruna Barbosa dos Santos</i>	
ÁRVORE DOS SONHOS: uma experiência educativa do enfermeiro licenciado na abordagem de respeitos e valores (2015)	205
<i>Jennifer Caroline Domingos Sassarolli, Bruna Francielle Toneti, Juliana Mendes Rocha, Paloma Alves Pais, Luciane Sá de Andrade</i>	
ATIVIDADES EDUCATIVAS EM SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um estudo a partir da inserção de estudantes de licenciatura em enfermagem na escola (2012)	207
<i>Lays dos Santos Maia, Edmilson Alves dos Santos Júnior, Thaís Koga Fonseca, Marta Angélica Iossi Silva, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
ATIVIDADES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE RIBEIRÃO PRETO: relato de experiência (2010)	209
<i>Ana Carolina Máximo Silva, Driéli Pacheco Rodrigues, Bruna Paiva do Carmo, Carolina Lemos, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
ATIVIDADES EDUCATIVAS EM SAÚDE: parceria de estudantes de licenciatura em enfermagem e professores da Educação Básica (2012)	211
<i>Lays dos Santos Maia, Edmilson Alves dos Santos Júnior, Thaís Koga Fonseca, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
AUTOESTIMA E PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: adolescentes em foco (2012)	213
<i>Gerusa Mota da Silva, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
CIDADANIA E BUSCA DA REALIZAÇÃO DE CAMINHOS FUTUROS DO ESCOLAR (2015)	215
<i>Débora Silva Fornazier, Amanda Fonseca Baviera, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
CONCEPÇÕES DE SAÚDE DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO (2015)	217
<i>Patrícia Evangelista, Carolina Francielli Soares Benedetti, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	

CONSTRUÇÃO DA HORTA VERTICAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: uma contribuição para a formação do enfermeiro licenciado (2015)	220
<i>Paloma Alves Pais, Bruna Francielle Toneti, Jeniffer Caroline Domingos Sassarolli, Juliana Mendes Rocha, Luciane Sá de Andrade</i>	
DST - DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS – E SEUS MÉTODOS PREVENTIVOS: experiências na Educação Básica (2015)	222
<i>Amanda Fonseca Baviera, Débora Silva Fornazieri, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
EDUCAÇÃO EM SAÚDE: conversando sobre sexualidade na escola (2010)	224
<i>Ariane de Freitas Cardoso, Lucimara Moreli, Maria Aparecida Soares Viana, Juliana Ferreira de Santana Carvalho, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
ENFERMEIRO LICENCIADO EM FORMAÇÃO E SUA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA (2011)	226
<i>Edmilson Alves dos Santos Júnior, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves, Lays dos Santos Maia, Thaís Koga Fonseca</i>	
GRAVIDEZ INDESEJADA NA ADOLESCÊNCIA: uma abordagem crítico-reflexiva (2015)	228
<i>Maria Beatriz Carneiro, Aline Nassiff, Bianca Potratz de Oliveira, Juliane Cristina Rodrigues, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
O ENFERMEIRO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um estudo sobre a interação entre estudantes de licenciatura em enfermagem e agentes escolares (2012)	230
<i>Edmilson Alves dos Santos Júnior, Lays dos Santos Maia, Thaís Koga Fonseca, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
O SURDO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: reflexões sobre a relação entre promoção de saúde e educação (2011)	232
<i>Imaculada Alexandrino, Yara Othon Teixeira Ordine, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
OFICINAS SOBRE SEXUALIDADE PARA EDUCAÇÃO BÁSICA: um relato de experiência (2009)	234
<i>Driéli Pacheco Rodrigues, Bruna Paiva do Carmo, Carolina Lemos, Ana Carolina Máximo Silva, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
PERSPECTIVAS DE FUTURO PARA ADOLESCENTES: um trabalho de promoção da saúde na escola (2015)	236
<i>Mark Fernando da Silva Raboni, Natalia Campos Pereira, Marcela Cristina Resende, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	

PREVENÇÃO EM SAÚDE E ADOLESCÊNCIA: a integração Educação Básica – Universidade (2010)	238
<i>Camila Bernardi de Novaes, Marta Angélica Iossi Silva, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves, Ronildo Alves dos Santos</i>	
PROJETOS DE EXTENSÃO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO LICENCIADO: um relato de experiência (2015)	240
<i>Jessica Karoline Silva, Giulliany de Freitas Biscassi, Gabriela Roberta Ribeiro, Luciane Sá de Andrade</i>	
PROMOÇÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA (2012)	242
<i>Edmilson Alves dos Santos Júnior, Lays dos Santos Maia, Thaís Koga Fonseca, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
PROMOÇÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA (2015)	244
<i>Carolina Francielli Soares Benedetti, Patrícia Evangelista, Marina Libérale, Luciane Sá de Andrade, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
PROMOÇÃO DA SAÚDE NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E O TEMA DROGAS (2014)	246
<i>Neire Aparecida Machado Scarpini, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
PROMOÇÃO DE SAÚDE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE RIBEIRÃO PRETO: o respeito ao outro (2015)	248
<i>Amanda Sarah Vanzela, Isabella Fernandes Brianez, Lina de Moura Mendes, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
PROMOÇÃO DE SAÚDE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE RIBEIRÃO PRETO: os cuidados com a visão e a audição (2015)	250
<i>Natália Campos Pereira, Sabrina Martins Reigota, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA COM FOCO NA FORMAÇÃO DOCENTE: um relato de experiência (2015)	252
<i>Danyele Fernandes Machado, Luciane Sá de Andrade</i>	
PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: a construção da parceria entre professor e enfermeiro nas atividades educativas (2013)	254
<i>Lays dos Santos Maia, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: a percepção de saúde dos alunos das 5ª séries de uma escola estadual de Ribeirão Preto/SP (2010)	258
<i>Maria Aparecida Soares Viana, Juliana Ferreira de Santana Carvalho, Lucimara Moreli, Ariane de Freitas Cardoso, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	

PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: enfermeiros e educação (2011)	260
<i>Lays dos Santos Maia, Edmilson Alves dos Santos Júnior, Thaís Koga Fonseca, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: relato de atividade em uma escola estadual de Ribeirão Preto (2010)	262
<i>Camila Aparecida Abrahão, Camila Fagundes de Lima, Júlio César Vanin, Liciane Aparecida Cestari, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um olhar sobre programas e materiais oficiais (2011).....	264
<i>bruna Lunardello Clementino, Camila Bernardi de Novaes, Sulaine de Paula, Gilmara Cristina Barbosa de Oliveira, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
SAÚDE TAMBÉM SE FAZ NA (COM A) ESCOLA (2010 a 2015) ...	266
<i>Jefferson Liberato Amaral, Priscila Marinho Tomazaki, Gabriela Duarte, Marjorye Odorico Batista Medeiros, Marta Angélica Iossi Silva</i>	
SIGNIFICADOS DE ÉTICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: promoção da saúde na educação básica (2015).....	267
<i>Mark Fernando da Silva Raboni, Natália Campos Pereira, Marcela Cristina Resende, Danyele Fernandes Machado, Bruna Barbosa dos Santos, Patrícia Evangelista, Carolina Francielli Soares Benedetti, Mônica Mitsue Nakano, Marina Liberale, Luciane Sá de Andrade, Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves</i>	
SOBRE OS AUTORES.....	271

PREFÁCIO

Promovendo a Saúde na escola

A Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), publicada em 2006 pelo Ministério da Saúde e revisada em 2014, representa um marco político/ideológico na construção do Sistema Único de Saúde, uma vez que retoma o debate político sobre as condições necessárias para que sujeitos e comunidades sejam mais saudáveis. O objetivo geral da PNPS seria “promover a qualidade de vida e reduzir vulnerabilidade e riscos à saúde relacionados aos seus determinantes e condicionantes” (BRASIL, 2014). A PNPS reafirma a importância da cooperação e do respeito às singularidades, estimula a intersetorialidade, o compromisso com a integralidade, o fortalecimento da participação social, a autonomia e o trabalho em equipe; além de compreender a escola com um lócus singular para a prática da promoção da saúde dos estudantes, profissionais, familiares e comunidades do entorno.

No contexto da implementação da PNPS, em 2007 foi criado o Programa Saúde na Escola (PSE), possibilitando a ampliação das ações de promoção da saúde no ambiente escolar. Nas últimas décadas, muitas foram as iniciativas e abordagens no espaço escolar, resultantes da relação entre os setores de Educação e de Saúde, em sua maioria focadas em uma perspectiva higienista, com ações de primeiros socorros, assistência médica e/ ou odontológica.

Com o PSE fortaleceu-se uma nova forma de atuar, incluindo uma dimensão mais ampla, abrangendo ações de promoção da saúde, incluindo atuação nas comunidades, numa perspectiva mais coletiva da produção de conhecimentos em saúde na sociedade.

Na compreensão da Promoção da Saúde, a escola deve ser entendida como um espaço de relações, um espaço privilegiado para o desenvolvimento crítico e político, contribuindo na construção de valores pessoais, crenças, conceitos e nas maneiras de conhecer o mundo, interferindo diretamente na produção social da saúde.

A escola desempenha papel fundamental na formação e atuação das pessoas em todas as arenas da vida social. Juntamente com outros espaços sociais, ela cumpre papel decisivo na formação dos estudantes, na percepção e construção da cidadania e no acesso às políticas públicas. Desse modo, pode tornar-se lócus para ações de promoção da saúde para crianças, adolescentes e jovens adultos (BRASIL, 2009).

O livro atual aponta a força e a criatividade de experiências locais centradas na Promoção da Saúde, no ambiente escolar.

Diversos capítulos abordam o princípio básico da promoção da saúde, ou do empoderamento dos estudantes, professores e funcionários das escolas, para exercerem a sua autonomia no viver a vida e nas escolhas saudáveis.

Neste livro, docentes, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e graduação do Grupo de Estudos e Pesquisa Promoção da Saúde na Educação Básica, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP/USP, reiteram seu compromisso com a prática e a pesquisa da Promoção da Saúde do espaço escolar, com sua responsabilidade social e compromisso junto à população. O livro aborda a promoção da saúde como uma forma de pensar e agir em sintonia com o agir educativo, visando a formação de sujeitos e projetos

pedagógicos voltados para o direito à vida. O território é o espaço da produção da vida e, portanto, da saúde. O livro inclui os conceitos e práticas de Promoção da Saúde na Escola em abordagem contemporânea e indutora de práticas que promovem a vida, a autonomia, sujeitos pensantes, autônomos e empoderados.

Referências

WHO, World Health Organization. Promoting Health Through Schools. Geneva: WHO-Technical Report Series; 1997.

BRASIL. A Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS). Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Ministério da Saúde. Brasília. 2014. 36p.

BRASIL. Saúde na escola / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 96 p.: il. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Cadernos de Atenção Básica; n. 24). http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_24.pdf

DEBORAH CARVALHO MALTA

Prof. Adjunta da Escola de Enfermagem da UFMG, foi diretora do Departamento de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde.

APRESENTAÇÃO

Há cerca de cinco anos algumas alunas do Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP/USP procuraram as professoras da Disciplina Promoção da Saúde na Educação Básica, perguntando sobre a possibilidade de fazer pesquisas nesta temática, pois a disciplina cursada as motivara a seguir esta área. Em 15 de fevereiro de 2011 aconteceu a primeira reunião oficial do *Grupo de Estudos e Pesquisa Promoção da Saúde na Educação Básica*, que hoje reúne professoras da EERP do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas - EPCH e do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública - MISP, e estudantes do 1º. ao 5º. ano da Graduação, alunos de Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado, alunos do Ensino Médio com bolsa de Pré-Iniciação Científica.

Na verdade, já existia esta linha de pesquisa do Grupo Educação em Saúde/Enfermagem da EERP/USP, registrado no DGP do CNPq, desde 2008, com trabalhos dispersos.

Mas esta história começou muito antes. O Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da EERP, iniciado em 2006, tem como objetivo, segundo seu Projeto Político Pedagógico (2014): “Formar o Enfermeiro Bacharel, com Licenciatura em Enfermagem, que articule a formação do enfermeiro com conhecimento pedagógico consistente, capacitado para a prática de docência na educação profissional em enfermagem e para a

realização de ações promotoras de saúde no âmbito da educação básica; bem como, capacitado para a prática assistencial de enfermagem nos distintos campos de atuação; com competência técnica, científica, política, ética e humana, socialmente crítico e responsável pelos destinos de uma sociedade que se deseja justa, democrática e autossustentável.”

Para a concretização da proposta no âmbito da atuação na Educação Básica, são oferecidas as disciplinas: ‘Promoção da Saúde na Educação Básica’, ‘Metodologia de Ensino em Enfermagem I’ e ‘Estágio Curricular Supervisionado’, nos 2º e 4º anos do curso. Nesse contexto, os graduandos vão às escolas de educação básica conveniadas com a EERP, desenvolver ações e atividades em temas de Promoção da Saúde prioritários à comunidade. Essas disciplinas têm por base o Ciclo Pedagógico, no qual os alunos, divididos em pequenos grupos, realizam as primeiras visitas às escolas e identificam as necessidades e demandas da população escolar. Após esta primeira fase, eles retornam à sala de aula na universidade para uma fase dinâmica e pró-ativa de pesquisas na literatura, discussões, reflexões coletivas e formulação de propostas voltadas à realidade da população. Munidos de embasamento teórico e formulações orientadas, os alunos retornam ao ambiente escolar para o desenvolvimento das atividades. Esse ciclo vai se repetindo por todo período letivo.

Nesse contexto faz-se importante o reconhecimento do que é *Promoção da Saúde*. Tradicionalmente associa-se o trabalho dos enfermeiros na escola apenas no aspecto assistencial e curativo, a questão da saúde aparece apenas como necessidade de se eliminar as doenças. O desafio é levar o aspecto educativo desse trabalho, que visa transformação e reconhecimento, dos alunos e funcionários da escola, considerando que a questão da saúde é mais ampla e implica a todos.

Assim, a Promoção da Saúde é definida como estratégia para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e comunidades,

por meio da autonomia e emancipação do sujeito em prol da coletividade e da própria saúde, num conceito ampliado, considerando seus determinantes sociais.

As atividades de Ensino nesse contexto expandiram-se para as atividades de pesquisa e também de extensão – os docentes do Grupo de Estudo e Pesquisa coordenam projetos de pesquisa e extensão nas escolas de educação básica. No grupo tem-se, então, o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

O *Grupo de Estudos e Pesquisas Promoção da Saúde na Educação Básica* tem sido uma fonte de trabalhos que buscam estudar, conhecer e propor articulações entre universidade e escola pública, especialmente nas temáticas de saúde, educação em saúde e bem-estar. São desenvolvidos trabalhos com professores, alunos, pais e estudantes de enfermagem, sempre com o foco da Promoção da Saúde na Escola. Os estudantes levam ao público escolar atividades e ações com temas como: sexualidade, métodos contraceptivos, higiene corporal, alimentação saudável, prevenção ao uso de drogas e álcool, gravidez na adolescência, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, utilização de tecnologias, avaliação da acuidade visual, ressuscitação cardiopulmonar, violência e *bullying*, entre outros. Além de ações voltadas aos estudantes do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio; os graduandos também desenvolveram atividades voltadas à qualidade de vida e bem estar dos professores, funcionários, pais e responsáveis.

As estratégias envolvem metodologias ativas de aprendizado. Os estudantes da enfermagem buscam levar os alunos da educação básica a trabalharem efetivamente sobre os temas trazidos, pensarem e elaborarem propostas sobre os mesmos. Não se trata de palestras pontuais, em que os alunos apenas escutam passivamente, mas de problemas reais, ligados ao seu cotidiano, que merecem ser discutidos, problematizados e vistos sob diferentes enfoques. As atividades da universidade na escola pública

propiciam aos alunos da educação básica a apropriação de temáticas relativas à saúde individual e coletiva, na direção do autocuidado e escolhas assertivas, além de uma maior aproximação do ambiente universitário.

As atividades são registradas pelos estudantes de graduação por meio de fotos e vídeos e são apresentadas anualmente no *Encontro da Enfermagem na Educação Básica*, tendo sido realizado em dezembro de 2015, sua 7ª. edição.

Vale destacar que no âmbito Nacional há muitas iniciativas que concorrem para esse trabalho, inclusive fortalecendo as parcerias. Destacam-se o Programa de Saúde do Adolescente (Prosad/MS); bem como o PSE-Programa Saúde na Escola, política intersetorial da Saúde e da Educação, que propõe articulação entre Escola e Rede Básica de Saúde, por meio da criação de núcleos e ligações entre os equipamentos públicos da saúde e da educação. A abordagem de tais temas articula-se ainda aos temas estruturantes das Diretrizes Nacionais de Atenção Integral a Saúde dos Adolescentes e Jovens (DNAISAJ), e aos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Brasileira, quais sejam: saúde, o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento, orientação sexual, sexualidade, saúde reprodutiva e atenção integral no uso abusivo de álcool e outras drogas.

Outra proposta em âmbito nacional é a EEPS-Estratégia de Escolas Promotoras de Saúde, que surgiu no final da década de 80. A implantação da EEPS implica em atividades intersetoriais entre a instituição educativa, o setor saúde e a comunidade, com identificação das necessidades e linhas de enfrentamento pelos próprios envolvidos. Esta estratégia implica um trabalho coletivo, no qual a escola tem um papel fundamental nessa busca das articulações.

A inserção da enfermagem no espaço escolar dá-se no entendimento de que a escola é lugar de formação para a cidadania. Nesse sentido, os projetos do Grupo se desenvolvem articulados

aos princípios do fortalecimento da Promoção da Saúde, no desenvolvimento da autonomia e da necessária participação das crianças e dos jovens, e por extensão, de seus familiares e de todo o corpo social da escola (gestores, professores e funcionários), na promoção de ambientes saudáveis, favorecendo com isso o despertar para o cuidado de si e a formação das crianças e jovens como promotores de saúde.

Nesse contexto, em 2010 a EERP/USP, por meio de seus Programas de Pós-Graduação, e do Grupo de Pesquisa Educação em Saúde/Enfermagem, submeteu um Projeto ao Edital n.º 24/2010 Pró-Ensino na Saúde, tendo sido contemplada. Este projeto buscou “ampliar e fortalecer a produção de conhecimentos e tecnologias de ensino voltadas à formação e ao desenvolvimento docente na área da saúde e enfermagem, gerando potencial para a construção de transformações no ensino de graduação e pós-graduação em saúde e contribuindo para a transformação das práticas profissionais e da organização do trabalho em saúde na consolidação do SUS”. Para alcançar seu objetivo, o Projeto propôs três grandes linhas de pesquisa, dentre as quais destaca-se: *Formação de professores para o ensino em saúde e enfermagem*. Buscava-se aqui “desenvolver estudos relacionados às práticas de educação e formação de professores em saúde e enfermagem, no âmbito da graduação (licenciatura em enfermagem), pós-graduação stricto sensu e lato sensu (formação de professores para o ensino profissionalizante em saúde e enfermagem), bem como o desenvolvimento e avaliação de tecnologias educacionais inovadoras, contribuindo com a consolidação do SUS.”

Nesta linha, o *Grupo de Estudos e Pesquisa Promoção da Saúde na Educação Básica*, desenvolveu alguns trabalhos que por proposta do Projeto Pró-Ensino na Saúde, foram reunidos para publicação neste livro.

Assim, este livro está dividido em duas partes: I - Promoção da Saúde na Escola: construções teóricas e conceituais e II

– Experiências de estudantes do curso de Licenciatura em Enfermagem em atividades na Educação Básica.

A primeira parte inicia-se com o Cap. 1 - *Licenciatura em Enfermagem e Educação Básica: papéis compartilhados de promoção da saúde a partir de um eixo curricular*. O texto analisa as ações de promoção da saúde na Educação Básica, no contexto do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem/USP por meio da perspectiva de 29 professores de três escolas de Educação Básica. A fala dos professores apresenta os significados construídos a partir das ações de promoção da saúde desenvolvidas pelos enfermeiros licenciandos. Conclui que o curso de Enfermagem tem investido em processos de ensino-aprendizagem pautados na metodologia ativa, que propõe ações integradas, com a adoção de referenciais pedagógicos críticos, reflexivos e humanísticos com destaque no trabalho coletivo, atendendo às demandas sociais do SUS e da educação. Evidencia dessa forma um dos papéis do curso de licenciatura em enfermagem, que ao formar um profissional, colabora também com os processos de educação em saúde, na busca da realização da promoção da saúde no âmbito da escola básica.

O Cap. 2 - *A construção da identidade docente em licenciandos em enfermagem: um estudo a partir do portfólio dos alunos*, teve como objetivo investigar o processo de construção da identidade docente em graduandos do curso de Bacharelado e Licenciatura e Enfermagem. A investigação foi realizada por meio da análise de portfólios de alunos de graduação que cursaram a disciplina: Promoção da Saúde na Educação Básica, ministrada no segundo ano do curso de Bacharelado e Licenciatura da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade São Paulo. O estudo foca na metodologia escolhida pela disciplina com a adoção do ciclo pedagógico, no uso de portfólio e suas contribuições para a formação da identidade docente de graduandos de enfermagem, a partir de um olhar sobre os saberes docentes.

O Cap. 3 - *A monitoria como espaço de formação na licenciatura em enfermagem*, descreve a experiência de monitoria de uma graduanda do quinto ano do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. As atividades supervisionadas de ensino (monitoria) foram realizadas em cenário teórico-prático no âmbito da disciplina “Promoção da Saúde na Educação Básica”, durante o período de março a julho de 2014, correspondente ao primeiro semestre desse ano. A experiência em monitoria proporcionou a apropriação de conhecimentos e habilidades na prática docente, de promoção e educação em saúde, bem como, a ressignificação destes temas a partir de um enfoque crítico e integrador. Considera-se que a monitoria permite ao graduando uma experiência rica de construção de significados relacionados a atividades de ensino e de colaboração junto às docentes do ensino superior na área da saúde, favorecendo a atuação do futuro profissional enfermeiro licenciando.

O Cap. 4 - *Promoção da saúde na educação básica: possibilidades e desafios para Licenciatura em Enfermagem*, traz a perspectiva de estudantes de Enfermagem em atividades em três escolas de Educação Básica. Discute-se os resultados encontrados, apontando conhecimentos e concepções teóricas desses enfermeiros em formação sobre as atividades de Promoção da Saúde no contexto escolar, bem como aspectos de sua atuação nesse âmbito. Ressalta-se a importância da inserção dos mesmos na realidade da Educação Básica, para melhor preparo em sua atuação profissional futura. Destaca-se ainda, a inquietação dos enfermeiros em formação, com relação a não oficialização desse tipo de atuação, pois, embora se sintam preparados para o desenvolvimento de ações de promoção da saúde no ambiente escolar, esta função ainda não existe oficialmente. Assim, destaca-se a importância da atuação de enfermeiros na escola e a necessidade de políticas públicas que busquem aproximar profissionais de saúde das escolas de educação básica.

Cap. 5 - *A construção do conceito de Promoção da Saúde e a formação do enfermeiro licenciado*, analisa como a experiência e a reflexão levam à construção de conceitos sobre a promoção da saúde, a partir da análise dos portfólios dos alunos de uma turma da disciplina “Promoção de Saúde na Educação Básica”, do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP). Analisou-se os dados por meio da técnica de análise de enunciação. O aporte teórico metodológico considera a aprendizagem um processo de idas e vindas que pode ser identificado nas narrativas produzidas pelos sujeitos. Com esse estudo identificou-se elementos balizadores para a apreensão e ressignificação do conceito de promoção à saúde, eixo central da formação em saúde e educação, contribuindo dessa forma, para uma formação qualificada e contextualizada na direcionalidade das atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior, as Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Enfermagem e do Sistema Único de Saúde.

No Cap. 6 - *Formação e atuação dos enfermeiros para a promoção /educação em saúde*, procura-se compreender, a partir das evidências presentes na literatura científica, como a educação em saúde tem sido tratada na formação do enfermeiro. O trabalho realiza também um olhar para a escola de educação básica como espaço para o desenvolvimento de ações de educação e promoção da saúde.

O Cap. 7 - *Significado de saúde e doença para crianças: revisão integrativa*, traz uma revisão de literatura, cujo objetivo foi conhecer a produção científica sobre os significados, concepções e representações atribuídas, pela criança, à saúde e à doença, para subsidiar professores no desenvolvimento de práticas educativas voltadas à promoção da saúde escolar. Foram selecionados 20 artigos, com período de publicação entre 1993 e 2012. Este material foi organizado por unidades temáticas: saúde; doença; saúde

e doença. Destacaram-se pesquisas realizadas nos contextos hospitalar e escolar. Concluiu-se que é preciso ouvir a criança, criando espaços para que ela possa se manifestar, trazendo significados que podem ajudar os professores na abordagem de questões de promoção da saúde na escola.

No Cap. 8 - *Saúde na escola: concepções de alunos e professores do ensino fundamental de uma escola pública*, buscou-se a compreensão dos significados que professores e alunos da Educação Básica atribuem à Educação em Saúde. Foram 13 professores e 23 alunos que responderam a questões sobre a temática. Os resultados apontaram que saúde, nas escolas, aparece ligada à ausência de doenças, e educação em saúde ainda se restringe a poucas disciplinas escolares. Discute-se, assim, uma nova proposta de escola que invista na promoção do ser humano, na sua totalidade, no fortalecimento da capacidade individual e coletiva para trabalhar a multiplicidade dos condicionantes da saúde. A escola precisa enfrentar o desafio de permitir que seus alunos reelaborem conhecimentos de maneira a conformar valores, habilidades e práticas favoráveis à saúde.

O Cap. 9 - *Educação em saúde: concepções de pais e/ou responsáveis de alunos do ensino fundamental de uma escola pública*, voltou-se para famílias dos alunos da Educação Básica, buscando identificar suas concepções sobre e educação em saúde. Foram realizadas entrevistas com 12 responsáveis: pais, mães ou avós de alunos numa escola pública. Os resultados visualizados neste estudo identificaram que pais e responsáveis de alunos ainda veem a saúde simplesmente como a ausência de doença. Os mesmo reconhecem que o tema saúde é importante a ser trabalhado na escola para que os alunos possam ter um aprendizado significativo e que possam cuidar de si mesmos. No entanto, esses responsáveis desconhecem se a escola trata da temática discutida, o que leva à hipótese de que não há a participação destes na vida escolar dos alunos e nem mesmo articulação entre pais e

escola. Tendo em vista que a participação da comunidade é considerada essencial para a promoção da saúde, faz-se importante voltar nossa atenção para esse aspecto, no sentido de encontrar caminhos para a busca de maior integração dos setores saúde, comunidade e escola na direção da promoção da saúde.

Na segunda parte do livro são apresentados resumos de relatos de experiências de estudantes e participantes do Grupo de Estudo em atividades nas Escolas de Educação Básica. São trabalhos que foram, em sua maioria, apresentados e publicados em diferentes eventos científicos, destacados ao final de cada relato.

A riqueza deste trabalho está justamente na diversidade, no empenho, disposição e carinho com que foram realizados pelos estudantes e participantes, que recebem aqui nosso agradecimento e reconhecimento. Sem eles, nada disso teria acontecido e nem teria sido registrado.

Destaca-se aqui o agradecimento também às agências de fomento – CNPq (Universal, Processo 473585/2009-0: A formação do enfermeiro professor: um estudo longitudinal com universitários inseridos na prática profissional; Processo 482842/2010-5: (Re)significando a violência na escola: análise e prevenção no contexto escolar; Processo 474372/2013-8: Processo de ensino-aprendizagem no ensino superior: um estudo com base em relatos e portfólios de estudantes de licenciatura em enfermagem), FAPESP (Processo 2010/17792-9: O processo de aprendizagem na licenciatura em enfermagem: um estudo a partir dos portfólios dos alunos), CAPES Pró-Ensino na Saúde (Processo 2037/2010: A formação de professores no contexto do SUS: políticas, ações e construção do conhecimento) – e Programas da USP na forma de Bolsas de Iniciação Científica, Ensinar com Pesquisa, Aprender com Cultura e Extensão e Programa de Estímulo ao Ensino de Graduação, que possibilitaram que muitos destes trabalhos fossem realizados.

Com as iniciativas aqui apresentadas a Enfermagem reiterate sua responsabilidade social e firma seu compromisso junto à população, em defesa de propósitos que garantam o bem-estar e bom nível de saúde humana, cumprindo com o papel que lhe cabe nas políticas públicas, em especial, no campo da educação e da saúde.

Ribeirão Preto, fevereiro de 2016

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas - DEPCH, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo- EERP/USP

LUCIANE SÁ DE ANDRADE

Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas - DEPCH, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo- EERP/USP

MARTA ANGÉLICA IOSSI SILVA

Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública - DMISP, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo- EERP/USP

PARTE I

PROMOÇÃO DA SAÚDE NA
ESCOLA: CONSTRUÇÕES
TEÓRICAS E CONCEITUAIS

LICENCIATURA EM ENFERMAGEM E EDUCAÇÃO BÁSICA: papéis compartilhados de promoção da saúde a partir de um eixo curricular

NEIRE APARECIDA MACHADO¹
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

A Resolução CNE/CSE nº 3, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação e Licenciatura em Enfermagem – DCN/ENF. Assim, o curso de Enfermagem deve formar o enfermeiro licenciado com perfil generalista, humanista, crítico e reflexivo a fim de atender às exigências do Sistema Único de Saúde – SUS, intervir sobre situações e problemas de saúde em âmbito nacional e, com base no artigo 3º, ser capacitado para desenvolver ações de promoção da saúde na escola de Educação Básica (BRASIL, 2001). Esse artigo exige uma problematização contínua na implementação das Diretrizes.

Frente ao aparato oficial, o Projeto Político Pedagógico da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (PPP-EERP/USP), tem o papel promotor de oportunidades de aprendizado significativo a partir de um enfoque crítico,

¹ Bolsista CAPES Pró-Ensino, Edital 24/2010, Projeto 2037/2010, vigência 2013/2016.

reflexivo e humanístico, desenvolvendo competências em educação e saúde, preparando o enfermeiro licenciado para atender às demandas sociais do SUS, da educação e intervir nos problemas de saúde da população (USP/EERP, 2008). O PPP apresenta uma estrutura curricular a qual coexistem disciplinas tradicionais e disciplinas organizadas na lógica do currículo integrado, desenvolvido por meio de ciclo pedagógico. As bases que fundamentam o PPP se constituem em: Constituição Federal de 1988, Leis Orgânicas de Saúde de 1990, Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação e Licenciatura em Enfermagem, de 2001, Plano Nacional da Educacional de 2001, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, Plano Nacional de Graduação de 1999, e demais documentos condutores de políticas públicas, incluindo também o Programa de Formação de Professores da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, cujo propósito é integrar as unidades da universidade na conquista da melhoria do ensino público e formas organizativas para as licenciaturas (SÃO PAULO, 2004). O currículo do curso de Licenciatura, por estar vinculado ao Programa de Formação de Professores, articula-se com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, diplomando os enfermeiros com licenciatura plena. Assim, durante o percurso da formação o enfermeiro licenciando é preparado para atuar na Educação Básica, desenvolvendo ações de promoção da saúde na escola.

O tema Promoção da Saúde na Escola tem sido referenciado pela Política Nacional de Promoção da Saúde, de caráter universal, integral e intersetorial, traz o propósito de democratização da saúde; propõe dialogar com as diversas áreas governamentais, articulando o setor privado, a sociedade civil e setor sanitário, focando no protagonismo da pessoa no cuidado à saúde e na conquista por qualidade de vida. Essa política, por se tratar de uma das estratégias de produzir saúde, aponta para a

transformação dos fatores que reforçam a vulnerabilidade e prejuízo à vida. O processo de implantação e implementação dessa política conta com estratégias de qualificação dos profissionais de saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS, a partir da Estratégia Saúde da Família e do Programa de Agentes Comunitários de Saúde, bem como, as Iniciativas de Escolas Promotoras de Saúde que preconizam práticas saudáveis nas escolas e conta com um rol de temáticas de promoção da saúde (BRASIL, 2006).

Para atender às expectativas lançadas pela Carta de Ottawa para uma nova concepção de saúde, teoricamente falando, este documento dispõe que o indivíduo precisa aprender a conquistar o seu bem-estar físico, mental e social; saber como identificar as suas aspirações e suas necessidades e, ainda, de forma favorável, tornar o meio ambiente melhor. Cabe à saúde ser entendida como um recurso para se viver com qualidade de vida, o que requer o desenvolvimento de ações de promoção da saúde em diferentes espaços, capacitando indivíduos e grupos, seja nos lares, nos espaços de trabalho, nas escolas, em organizações governamentais e não-governamentais. Este documento orienta também a parceria da escola com organizações de saúde (OMS, 1986).

Corroborando a indicação da Organização Mundial da Saúde, atividades de promoção da saúde desenvolvidas por meio de um projeto interdisciplinar, reconhece a escola como espaço da Atenção Básica ao integrar ações entre saúde/escola. Promove a criação de ambientes facilitadores de aprendizagem para a criação de um espírito crítico e autônomo, buscando desenvolver nas crianças, competências para torná-las capazes de escolhas responsáveis (MACIEL et al., 2010; FERREIRA et al., 2014).

Embora a Atenção Básica seja o espaço para implementação de políticas públicas integradas vinculadas ao SUS, as ações de Promoção da Saúde ao propor o protagonismo social e a adoção de práticas horizontais de gestão com intervenções

necessárias de redução de riscos e vulnerabilidades, atenta para a qualidade de vida e o bem-estar de toda a população, procurando atingir outros espaços. Nesse sentido, a Política Nacional de Promoção da Saúde, por se tratar de uma estratégia transversal, prioriza, dentre outros setores, o setor da educação para a implementação dessas ações (BRASIL, 2008).

O Pacto em Defesa da Vida, um dos eixos da Agenda de Compromisso pela Saúde, do Ministério da Saúde, enfatiza favorecer o acesso e a qualidade aos serviços prestados pelo SUS, fortalecer a estratégia da Saúde da Família; promoção, educação e informação em saúde com foco em hábitos saudáveis como alimentação, prática de atividade física, controle do tabagismo, controle de bebidas alcóolicas e cuidados para o envelhecimento com saúde. Desse modo a promoção da saúde e a vigilância em saúde buscam a integração, a intersetorialidade e o trabalho em rede de corresponsabilidade e compromisso, para atuação nos processos de saúde e adoecimento no território brasileiro, de modo que as pessoas, por meios de uma ação consciente, decidam sobre escolhas saudáveis, criem mecanismos para satisfazer os seus interesses em prol de si mesmas, da coletividade e da realidade em que vivem. Além do direito e acesso aos serviços de saúde, implica também na formulação de políticas sociais e econômicas para a redução de riscos de adoecer, equidade, educação, mobilização social e participação, informação, comunicação, sustentabilidade. Trata-se de um desafio lançado em um cenário sócio-histórico com alta complexidade (BRASIL, 2010).

No Brasil, uma pesquisa desenvolvida com escolares do nono ano do Ensino Fundamental, apresenta indicativos de fatores e riscos à vida do adolescente. Ao investigar escolas de Ensino Fundamental, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PENSE – em uma amostra de 63.411 escolares, em se referindo a temáticas de sexualidade e drogas, identificou que 30,5% dos escolares fizeram sexo uma vez na vida, sendo 33,1% de escola pública e

20,8% de escola privada. Do total dos escolares, 75,9% disseram ter usado preservativo na última relação sexual (IBGE, 2009). Para as drogas ilícitas, 7,3% afirmaram o consumo. A pesquisa de 2012, segundo exemplar da PENSE, demonstrou, a partir de outra amostra, que 34,5% dos escolares experimentaram maconha uma vez na vida. (IBGE, 2012). O universo escolar que atende alunos do nono ano do Ensino Fundamental, estava constituído por 3.153.314 estudantes no ano de 2012, sendo 47,8% meninos e 52,2% meninas, e conforme o levantamento constatou, 28,7% dos escolares fizeram sexo uma vez na vida, a maioria meninos (IBGE, 2012). São indicadores que demonstram a fragilidade e o risco que o adolescente se depara. Um estudo identificou, ao situar 191 mulheres grávidas, 30,7% dessas, eram adolescentes e outras 66,5% ficaram grávidas sem um planejamento prévio; indicou a baixa escolaridade das adolescentes grávidas e oriundas de família de baixa renda (COELHO et al., 2012).

Desse modo, as ações de promoção da saúde com adolescentes na escola são recursos necessários para a realização de um momento de reflexão sobre os temas saúde sexual e reprodutiva, e podem capacitá-los a fazer escolhas conscientes e saudáveis sobre suas vidas, além de oportunizar o crescimento e a troca de experiências entre os pares (COELHO et al., 2012).

Este trabalho analisa um currículo real que forma e promove um processo de práticas realizadas pelos enfermeiros licenciados no contexto da Educação Básica a partir das ações de promoção da saúde.

Como resultado da integração universidade-escola e a intenção de promover uma interlocução com os princípios e diretrizes do SUS, o aprendizado de ações de promoção da saúde é em parte desenvolvido na escola de Educação Básica, por meio de estágios supervisionados de promoção da saúde. Nesse contexto, os graduandos ao cursarem as disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado - Promoção da Saúde na Educação Básica

e Metodologia de Ensino de Enfermagem I, vão para o cenário da prática, no âmbito do ambiente escolar e implementam em parceria com os professores e alunos do Ensino Fundamental, as temáticas DST/AIDS, Sexualidade, Métodos Contraceptivos, Gravidez na Adolescência, Higiene, Auto-estima, Violência, Álcool e Drogas.

A EERP tem parceria com doze escolas de Educação Básica da rede Estadual de Ensino de São Paulo, contudo, os dados utilizados neste trabalho foram construídos em apenas três dessas escolas.

Esse estudo pertence à linha de pesquisa Promoção da Saúde na Educação Básica, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Integra, também, o Projeto Pró-Ensino na Saúde.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na abordagem histórico-cultural (VIGOTSKI, 2007). O problema levantado nesse estudo leva a buscar uma abordagem com métodos que permitem descrever e explicar o processo do fenômeno em sua historicidade e movimento, a partir da sua origem e não a partir da sua reduzida aparência externa (VIGOTSKI, 2007). A abordagem histórico-cultural favorece a análise do processo em movimento do objeto de investigação e a interpretação das funções psicológicas superiores dos sujeitos envolvidos (VIGOTSKI, 2007).

Esta pesquisa aponta o fato de os professores e as escolas alegarem dificuldades ao desenvolver propostas de prevenção e promoção da saúde, especialmente quando envolve temas de DST/HIV, AIDS e gravidez precoce com os alunos. Nesse ponto, a escola é considerada um campo desafiante para ações que promovam mudanças no comportamento de risco de adolescentes, porém, poucos foram os programas desenvolvidos no Brasil com essas temáticas (ANDRADE et al., 2009).

A pesquisa, foco deste trabalho, foi desenvolvida em três escolas da rede estadual de São Paulo, com nomes fictícios de Escola do Jardim, Escola do Lago e Escola do Bosque, e têm parceria com a EERP/USP, nas quais recebem os graduandos de enfermagem para o estágio supervisionado de práticas de promoção da saúde. Os dados foram construídos a partir da técnica do grupo focal (FLICK, 2009) realizada em dois encontros em cada escola, resultando na participação de vinte e nove professores da Educação Básica. Compõem ainda os dados analisados os registros de observações de atividades desenvolvidas pelos estagiários de enfermagem nas escolas. Todos os professores e graduandos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme os critérios éticos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional da Saúde.

Licenciatura em Enfermagem e Educação Básica: papéis compartilhados

É visível a aprovação dos professores da Educação Básica com relação a inserção dos enfermeiros graduandos na escola desenvolvendo ações de promoção da saúde. A professora Pâmela (Escola do Bosque) afirma: *[...] os alunos estão se mostrando bem interessados [...]. O que eu percebi na quinta série [...] eles vão [...], eles querem participar [...], está sendo bem interessante!*

Para a professora Jussara (Escola do Bosque), *[...] a dedicação delas [...], a gente vê que elas são muito dedicadas [...], todos os dias elas vêm [...], trazem sempre materiais novos, atualizados para eles.*

A situação ocorre em um processo dinâmico possibilitado pelo ciclo pedagógico. Para Fortuna, Gonçalves, Silva e Santos (2012), o ciclo pedagógico favorece um processo de ensino e aprendizagem aos graduandos da Enfermagem, fundamentando-se em uma abordagem histórico-cultural. As etapas estão

continuamente integradas a partir de uma questão de aprendizagem construída pelos graduandos, com o apoio do docente supervisor da disciplina. Nesse processo, os estudantes vão atribuindo os sentidos e os significados às situações concretas vivenciadas no cotidiano da escola à luz da promoção da saúde, abordada a partir de temas da saúde com os escolares.

As professoras da Escola do Bosque citam o compromisso dos estagiários em licenciatura em Enfermagem e reconhecem a mudança no comportamento dos seus alunos e o interesse em participar das atividades. A integração entre universidade e escola, envolvidas em um propósito comum, comprovado pelo desenvolvimento curricular do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, possibilita a promoção de uma relação dinâmico-causal, promove um movimento dialético e traz à tona os significados das experiências vivenciadas pelos professores com relação à interação com os estagiários na escola, permitindo um processo de formação com sentido e significado para os graduandos.

Abordando sobre as ações planejadas pelos enfermeiros graduandos, o professor Roberto (Escola do Bosque) afirma: *É, bem planejado. Elas não vêm aqui para falar [...] elas vêm aqui com a teoria e com a prática [...] porque teoria e prática são coisas, assim, importantes, né? A prática é superimportante para que eles aprendam mesmo a ter a boa educação, boa saúde, né? É o cidadão do futuro, do futuro do país.*

A fala do professor Roberto favorece a explicitação sobre os momentos vivenciados com os estagiários de Licenciatura em Enfermagem e os significados que os professores atribuem às ações desenvolvidas por eles na escola, bem como, o modo como eles (os professores) se apropriam de algum destes elementos mediadores.

Assim, a fala dos professores, emergida no grupo focal, apresenta-se como um ato complexo mediado pelo tema disparador

acerca do ingresso dos estagiários na escola, desenvolvendo temas de promoção da saúde.

Para Vigotski (2007), significado é um conceito construído socialmente, carregado de sentidos abstratos, que emerge da fala social, possibilitado pelo ambiente no qual as interações ocorrem. O professor constrói um significado próprio com relação a atuação das estagiárias na escola. Para ele, as estagiárias sabem o que estão fazendo e por que o fazem. O professor pensa, fala e atribui significado às ações de promoção da saúde desenvolvidas na escola, internalizando significados elaborados em diferentes experiências.

Apoiando-se na abordagem histórico-cultural, é possível identificar o modo pelo qual os sujeitos na interação social, ao se apropriarem da realidade, recriam e significam os seus pressupostos particulares, expressos através da fala.

Rasche e Santos (2013) demonstram, com o relato de sua experiência, a relevância do papel do enfermeiro nos processos de saúde e doença, que requer o reconhecimento e o destaque das ações e habilidades desenvolvidas no espaço escolar. O enfermeiro, na rotina escolar, torna-se uma referência de atenção e cuidado em saúde e doença e na promoção da saúde.

Considerações Finais

A EERP/USP, por meio do projeto político-pedagógico do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, tem se referenciado como mecanismo implementador das DCN/ENF, com ênfase na intersetorialidade, na interdisciplinaridade e integralidade, quando, ao mesmo tempo, forma o enfermeiro licenciado e concretiza as ações de promoção da saúde na escola de Educação Básica. O currículo construído a partir de novas metodologias e processos de ensino e aprendizagem organizado em

ciclo pedagógico, tem proposto ações integradas fundamentadas em referenciais críticos, reflexivos e humanísticos, enfatizando o trabalho coletivo. A organização em ciclo propicia a inserção do enfermeiro licenciando em escolas de Educação Básica para o desenvolvimento de ações de promoção da saúde, configuradas em práticas de ensino e estágio supervisionado. Assim, a escola de Educação Básica propicia a problematização dos assuntos prioritários de saúde e de cuidado de acordo com as demandas do SUS e da educação, favorecendo a implementação de políticas públicas de saúde e educação.

Considera-se que esse pressuposto evidencia um dos papéis do curso de licenciatura em enfermagem: ao formar um profissional colabora também com os processos de educação em saúde, na busca da realização da promoção da saúde no âmbito da escola básica.

A fala dos professores representa significados construídos a partir das percepções sobre os seus alunos com relação às ações de promoção da saúde desenvolvidas pelos enfermeiros licenciandos. O diálogo oferece meios para a compreensão do pensamento dos professores quando eles se colocam com relação aos estagiários de enfermagem e o que eles (os enfermeiros licenciandos) fazem na escola. Para Vigotski (2009), o diálogo representa um discurso capaz de reproduzir, ainda que em parte, aquilo que está guardado na consciência e o que se intenciona expor. Essa situação é possível de compreensão quando há proximidade entre interlocutores e falantes e quando se está diante de alguma identidade, o que neste caso, foi proporcionado pela interação durante o grupo focal e os temas disparadores, de interesse desta pesquisa. Embora com resultados ainda preliminares, os dados indicam, a partir das falas dos professores, o reconhecimento pelo trabalho que os graduandos da EERP/USP têm realizado na escola, e a importância de se integrar as ações dos

professores da Educação Básica com as ações de promoção da saúde na escola.

Finalmente, considera-se que a abordagem qualitativa permitiu entender o sentido da palavra de acordo com a situação pela qual foi colocada. Assim, a palavra precisa ser vista e entendida como unidade de comunicação, de pensamento e de intenção, ainda que o pensamento de cada professor esteve mediado pelos signos construídos a partir de suas percepções e história particular.

Referências

ANDRADE, H. H. S. M.; MELLO, M. B. de; SOUZA, M. H.; MAKUCH, M. Y.; BERTONI, N.; FAÚNDES, A. Changes in sexual behavior following a sex education program in Brazilian public schools. Mudanças no comportamento sexual de adolescentes de escolas públicas no Brasil após um programa de educação sexual. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n.5, p. 1168-1176, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. 3ª Edição. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Manual de Orientação para Formulação de Propostas e Ações**. Brasília, 2008.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Política nacional de promoção da saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006a. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/pactovolume7.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2012.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES n. 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>

COELHO, M. de M. F., TORRES, R. A. M., MIRANDA, K. C. L., CABRAL, R. L., ALMEIDA, L. K. G. de., QUEIROS, M. V. O. Educação em Saúde com Adolescentes: compartilhando vivências e reflexões. **Cienc. Cuid. Saude**. v.11, n.2, p.390-395, Abr/Jun, 2012.

FERREIRA, I. do R. C., MOYSÉS, S. J., FRANÇA, B. H. S., MOYSÉS, S. T. **Avaliação da Intersetorialidade no Programa Saúde na Escola**: utilização da metodologia de avaliação rápida. Curitiba, PR: Editora Champagnat, 2014.

FLICK, U. Grupos Focais. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 180-193.

FORTUNA, C. M., GONÇALVES, M. F. C., SILVA, M. A. I., SANTOS, R. A. dos. A produção de narrativas crítico-reflexivas nos portfólios de estudantes de enfermagem. **Rev. Esc. Enferm., USP**. v.46, n.2, p.452-9, 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério da Saúde. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2012, 256 p. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf>. Acesso em 22. Jul. 2015.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério da Saúde. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009. Rio de Janeiro: IBGE;

2009. 144 p. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/pense.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2012.

MACIEL, E. L. N., OLIVEIRA, C. B., FRECHIANI, J. M., SALES, C. M. M., BROTTTO, L. D. de A., ARAÚJO, M. D. Projeto Aprendendo Saúde na Escola: a experiência de repercussões positivas na qualidade de vida e determinantes da saúde de membros de uma comunidade escolar em Vitória, Espírito Santo. **Ciência e Saúde Coletiva**. p. 389-396, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS), 1986. Carta de Ottawa. 1986. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf.

RASCHE, A. S., SANTOS, M. da S. S. dos. Enfermagem Escolar e sua Especialização: uma nova ou antiga atividade. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 66, n.4, p. 607-10, jul-ago., 2013.

SÃO PAULO. Comissão Permanente De Licenciaturas. Universidade de São Paulo. Pró-Reitoria de Graduação. **Programa de Formação de Professores - USP**. São Paulo: USP, 2004.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem**. Ribeirão Preto: EERP/USP, 2008.

VIGOTSKI, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. L. S. Vigotski; tradução de Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2009.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE EM LICENCIANDOS EM ENFERMAGEM: um estudo a partir do portfólio dos alunos¹

JÚLIA CASEMIRO BARIONI²
LUCIANE SÁ DE ANDRADE

O professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e a pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos. (TARDIF, 2002)

Este estudo integra um conjunto de pesquisas que buscam conhecimentos acerca da construção da identidade docente de graduandos de um curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo numa cidade do interior do estado de São Paulo. Vale ressaltar que o curso de licenciatura permite que o enfermeiro também se habilite como professor, como está previsto nas diretrizes curriculares, integrando os campos da saúde e educação.

¹ Integra o projeto de Pesquisa “O Processo de Aprendizagem na Licenciatura em Enfermagem: um estudo a partir dos portfólios dos alunos”, financiado pela FAPESP. Processo 2010/17792-9.

² Bolsista do Programa Ensinar com Pesquisa da Universidade de São Paulo, 2013/2014.

O curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem tem como meta formar o enfermeiro generalista, com habilidade para atuar como educador na promoção da saúde na educação básica e nos cursos profissionalizantes em enfermagem (formação de Auxiliares e Técnicos), bem como na prática assistencial de enfermagem, nos distintos campos de atuação.

Os graduandos do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem cursam durante o 3º e o 4º semestre de graduação uma disciplina chamada “Promoção da Saúde na Educação Básica”, e vivenciam a oportunidade de desenvolver um Portfólio, por meio do qual o docente responsável da disciplina avalia as competências desenvolvidas pelo estudante durante o ano. Assim, considera-se que as experiências vivenciadas desde o primeiro contato do estudante nos cenários de prática das escolas públicas permitido pela disciplina “Promoção da Saúde na Educação Básica”, são elementos essenciais para a construção da identidade docente, sendo assim, o objetivo deste trabalho foi analisar indícios da construção da identidade docente de alunos de graduação de um curso de Licenciatura em Enfermagem, no contexto de atuação da educação básica.

Em um momento de transição nos cursos da área de saúde, no qual se objetiva, atendendo as diretrizes do SUS e a da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o surgimento de um currículo que relacione trabalho e ensino no processo de formação dos futuros enfermeiros, faz-se necessário, desenvolver pesquisas e estudos que possibilitem a constante avaliação e ampliação da compreensão dos alunos e dos docentes envolvidos, como acontece no presente trabalho. Considerando-se que o portfólio é um instrumento importante para o desenvolvimento das competências, habilidades e atitudes requeridas para o enfermeiro docente, é importante realizar investigações sobre o referido instrumento, salientando sua capacidade formativa de alunos em processo de formação profissional. Assim, esta pesquisa procura

contribuir com o conhecimento no campo do ensino de graduação na área de enfermagem e nos processos de construção da identidade do enfermeiro professor.

A palavra “identidade” pode ser entendida como características próprias e exclusivas de cada pessoa, permitindo a diferenciação das mesmas. É a partir da existência de personalidades diferentes, cada uma com sua identidade, que esse estudo fundamenta-se, visto que nele estão sendo buscadas informações relevantes sobre as afinidades dos estudantes de licenciatura com a docência, a fim de entender os diversos aspectos demonstrados pelos graduandos desde o início da vida acadêmica, para o “ser docente”. Em outras palavras, esse estudo busca entender as representações dos licenciados sobre a docência, inseridos no processo de formação de professores.

Conforme Soares e Cunha (2012, p. 31)

(...) Formação é um fenômeno complexo sobre o qual existe pouco consenso no que concerne tanto às teorias quanto às dimensões mais relevantes para sua análise. A formação não deve ser confundida com outros conceitos, como educação, ensino, treino etc., pois envolve, necessariamente, uma dimensão pessoal de desenvolvimento humano global. (..)

As mesmas autoras, no trecho a seguir, comentam sobre noções de identidade do professor, atreladas à sociedade:

(...) A formação profissional do professor implica concebê-lo como ator/autor da sua trajetória de vida e emergente da teia econômica, social e cultural em que está inserido e como profissional que busca a formação, reconhece suas necessidades e as do contexto em que atua, se compromete reflexivamente na transformação das práticas se na afirmação da profissionalidade docente. (...)

A disciplina “Promoção da Saúde na Educação Básica” tem como objetivo desenvolver aprendizado significativo dos alunos inseridos na realidade escolar, para a formação do enfermeiro na área de competência da educação, voltada para a promoção da saúde na educação básica. Nessa disciplina é adotado o ciclo pedagógico (FORTUNA et. al, 2012). O ciclo pedagógico da disciplina é composto pelos seguintes momentos:

- *Imersão na realidade* – momento em que o aluno, a partir de suas experiências e conhecimentos adquiridos anteriormente, realiza as atividades no cenário de ensino-aprendizagem da escola de educação básica, para construção do desempenho da competência do Enfermeiro Licenciado neste cenário.
- *Síntese provisória* – em subgrupo é realizada a leitura, discussão e síntese dos relatos da Imersão, identificando os problemas relacionados à realização da tarefa e atributos de forma articulada, chegando às questões de aprendizagem.
- *Busca de informações/conhecimentos* - em fontes variadas, procuram-se referenciais teóricos que subsidiem a compreensão das questões de aprendizagem, fazendo uma síntese do material pesquisado (trabalho individual).
- *Nova síntese* – em subgrupo, é feita reflexão sobre informações/conhecimentos trazidos pelos alunos, com a intenção de compreender os problemas identificados e reconstruir a prática profissional.
- *Avaliação* – ao final de cada atividade, é realizada a auto-avaliação, avaliação do grupo e avaliação do professor/facilitador.
- *LPP* - São também realizados laboratórios de prática profissional pedagógica (LPP) para elaboração/supervisão de práticas educativas.

O processo de formação do estudante licenciado no referido curso é composto por vários ciclos pedagógicos, e cada um deles é iniciado com a ida ao cenário de prática, atividade denominada Imersão. Ou seja, no decorrer da disciplina acontecem várias sequências de Imersão, seguida da Síntese Provisória, depois ocorrerá Busca, e por fim Nova Síntese e LPP. Nesses momentos o aluno tem a oportunidade de desenvolver seu aprendizado a partir das relações sociais (FORTUNA et al., 2012), e ir reformulando seus conhecimentos a partir do contato com a sociedade (momento que o aluno sai da universidade e se insere num contexto real de trabalho), de discussões e estudos em sala de aula e de interação com o docente e colegas (momento de formulação de sínteses fundamentadas no contato com a realidade e com elementos teóricos).

Como se pode perceber, a disciplina é composta por momentos na realidade de trabalho e de estudos na universidade. O desempenho do estudante é avaliado no pequeno grupo e no cenário de prática, além de ser avaliado por meio de avaliações cognitivas e pelo portfólio que será elaborado pelo estudante.

O Currículo integrado do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem adota processos pedagógicos que possibilitam ao aluno de graduação construir seu conhecimento a partir das reflexões individuais e partilhadas, indagações e experiências no campo de prática registradas em portfólio. Por conseguinte, o portfólio demonstra o próprio caminhar do estudante na construção do conhecimento, sendo que o professor o estimula a construí-lo de maneira crítica e com bases teóricas que o sustentam.

O portfólio permite que o estudante amplie suas visões sobre o mundo no qual vive, sobre sua realidade familiar, profissional e para a própria disciplina. O portfólio permite que o aluno relacione suas experiências com os conhecimentos teóricos discutidos nas disciplinas, estas últimas se inter-relacionam

e possibilitam que o estudante se liberte de estruturas rígidas, caracterizando algo relevante no processo do desenvolvimento humano: a aprendizagem através das relações sociais (FORTUNA et al., 2012).

Assim, o portfólio representa as vivências do aluno, enriquecido de aspectos teóricos. Cada aluno vai construir sua linha de aprendizagem e ao mesmo tempo estará em sintonia com todos os demais do grupo. Os professores responsáveis pela disciplina “Promoção em Saúde na Educação Básica”, por sua vez, trarão novas questões e problemáticas para a reflexão e identificação avanços e limites.

Valendo-se dos dizeres de Cunha (1997),

(...) Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade (...).

A utilização dos portfólios no processo de formação dos graduandos é identificada em vários estudos de diversas áreas. As referências consultadas trouxeram de conclusão que o portfólio é utilizado em vários contextos, que serão numerados a seguir. I) Utilização de portfólios como estratégia de avaliação do desempenho de integrantes de um grupo de pesquisa, trouxe como conclusão que o próprio é uma estratégia eficaz de desenvolvimento de pesquisadores (CUNHA; SANNA, 2007). II) Portfólio sendo utilizado no curso de pedagogia, sendo que esse instrumento passou a ser o eixo organizador do trabalho pedagógico (VILLAS BOAS, 2005). III) O uso do portfólio no curso de especialização em Psicopedagogia, visando ao processo de construção da autoria de pensamento (RANGEL; GARFINKEL, 2007). IV) O uso de portfólio na prática de atendimento

domiciliar a idosos no curso de Medicina revelou tratar-se de um recurso pedagógico que contribui para o aprendizado ativo do aluno e envolvimento deste com as atividades (CABRERA; TURINI; PACCOLA, 2008).

Em todos os contextos citados, o portfólio é utilizado como ferramenta importante no processo de aprendizagem do aluno, uso este, que condiz com as realidades do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da EERP-USP. O seu uso no ensino, como instrumento de avaliação formativa do processo de aprendizagem do aluno, aponta sua importância, seja para investigar as evidências de conhecimentos adquiridos, habilidades, atitudes e potencialidades dos alunos (ALVARENGA; ARAUJO, 2006).

Além do ciclo pedagógico e do uso do portfólio, a disciplina Promoção de Saúde na Educação Básica adota como princípio para formação dos futuros professores, a escolha de metodologias ativas. Tanto na experiência do graduando na própria disciplina, quanto nas suas ações na escola de educação básica, o aluno é estimulado a estudar e incorporar nas suas ações as metodologias ativas.

De acordo com Sobral e Campos (2012, p. 209),

(...) A metodologia ativa (MA) é uma concepção educativa que estimula processos de ensino-aprendizagem crítico-reflexivos, no qual o educando participa e se compromete com seu aprendizado. O método propõe a elaboração de situações de ensino que promovam uma aproximação crítica do aluno com a realidade; a reflexão sobre problemas que geram curiosidade e desafio; a disponibilização de recursos para pesquisar problemas e soluções; a identificação e organização das soluções hipotéticas mais adequadas à situação e a aplicação dessas soluções (...).

Esta pesquisa procurou investigar como o uso de portfólios, numa disciplina que adota o ciclo pedagógico e metodologias

ativas, contribuem para a formação da identidade do graduando de enfermagem como enfermeiro-professor no contexto da educação básica.

Percurso Metodológico

De um conjunto de vinte portfólios elaborados por alunos enquanto cursavam a disciplina “Promoção da Saúde na Educação Básica” no ano de 2008, foram selecionados três, nomeados respectivamente como: Ana Maria, Cecília e Adélia, totalizando uma análise de 15 ciclos pedagógicos neste trabalho. Os portfólios foram submetidos à análise de enunciação de Bardin (2004) e à luz dos saberes docentes (PIMENTA, 1999; TARDIF, 2002). As ideias encontradas a partir dessa análise também foram pensadas segundo Freire (2007).

A análise de enunciação de Bardin (2004) adota a concepção da comunicação como processo. Ela se baseia nas modalidades do discurso (análise sintática e paralinguística, análise lógica, análise dos elementos formais atípicos: silêncios, omissões, ilogismos, e realce das figuras de retórica).

Nos relatos, são observados trechos que demonstram a identidade docente sendo construída segundo os seguintes saberes docentes discutidos por Pimenta (1999): da experiência, do conhecimento e dos saberes pedagógicos. O saber da experiência são os conhecimentos que o docente adquire no seu dia a dia dentro da sala de aula. Já os saberes do conhecimento relacionam-se com as informações específicas de uma área do conhecimento, que devem ser contextualizadas dentro da sala de aula. Os saberes pedagógicos e didáticos referem-se ao fazer docente e são considerados essenciais para a prática docente.

Por sua vez, Tardif (2002) defende que existem saberes que servem de base para os professores executarem seus papéis,

ou seja, os saberes docentes. O saber docente está relacionado com a pessoa, identidade, experiência de vida, história profissional, alunos, escola e conhecimentos adquiridos das ciências da educação. Trata-se de um saber plural, formado por saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais. Sendo assim, a atuação do professor envolve habilidades de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condição para a sua prática.

Resultados e Discussão

A seguir apresentaremos os resultados considerando os três portfólios analisados. Serão utilizados os seguintes nomes fictícios: Ana Maria, Cecília e Adélia. A análise apresentada considerou como categorias de análise: saberes de formação profissional, saberes curriculares, saberes disciplinares e saberes experienciais (TARDIF, 2002).

Saberes de Formação Profissional

De acordo com Tardif (2002), os saberes de Formação Profissional são um conjunto de saberes advindos das instituições de formação de professores (escolas normais ou faculdades de ciências da educação). Ana Maria, Adélia e Cecília relatam sobre as metodologias, assunto que é um dos objetos de estudo na área de educação.

Verifica-se no trecho abaixo, que o aluno de graduação em enfermagem está construindo um saber sobre a docência a partir das observações que realiza na escola de educação básica. O objeto de suas reflexões está relacionado à disciplina na sala de aula observada na escola. Dessa forma, vão se integrando os saberes de formação profissional e de experiência de vida do estudante,

naquele momento em que está interagindo com os atores na escola.

“alguns professores [da educação básica] exigem decorar a matéria, impõem suas formas de agir, já outros não sabem qual metodologia que usam, pois dão muita liberdade e exigem pouca disciplina, o que faz com que os alunos se sintam mais “poderosos” do que os professores.” (Ana Maria-Ciclo IV- Imersão).

Adélia e Cecília apontam para uma questão essencial no campo de conhecimento da área de educação, qual seja, a questão de métodos de ensino. O interesse do estudante de graduação volta-se para a questão de metodologias de ensino, que se relacionam a saberes específicos do campo da educação, como a Didática. É uma oportunidade de se integrar o saber desenvolvido numa disciplina específica a partir do que o estudante de enfermagem observa na escola de educação básica.

“Mas se os métodos de ensino fossem mais dinâmicos poderia haver mais interesse e participação nas aulas”. (Adélia-Ciclo I)

“Percebemos também que os professores, utilizam de certos “recursos” para chamar a atenção do aluno. E a estes recursos chamamos de métodos, ou metodologia de ensino.” (Cecília-Ciclo I)

Percebe-se assim que o aluno de graduação vai recortando do fluxo de suas experiências na escola, aspectos relacionados a temas coerentes com o conteúdo da disciplina de Promoção de Saúde na Educação Básica. O aluno inserido no ambiente escolar seleciona aquilo que considera fundamental para, a partir de suas descrições, realizar reflexões em direção à construção de conceitos na área da docência, que pode ser caracterizado como os fundamentos de seus saberes de formação profissional.

Os saberes disciplinares (por exemplo, matemática, história) são construídos a partir dos saberes específicos de uma determinada profissão (Tardif,2002). É possível perceber que este saber está presente nos portfólios à medida que assuntos aprendidos nas disciplinas são relatados.

Neste trecho o estudante de graduação realiza uma reflexão acerca da relação entre saúde e educação. Para Adélia, assuntos relacionados à saúde poderiam ser abordados em qualquer momento do ato educativo e não só quando um profissional de saúde se encontra em sala de aula, sugerindo assim a interdisciplinaridade.

“mas estas ações educativas de saúde deveriam ser temas transversais podendo ser abordado em qualquer momento da educação e não obrigatoriamente tendo um personagem da área da saúde para explicação destes temas.”
(Adélia-Ciclo I)

A aluna Cecília destaca um dos conhecimentos que foi adquirido na disciplina num momento de Laboratório de Prática Pedagógica. Ela cita sobre um documento oficial, explica-o, e assim como Adélia se expressou no trecho acima, é possível perceber que ela se apropria da possibilidade de trabalho conjunto entre os setores da saúde e educação.

“Vimos também que existe uma portaria (66) que faz com que saúde e educação trabalhem com temas transversais como sexualidade, cidadania, meio ambiente, violência, trabalho.” (Cecília-Ciclo I)

Assim, pode-se dizer que a identidade de enfermeiro também está sendo construída quando o aluno de graduação desenvolve ações no contexto da escola básica. Seu olhar é direcionado

pelos saberes específicos que são construídos no curso de Enfermagem e o foco de suas reflexões está na inter-relação entre saúde e educação, assim como no seu papel como enfermeiro-professor na escola de educação básica.

Saberes Experienciais

Os próprios professores no exercício de suas funções e na prática de sua profissão desenvolvem seus saberes experienciais (TARDIF, 2002), baseados no trabalho do dia a dia e no conhecimento de seu meio. Nos portfólios os alunos destacam a importância da experiência para executar a função de educador.

“vi o quanto é difícil ser professor e sei que, por já ter estado nos dois lados da moeda, devo me esforçar para ser uma boa profissional e devo me dedicar para ser uma boa aluna, já que me falta um grande caminho na graduação.”
(Ana Maria-Ciclo VI)

Na disciplina “Promoção da Saúde na Educação Básica”, o graduando vive a experiência de ser educador no final da disciplina. A partir de sua experiência em sala de aula como professor, o graduando deixa explícito que percebe os desafios de ser professor, e do esforço para ser um bom profissional, relatos que expressam indícios do processo de construção de sua identidade docente, construída a partir de conhecimentos e experiências na realidade concreta da escola.

Saberes Curriculares

Os saberes curriculares são os discursos, objetivos e métodos, a partir dos quais a instituição escolar apresenta os saberes sociais por ela definidos (Tardif, 2002). Adélia em seu portfólio faz referência ao currículo da escola, demonstrando que percebe

que a ação do professor na escola de educação básica é direcionada pelo projeto político pedagógico.

“Por último falamos sobre os portadores de necessidades especiais e a Prof^a M. explicou que existe um projeto de inclusão para esses alunos; para que eles possam conviver com outros alunos; e também para que outros alunos possam conviver com eles.” (Adélia-Ciclo I).

Percebe-se assim que os graduandos de enfermagem acesam elementos específicos do contexto escolar, na direção do que Tardif (2002) aponta como saber curricular. Essa abordagem caracteriza um graduando preocupado com o mundo em que vive, e que está atento às transformações sociais.

O processo de construção da identidade docente ao longo da disciplina

Outra análise possível se relaciona ao percurso de aprendizagem ao longo da disciplina Promoção de Saúde na Educação Básica. No ciclo I, momento inicial da disciplina, os sujeitos (Ana Maria, Cecília, Adélia) mostram-se focados nos alunos da educação básica, relatando vários aspectos sobre interesse e participação em sala de aula. Mais tarde, nos ciclos IV e VI, os sujeitos (Ana Maria, Cecília, Adélia) já indicam uma alteração no foco de análise dentro da sala de aula da educação básica, passando a realizar reflexões sobre o papel do professor da escola básica, indicando que ele próprio se coloca também na situação em um papel diferente, como futuro professor.

A síntese das posturas assumidas pelos três sujeitos (Ana Maria, Cecília, Adélia) no início da disciplina e no decorrer dela, revelou que dentro da escola, o discente de graduação da licenciatura participa das aulas ministradas pelos professores das disciplinas da educação básica. Os graduandos de enfermagem

demonstram, inicialmente, incômodo com a agitação dos alunos na sala de aula e com a dificuldade dos professores de manterem o silêncio, evidenciando que a preocupação com a indisciplina e controle dos alunos é um aspecto marcante no olhar destes alunos sobre o fazer docente.

Esse incômodo pode ser percebido nos seguintes trechos presentes nos portfólios:

“nesta aula os alunos estavam agitados e assim que entramos na sala a professora disse aos alunos para não decepcioná-la, pois estávamos lá”. (Ana Maria – Ciclo IV – Imersão)

No início da disciplina, as metodologias usadas pelos professores da educação básica também chamam atenção dos licenciandos:

“alguns professores exigem decorar a matéria, impõem suas formas de agir, já outros não sabem qual metodologia que usam, pois dão muita liberdade e exigem pouca disciplina, o que faz com que os alunos se sintam mais “poderosos” do que os professores. Por fim outra questão foi que há uso exagerado de texto para copiar durante as aulas e isso demanda muito tempo, por outro lado, a escrita pode ser uma forma de aprendizado”. (Ana Maria – Ciclo IV – Imersão)

Com as discussões e estudos realizados ao longo da disciplina, os sujeitos analisados (Ana Maria, Cecília, Adélia) trazem em seus portfólios novas concepções sobre a relação professor – aluno, antes fundamentada principalmente na questão da indisciplina destes. Também pode-se perceber que Ana Maria, Cecília, Adélia reconhecem seus próprios processos de aprendizagem, em que a reflexão foi elemento essencial.

“No decorrer da disciplina conheci conceitos e vivi fatos que mudaram meu posicionamento sobre a relação

professor/ aluno (...) o mais importante para mim foi mudar (...) a forma de refletir, (...) (fazer) um relato para um portfólio reflexivo, pois apesar de ser trabalhoso é um livro de atitudes e experiências” (Ana Maria – Ciclo VI – LPP)

O estudo dos portfólios escritos por alunos que estão começando a participar da prática docente, demonstram que essa identidade vai sendo constituída ao longo do tempo, quando o estudante vai construindo os saberes docentes conforme discutido por Tardif (2002). Esta construção se dá a partir de observações e ações em cenários reais de práticas sustentadas nos conceitos trabalhados na disciplina Promoção de Saúde na Educação Básica. Um destes conceitos é o de metodologias ativas, pois a disciplina propõe que o aluno entenda esse conceito e o incorpore em sua formação docente. Entretanto, o estudo do conceito não é separado da realidade do mundo do trabalho. É a partir de uma inquietação ao observar a realidade, que se cria o espaço para o aprofundamento teórico realizado por meio de leituras e de imersões nos cenários de prática. No trecho a seguir, Ana Maria deixa claro que é preciso formas de ensino que garantam interesse e participação nas aulas, sugerindo que a aluna se interesse por esta temática, o que potencializará seu estudo e novas reflexões sobre o tema.

“Mas se os métodos de ensino (na educação básica) fossem mais dinâmicos poderia haver mais interesse e participação nas aulas” (Cecília – Ciclo I – Síntese Provisória)

Considerações Finais

A disciplina “Promoção em Saúde na Educação Básica” do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem está convergente com as Diretrizes Curriculares para Formação de

Enfermeiros e para Formação de Professores, aprovadas pelo Ministério da Educação, e com o Programa de Formação de Professores da USP, dando destaque para a interdisciplinaridade e a para a inserção do estudante nos diferentes cenários da prática em saúde e educação, onde o graduando se forma como educador e enfermeiro ao mesmo tempo.

Os portfólios analisados, demonstraram que os alunos trazem evidências que a metodologia escolhida pela disciplina com a adoção do ciclo pedagógico e o uso de portfólio, contribuem para a formação de sua identidade docente, pois os sujeitos evidenciam em seus relatos que estão incorporando e formando os saberes de formação profissional, saberes curriculares, saberes experienciais e curriculares.

Referências

ALVARENGA, G.M.; ARAUJO, Z.R. Portfólio: conceitos básicos e indicações para utilização. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 17, n. 33, abr. 2006 .

BARDIN, L. (2004). **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70.

CABRERA, M.A.S.; TURINI, B.; PACCOLA, L. B.B. O uso de portfólio na prática de atendimento domiciliar a idosos no curso de Medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, June 2008

CUNHA, M.I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, vol. 23 n. 1-2, Jan./Dec. 1997).

CUNHA, I.C.K.O.; SANNA, M.C. Portofólio como estratégia de avaliação de desempenho de integrantes de um grupo de pesquisa. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 60, n. 1, Feb. 2007.

FORTUNA, C.M. et al. A produção de narrativas crítico-reflexivas nos portfólios de estudantes de enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 2, Apr. 2012.

PIMENTA, S.G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: Pimenta, SG (org) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo, Cortez, 1999, p. 15-34.

RANGEL, J.N.M.; GARFINKEL, M. O portfólio e a autoria de pensamento: um estudo na Psicopedagogia. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 24, n. 73, 2007.

SOARES, S.R.; CUNHA, M.I. **Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade** [online]. Salvador: EDUFBA, 2010.

SOBRAL, F.R.; CAMPOS, C.J.G. Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 1, Feb. 2012.

TARDIF, M. **Saberes docentes e Formação Profissional**. 6. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

VILLAS BOAS, B.M.F. O portfólio no curso de pedagogia: ampliando o diálogo entre professor e aluno. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 90, Apr. 2005.

A MONITORIA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO NA LICENCIATURA EM ENFERMAGEM

GABRIELA RODRIGUES BRAGAGNOLLO¹
NEIRE APARECIDA MACHADO SCARPINI²
MARTA ANGÉLICA IOSSI SILVA

Apresentamos neste capítulo um relato de experiência em monitoria, correspondente ao Programa de Estímulo ao Ensino de Graduação (PEEG) da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo – USP. A monitoria foi desenvolvida por uma graduanda do quinto ano de Enfermagem, durante o primeiro semestre de 2014, na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo – EERP/USP, a partir das temáticas de promoção e educação em saúde no âmbito de uma disciplina pedagógica para a área da saúde, designada Promoção da Saúde na Educação Básica.

A Carta de Ottawa, baseada em políticas saudáveis, por meio de uma perspectiva emancipatória, indica que a promoção da saúde tem o propósito de capacitar os indivíduos e a comunidade para se tornarem protagonistas no processo da própria vida

¹ Bolsista do Programa de Estímulo ao Ensino de Graduação – PEEG/USP 2014

² Bolsista CAPES Pró-Ensino, Edital 24/2010, Projeto 2037/2010, vigência 2013/2016.

e da coletividade, inspirando uma vida de qualidade, com saúde e que cada sujeito supra as suas necessidades para viver melhor física, espiritual, social, econômica, cultural e intelectualmente (OMS, 1986). Esta carta vem complementar a Declaração de Adelaide, a qual destaca que as desvantagens sociais e educacionais das pessoas podem ser superadas com a implementação de políticas e ações condizentes e promotoras da saúde da população (BRASIL, 2002).

Sendo assim, a escola básica tem representado um espaço promissor entre saúde e educação, o qual permite grande articulação para ações e intervenções: “[...] ações de diagnóstico clínico e/ou social estratégias de triagem e/ou encaminhamento aos serviços de saúde especializados ou de atenção básica; atividades de educação em saúde e promoção da saúde” (CASEMIRO, FONSECA e SECCO, 2014, p 830).

O PEEG é voltado a estudantes de todos os cursos da USP e tem por objetivo incentivar alunos da graduação a aperfeiçoarem seus estudos em uma área de conhecimento de maior interesse, por meio do desenvolvimento de atividades supervisionadas de ensino (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2014).

A monitoria é baseada em um processo dialógico, significativo e crítico-reflexivo que permite ao estudante experimentar atividades de ensino junto a um docente. Essas atividades envolvem ações de planejamento, avaliação, estratégias de ensino e a postura reflexiva no desenvolvimento de uma práxis, para além de uma ação técnico-reprodutora (FRISON; MORAES, 2010).

A experiência em monitoria possibilita ao estudante ampliar o conhecimento, desenvolver um pensamento crítico, construir habilidades e atitudes, além disso, colaborar com a formação e produção acadêmica (COSTA, et al., 2013); também favorece a autoanálise sobre o seu processo de ensino e aprendizagem. Durante o percurso de monitoria, ao entrar em contato com diferentes metodologias desenvolvidas pelo docente da

disciplina, é possibilitado à aproximação com a metodologia de ensino, influenciando de forma significativa e promovendo habilidades para o ensino e ao mesmo tempo para a aprendizagem (CARVALHO et al., 2012). -

Segundo Nunes (2007), a monitoria acadêmica representa um espaço de formação para o monitor, como uma ação que visa contribuir com a melhoria da qualidade da educação, e completa que a monitoria deve ser pensada a partir do processo de ensino.

Nesta perspectiva, o propósito da monitoria é apropriação de saberes pertinentes à docência, incentivado por vivências no âmbito da sala de aula. Assim, a formação de professores se apresenta como um desafio, por exigir a articulação entre diferentes saberes para a aquisição e construção de conhecimento e competências (TARDIF, 2002; GUIMARÃES, 2004).

Estudos demonstram que monitoria é uma ferramenta facilitadora para o desenvolvimento teórico-prático do aluno, embora, não se concretize como instrumento único e responsável pela qualificação deste, mas, contribui, na medida em que a mediação do monitor pode oferecer aos acadêmicos a possibilidade de autorregular suas aprendizagens (HAAG et al., 2008).

Este trabalho se constitui em um relato de experiência, ou seja, uma forma metodológica que permite a descrição de experiências vividas. Tem o objetivo de descrever a experiência em monitoria de uma graduanda do quinto ano do curso de Licenciatura em Enfermagem da EERP/USP, durante o primeiro semestre de 2014, no âmbito da disciplina pedagógica Promoção da Saúde na Educação Básica.

O relato de experiência possibilita explorar aprendizados vivenciados por outrem, comparando com a própria realidade (CARVALHO et al., 2012). Como a experiência corresponde ao primeiro semestre de 2014, a monitora cumpriu 10 horas semanais, junto à disciplina Promoção da Saúde na Educação Básica do segundo ano do Curso de Bacharelado e Licenciatura em

Enfermagem, nas modalidades de ensino presencial e não presencial, em horários destinados para estudo e aperfeiçoamento, elaboração de atividades, tarefas, confecção de material de apoio junto ao docente e aos graduandos monitorados.

A referida disciplina prevê a inserção dos alunos no cenário da escola de Educação Básica, especificamente, Ensino Fundamental e Médio; destina-se à construção da competência do Enfermeiro Licenciado na Educação Básica, através da realização de ações educativas voltadas para a Promoção em Saúde dos escolares. Trata-se de uma disciplina anual, composta de 135 horas, desenvolvida em quatro turmas de 12 a 13 alunos, tendo-se um docente supervisor em cada turma. Esse relato refere-se à participação da monitora em uma dessas turmas.

No campo da formação, destaca-se a capacitação do enfermeiro licenciado para atuar na Promoção da Saúde na Educação Básica e como professor. Dessa forma, busca-se possibilitar a construção de conhecimentos, habilidades e atitudes para a docência e para o desenvolvimento de ações de Promoção da Saúde na Escola de Educação Básica, contextualizadas a partir da realidade social, das diretrizes educacionais e do Sistema Único da Saúde (SUS).

No âmbito da Educação Básica, desenvolvem-se ações com abordagem de diversos temas, a partir das demandas locais e diagnósticos realizados nas escolas, além de temas prioritários na atenção à saúde dos escolares como a saúde bucal, saúde mental, sexualidade, saúde sexual e reprodutiva, prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas, prevenção de acidentes e violências, ações de segurança alimentar e promoção da alimentação saudável; promoção da atividade física nas escolas, em atendimento ao que se preconizam no Programa Saúde na Escola (PSE/MS) e as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde (MS).

Na disciplina os conhecimentos são desenvolvidos e construídos a partir da metodologia ativa, buscando configurar uma aprendizagem significativa na formação do enfermeiro no tocante à educação para a saúde, contemplando a promoção da saúde na educação básica. Neste propósito pretendeu-se: acompanhar a turma de graduandos no reconhecimento do contexto da escola de educação básica; ajudar a conhecer e a explorar o Projeto Político e Pedagógico da escola e identificar temáticas de interesse dos escolares para educação em saúde; colaborar com o planejamento de ensino e o seu desenvolvimento; acompanhar atividades educativas voltadas para a saúde por meio de estratégias ativas de ensino-aprendizagem a partir de um ciclo pedagógico.

As atividades de monitoria ocorreram uma vez por semana acompanhando a organização e método da disciplina, o qual se estabeleceu a partir do ciclo pedagógico: *Imersão na realidade* – momento em que as atividades são desenvolvidas no cenário de ensino-aprendizagem da escola de educação básica; *Síntese provisória* – construída em subgrupo, com o acompanhamento da docente supervisora considerando que em sala de aula realiza-se a leitura, discussão e síntese dos relatos elaborados individualmente. Durante o ciclo pedagógico e, partir da imersão na escola de Educação Básica e da identificação dos problemas relacionados ao contexto escolar, cada graduando elabora um relato destacando as suas percepções sobre a realidade escolar. Esse relato, levado para a aula, é problematizado até se chegar às questões de aprendizagem para a continuidade do ciclo de formação do graduando. A etapa seguinte a partir de uma questão construída, constitui-se na *Busca de informações/conhecimentos*, a qual foi realizada em fontes variadas (artigos científicos, textos oficiais, livros), tendo o objetivo de subsidiar a compreensão das questões de aprendizagem levantadas a partir da imersão na realidade. Dos textos buscados, o graduando elabora individualmente, uma síntese. Em meio ao ciclo, constrói-se a *Nova*

síntese, constituída da reflexão dos graduandos sobre os pontos levantados e discutidos desde a imersão, cuja intenção se traduz em compreender os problemas identificados e reconstruir, então, uma prática no tocante à promoção da saúde. Durante o ciclo, também está previsto momentos de *LPP (Laboratório de Prática Pedagógica)* – espaço de realização de laboratórios de prática profissional pedagógica para a produção/supervisão de práticas educativas e, finalmente, a *Avaliação* – ao final de cada atividade, realiza-se a auto avaliação, avaliação do grupo e a avaliação do docente supervisor, responsável pela turma.

O processo avaliativo na disciplina, por sua vez, ocorre por meio de uma avaliação formativa individual e grupal durante todo o processo do ciclo pedagógico, envolvendo as atividades práticas e teóricas, os registros no portfólio reflexivo e ao final por uma avaliação cognitiva.

A Percepção da Monitoria

Por meio do PEEG desenvolveu-se as seguintes atividades:

- Acompanhamento e participação em reuniões junto aos docentes para planejamento e elaboração das atividades desenvolvidas durante a disciplina;
- Participação em momentos de discussões e reflexões com os graduandos e com os docentes em sala de aula e no cenário de prática;
- Participação e auxílio aos graduandos no processo ensino-aprendizagem, em consonância com a proposta pedagógica do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, auxiliando na identificação das problemáticas surgidas no contexto escolar e no aprofundamento dos estudos de novas situações de aprendizado no âmbito da Promoção de Saúde na Educação Básica;

- Apoio aos alunos, juntamente com o docente supervisor da disciplina, na orientação e organização de estratégias de ensino para as ações de promoção da saúde;
- Acompanhamento e envolvimento na avaliação contínua das atividades desenvolvidas durante todo o processo pedagógico, juntamente com o docente.
- Interação no ambiente virtual de aprendizagem – Moodle. Esta ferramenta permitiu acompanhar o ciclo pedagógico da disciplina Promoção da Saúde na Educação Básica, desde o planejamento inicial com o contrato de envolvimento dos alunos e o acordo para o processo avaliativo; favoreceu a comunicação por meio de mensagens, o acesso aos textos, vídeos e links sugeridos pela docente supervisora; a leitura dos portfólios dos alunos; o plano de atividades e o encerramento do ciclo pedagógico. Por mais que seja uma ferramenta virtual que capta grande parte do processo de ensino e aprendizagem com base nos registros dos graduandos, ainda assim foi uma atividade complexa, conforme assevera Vigotski (2009, p. 455), pois cada texto escrito transmite o contexto psicológico interior ao falante, o único que revela o resultado das interações, das sensações e reflexões, resultante de significados construídos no contexto, neste caso, da disciplina Promoção da Saúde na Educação Básica. A palavra escrita de cada texto se apresenta de diferentes maneiras de expressão, fruto dos momentos de interação direta com todos os graduandos e a docente supervisora.

Durante o período da monitoria, ocorreu o contato com a teoria e a prática dos assuntos relacionados à promoção e educação em saúde. Esse contato proporcionou maior aprimoramento dos conhecimentos já adquiridos anteriormente, bem como uma posição mais crítica e confiante na realização de atividades

acadêmicas, até o término do curso (PERRENOUD, 1995). Devido à complexidade do ato docente, não é possível desconsiderar que dificuldades podem surgir durante um processo de formação para a educação em saúde e, especialmente, para a transformação, uma vez que o próprio contexto coloca o monitor tanto como aprendiz, como agente autônomo, para intervir e ampliar os conhecimentos e desafiar a prática, embora possam surgir momentos de insegurança frente à turma (LORTIE, 1975).

Um ponto a ser destacado é a diversidade de posturas entre os graduandos. De um lado, houve situações típicas como o desinteresse, a incompreensão em face a abordagem dos conteúdos e conhecimentos relevantes na construção de saberes pedagógicos para a educação em saúde. Por outro, ao contrário, foi observado a maioria dos graduandos plenamente envolvidos, interessados e bem motivados nas aulas teóricas, nos planejamentos das atividades e nas atividades de prática de promoção da saúde. O que leva a considerar a postura da docente supervisora ao valorizar os conhecimentos trazidos pelos alunos nas aulas e a sua articulação com os conhecimentos escolares, especialmente por estarem inseridos em um curso de uma universidade pública, que prega a responsabilidade social a nortear o processo de formação e “[...] pode levar a propostas de ações educativas que envolvam os alunos, indicando caminhos e novas possibilidades que, pela especificidade do interesse na turma, pode levar a resultado não esperado em outro contexto” (GONÇALVES, 2011).

Devido à monitora ser graduanda do curso de Licenciatura em Enfermagem e ter cursado a disciplina no segundo ano da graduação, a experiência atual possibilitou outros olhares sobre a prática de promoção da saúde. A experiência como monitora permitiu olhar para as ações de promoção da saúde a partir de novas e ressignificadas perspectivas, ou seja, observando o movimento entre o ensino e a aprendizagem da turma. Ademais, pelo lado de aprendiz, foi oportuna a aquisição de novos

conhecimentos que colaboraram na consecução de habilidades para a prática pedagógica. Isso vem a contribuir para o futuro exercício da prática pedagógica e mesmo da profissão de Enfermagem.

Os enfermeiros licenciados são desafiados não só a desenvolver educação em saúde específica para a comunidade escolar, como também a focar as necessidades educacionais da sociedade, sendo um processo que envolve interação entre educadores e educandos, e não uma simples transmissão de conhecimentos de saúde. Logo, tem-se a educação em saúde como um propósito de construir o conhecimento de forma participativa e corresponsável com os sujeitos, conduzindo ao autocuidado e empoderamento (ROSSI; SILVA, 2005).

Neste âmbito, cabe dizer que o contato cotidiano com a teoria e a prática dos temas de promoção e educação em saúde, proporcionou aprimoramento dos conhecimentos existentes, bem como uma atuação mais crítica e autônoma na realização das atividades acadêmicas no decorrer do curso (CARVALHO et al., 2012).

Serafim e colaboradores (2007) referem que durante o processo de construção de conhecimento entre docentes e monitores, aparecem novas ideias, com o objetivo de melhorar ainda mais, esta atividade que é complementar, com a finalidade de auxiliar os acadêmicos, ou seja, em prol de todos.

A experiência da monitoria mostrou-se de extrema importância, pois permitiu executar atividades no âmbito da ação docente e vivenciar os dois papéis: o de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, e o de aluno no processo de aquisição de habilidades (NATÁRIO; SANTOS, 2010). Além de permitir a significação do conhecimento adquirido no decorrer da trajetória do curso na disciplina Promoção em Saúde na Educação Básica, ao mesmo tempo em que possibilitou a interação com os graduandos em vivências práticas de ensino-aprendizagem.

No meio acadêmico, pode-se perceber que realmente o aluno-monitor é a ponte entre o professor e o aluno, com isso procura facilitar a compreensão dos conteúdos estudados em sala de aula, pois o monitor também é estudante e passa pelas mesmas dificuldades que seus monitorados, o que facilita para em um conhecimento e enriquecimento único de ambos no sentido acadêmico (NATÁRIO; SANTOS, 2010).

A experiência permite agregar conhecimento pelo contato com os graduandos, pela revisão contínua dos conteúdos e a busca e atualização de informações e tecnologias, além de demonstrar a importância dos programas de monitoria da Universidade (HAAG et al., 2008). A vivência como monitor permite, ainda, compartilhar saberes, exige estudo, preparo, habilidades e destrezas, assim como contribui para o desenvolvimento de habilidades e competências na formação acadêmica de bacharelado e licenciatura em enfermagem.

Para finalizar, sublinha-se que a monitoria possui um papel relevante e de apoio à melhoria da qualidade do ensino, engloba as potencialidades do aluno monitor, constituindo-se em uma atividade plena, pois auxilia a expansão dos saberes pedagógicos produzidos durante sua formação profissional, bem como da criatividade, da pesquisa, da autoexpressão, do raciocínio, da compreensão e da sensibilidade didático-pedagógica na relação com o outro.

Considerações Finais

Considera-se que a monitoria realizada no contexto da disciplina Promoção da Saúde na Educação Básica possibilitou o contato com práticas de ensino e aprendizagens relevantes para o futuro enfermeiro licenciado. Durante o ciclo pedagógico foi possível revisar as teorias de ensino articuladas aos conhecimentos

de promoção da saúde que, juntos configurados, foram transformados pelos graduandos em saberes de cuidado em saúde para os alunos da escola básica. A experiência como monitor favorece o envolvimento com o processo teórico, metodológico e prático no cenário do ensino superior, possibilitando a reflexão e a criticidade, onde a ruptura e avanço do conhecimento constituem-se em aprendizagens significativas. Essa experiência, ressignificada pela monitora, de saberes construídos em ensino e aprendizagem, poderão ser resgatadas em momentos futuros de atuação profissional.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Projeto Promoção da Saúde. As Cartas de Promoção da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

CARVALHO, I. S.; NETO, A. V. Lima; SEGUNDO, F. C. F.; CARVALHO, G.R.P.; NUNES, V.M. Monitoria em semiologia e semiotécnica para a enfermagem: um relato de experiência. **Rev Enferm UFSM**, v. 2, n. 2, p.464-71, 2012.

CASEMIRO, J. P; FONSECA, A. B. C; SECCO, Fa. V. M. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciênc. saúde coletiva**, vol.19, n.3, p. 829-840, 2014.

COSTA, R. H. S. et al. Vivência socioeducativa da monitoria em enfermagem: prática de ensino e emancipação. In: SANTOS, A. S.; NORONHA, C. A.; CUNHA, E. R (Orgs). **Relato de experiências: projetos premiados 2011**. Natal, RN: EDUFRN, 2013. 128 p. (Cadernos de monitoria; nº 1).

FRISON, L.M. B; MORAES, M.A.C. As práticas de monitoria como possibilitadoras dos processos de autorregulação das aprendizagens discentes. **Póiesis Pedagógica**. v.8, n.2 p.144-158, 2010.

GONÇALVES, M.F.C. Planejamento de ensino: um olhar para as experiências escolares progressas de enfermeiros professores em formação. In: Sicca, N.A.L.; Fernandes, S.A.de S.; David, A.; Marques, M.A. de R.B. **Ensino Superior: estudos sobre currículo e formação**. Florianópolis: Insular. 2011. p. 199-215.

GONZÁLEZ R. F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUIMARÃES, V. S. **Formação de professores**: saberes, identidade e profissão. Campinas: Papirus, 2004.

HAAG, G.S, et al. Contribuições da monitoria no processo ensino-aprendizagem em Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 2008.

LORTIE, D. C. **Schoolteacher**: a sociological study. Chicago: University of Chicago, 1975.

NATÁRIO,E.G; SANTOS, A.A.A. Programa de monitores para o ensino superior. **Estud. psicol.** Campinas, v. 27, n.3, p. 355-364, 2010.

NUNES, J.B.C. Monitoria acadêmica: espaço de formação. In: SANTOS, M.M.; LINS, N. M. (Org.). **A monitoria como espaço de iniciação à docência**: possibilidades e trajetórias. Natal: EDUFRN, 2007. p. 45-58.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS), 1986. **Carta de Ottawa**. 1986. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf. Acesso em: 26 Mar. 2016.

PERRENOUD, P. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Editora, 1995.

ROSSI, F. R; SILVA, MAD. Fundamentos para processos gerenciais na prática do cuidado. **Rev Esc Enferm USP**, vol. 39, n. 4, p. 406-8, 2005.

SERAFIM, D; ICHISATO, S. M; CORREA, D. A. M; MARINO, M. M; CIACIARE, B. C; CORRÊA, J. L. Estratégias de ensino na monitoria de saúde da mulher e da criança do curso de enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. **Cienc. Cuid. Saúde**, v. 6, n. 2, p. 474-80, 2007.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Pró Reitoria de Graduação. Programa de Estímulo e Ensino a Graduação. Ribeirão Preto, 2014. Disponível em: http://www.prg.usp.br/?page_id=399
Acesso em 10 set 2014.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PROMOÇÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: possibilidades e desafios para licenciatura em enfermagem

CAMILA BERNARDI DE NOVAES¹
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Promoção da saúde é o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global (OMS, 1986).

A caracterização da promoção da saúde sustenta-se no entendimento de que saúde é produto de vários fatores relacionados com qualidade de vida, alimentação e nutrição, habitação e saneamento, boas condições de trabalho, oportunidades de educação, entre outros (BUSS, 2000).

O Ministério da Saúde (1998) compreende que o período escolar é fundamental para se trabalhar a saúde na perspectiva de sua promoção, desenvolvendo ações para prevenção de

¹ Bolsista CAPES Pró-Ensino, Edital 24/2010, Projeto 2037/2010, vigência mar/2011 a fev/2013.

doenças e para fortalecimento dos fatores de proteção. Além de a escola ter uma função pedagógica específica, tem uma função social e política direcionada para a transformação da sociedade, razões que justificam as ações voltadas para a comunidade escolar, dando assim, concretude às propostas de promoção da saúde (BRASIL, 2002).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN sugere-se, dentro do capítulo relacionado ao tema transversal saúde, que toda escola deve incorporar os princípios de promoção da saúde indicados pela Organização Mundial da Saúde – OMS: integrar profissionais de saúde, educação, pais, alunos e membros da comunidade, no esforço de transformar a escola em um ambiente saudável; implementar práticas que respeitem o bem-estar e a dignidade individuais e implementar políticas que garantam o bem-estar individual e coletivo, oferecendo oportunidades de crescimento e desenvolvimento em um ambiente saudável, com a participação dos setores da saúde e educação, família e comunidade (BRASIL, 1997).

Sabendo que a promoção da saúde na escola é essencial, e que as escolas não devem deixar de trabalhar este tema, é importante refletir a maneira de trabalhar. Diante deste panorama, a necessidade não apenas da abordagem temática da saúde, como também a preparação dos profissionais para desenvolver este trabalho, deve ser questionada e analisada, levando em consideração quais profissionais estão sendo formados para atuarem na promoção da saúde na educação básica e como esta formação ocorre.

As atuais Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Licenciatura em Enfermagem indicam que se espera, entre outros, o perfil de profissionais capacitados para atuar na educação básica. As diretrizes destacam ainda os conhecimentos, habilidades e competências que devem ser desenvolvidos pelos universitários em sua formação.

Ainda são poucos os cursos de Licenciatura em Enfermagem em relação aos cursos de Bacharelado em Enfermagem no Brasil. Sua importância, no entanto, parece cada vez mais evidente através das políticas públicas que buscam aproximar os profissionais de saúde nas escolas de educação básica. Considerando-se que existem políticas públicas que vêm promovendo e incentivando a promoção da saúde na educação básica, faz-se importante estudar a formação e as possibilidades de trabalho do futuro enfermeiro em tal contexto (NOVAES; GONÇALVES, 2011).

Assim, as questões que motivaram este estudo foram: como tem sido trabalhada a educação em saúde nas escolas? Que professores têm feito esse trabalho? Há profissionais de saúde, que não os professores, envolvidos nesse trabalho? Como se dá essa parceria? A formação desses profissionais difere da formação dos professores? Há enfermeiros licenciados para esse trabalho? Qual a contribuição desses profissionais para a escola?

Essas inquietações levaram ao seguinte problema de pesquisa: em que medida a participação de estudantes da enfermagem pode contribuir no trabalho de promoção da saúde na escola? Que diferenciais apresentam? Que contribuições esses alunos, como futuros profissionais da saúde, trazem a esse trabalho na escola?

Diante disso, este trabalho teve como objetivo principal analisar a inserção de estagiários do Curso de Licenciatura em Enfermagem na Educação Básica em atividades de Promoção da Saúde, além de identificar as concepções dos estagiários sobre promoção da saúde na educação básica; analisar o processo da sua inserção na escola de educação básica; compreender sua visão sobre o papel do enfermeiro licenciado na escola; analisar como veem sua formação para atuação na escola de educação básica.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, e tal abordagem, requer que os pesquisadores desenvolvam empatia para com as pessoas que fazem parte do estudo e que façam esforços

para compreender os vários pontos de vista. O objetivo não é juízo de valor, mas antes, compreender o mundo dos sujeitos (FLICK, 2009).

Participaram da pesquisa 12 alunos do quarto ano do Curso Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, com idade entre 23 e 28 anos, que aceitaram o convite de participar após conhecimento da proposta do estudo e consentimento por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os nomes dos sujeitos aqui apresentados são fictícios.

Para ser coerente com a proposta metodológica, utilizou-se para a coleta de dados, dois encontros de Grupo Focal, além da observação e registros das práticas de campo. O Grupo Focal é uma discussão em grupo, provocada por temas disparadores, para apreensão das diferentes percepções e atitudes acerca de um fato, prática, produto ou serviço. A essência do Grupo Focal consiste justamente na interação entre os participantes e o pesquisador que objetiva colher dados, a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos (IERVOLINO; PELICIONE, 2001).

No primeiro encontro de Grupo Focal no início do semestre letivo, cada participante preencheu um questionário com informações básicas, para caracterização dos sujeitos da pesquisa. Em seguida desenvolveu-se a discussão. Esse encontro contou com a pesquisadora como moderadora e com a ajuda de uma colaboradora pós-graduanda, tendo como temas disparadores: Concepções que os sujeitos têm sobre a promoção da saúde na educação básica, principais temas que pretendiam trabalhar durante o estágio e expectativas relacionadas às atividades que seriam desenvolvidas durante as ações nas unidades escolares.

Durante o semestre, foi realizado o registro de 12 sessões de observações das atividades desenvolvidas pelos estagiários, sendo quatro dias de observação em cada uma das três escolas de Ensino Fundamental, nas quais os estagiários desenvolviam seu trabalho. Em tais observações foram destacados temas e formas

de abordagem, interação entre estagiários e alunos, interação entre estagiários e profissionais da escola.

No final do semestre, foi realizado o segundo encontro e o foco de discussão resultou dos seguintes temas disparadores: Sensação sobre as atividades desenvolvidas nas unidades escolares, se as expectativas com as ações foram alcançadas, principais pontos positivos e negativos dessa parceria saúde-educação, demonstrada neste caso pela atuação de alunos da enfermagem na educação básica e perspectivas relacionadas a esse campo de trabalho e possível atuação na educação básica.

Os dados dos grupos focais, bem como dos registros das observações, foram transcritos e organizados para a realização da análise de conteúdo, temática que implica na organização e categorização, por temas, dos achados. Esta análise foi realizada em três fases: ordenação dos dados, classificação em categorias empíricas, compreensão e interpretação dos dados, dentro das temáticas propostas (BARDIN, 2004).

Discutindo a promoção da saúde na educação básica

Os dados obtidos nas reuniões do Grupo Focal e nas observações realizadas nas escolas foram analisados e organizados em cinco categorias que são apresentadas a seguir.

Concepções sobre a promoção da saúde na educação básica

Sendo foco deste trabalho a inserção dos estagiários com atividades de promoção da saúde na educação básica, é importante discutir suas concepções e entendimentos relacionados aos conceitos de saúde, educação em saúde e promoção da saúde.

No primeiro encontro, observa-se que os alunos trazem consigo conceitos muito semelhantes aos principais documentos que tratam destes temas, como a saúde vista de forma ampla e não apenas como ausência de doença, destacado na fala abaixo:

O que a gente entende por saúde não é a ausência total de doenças, o que entendemos de saúde na escola está relacionado com a qualidade de vida, é que aquela criança vá para a escola e entenda a merenda, por exemplo, com alimentos, trabalhar o aproveitamento de alimentos, o não desperdício, como a gente pode tratar, como a comida dele é tratada em casa (Larissa, Grupo Focal 1)

Pode-se apreender, também, pelos discursos dos enfermeiros em formação, que existe a compreensão de que a promoção da saúde acontece quando as pessoas se empoderam dos conhecimentos e podem atuar em sua própria causa. Uma estagiária destaca que a promoção da saúde não é fazer as ações pelo indivíduo, mas possibilitar que ele faça por ele mesmo, pela família e pela comunidade:

O termo mesmo significa a capacidade de você empoderar uma pessoa para atuar na saúde dela, no ambiente e nas suas relações, o termo é empoderar mesmo, promover saúde não é você fazer pelo indivíduo, mas você capacitar o indivíduo para que ele faça por ele, pela sua família e pela sua comunidade (Taísa, Grupo Focal 1)

Destaca-se que as ideias trazidas pelos participantes são coerentes àquelas trazidas na Carta de Ottawa (OMS, 1986), que define a promoção da saúde como o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) também confirmam essas concepções, quando destacam que

transmitir informações a respeito do funcionamento do corpo e das características das doenças, bem como de um elenco de hábitos de higiene, não é suficiente para que os alunos desenvolvam atitudes de vida saudável, dessa forma, é preciso educar para a saúde, levando em conta todos os aspectos envolvidos na formação de hábitos e atitudes que acontecem no dia a dia da escola.

À medida que os alunos de enfermagem passam a vivenciar nas escolas possibilidades de atuação no âmbito de promoção da saúde, bem como se amplia o acesso aos conceitos científicos nas aulas, os seus próprios conceitos são transformados por meio da aprendizagem. Mostram-se mais críticos em relação às suas próprias concepções sobre a promoção da saúde, reconhecendo que mudaram ao longo do semestre. Esta explicitação, por parte deles, é observada nas falas:

Acho que minha concepção agora é um pouco mais diferenciada, lendo textos, a gente vê que promoção da saúde é muito amplo, acho que o que a gente conseguiu fazer mesmo foi educação em saúde, que é uma coisa bem mais restrita, o conceito de promoção é muito mais amplo do que as atividades que a gente desenvolveu. (Marcos, Grupo Focal 2)

Nosso professor deu alguns textos para a gente ler de promoção da saúde, e pensei: não promovi saúde coisa nenhuma, se você pegar um país que tem um projeto, uma política de promoção da saúde dentro da escola, e não só a escola, que conta com a comunidade, a promoção se expande, trabalhar junto[...]. (Carla, Grupo Focal 2)

Esse processo de transformações de significados e conceitos vai ao encontro das ideias trazidas por Vigotski (2001) que ressalta que a formação de conceitos não se dá no vazio e nem de forma solitária, é um processo que se desenvolve de forma dinâmica, viva e complexa, e os significados são construídos ao longo

da história, com base nas relações dos homens com o mundo físico e social, estando em constante transformação.

As transformações desses conceitos segundo os estagiários, foram possibilitadas por leitura de textos e documentos durante a disciplina, discussões e participação no estágio, propiciando reflexões sobre as atividades desenvolvidas, e que percebem agora o quão amplo é o termo promoção da saúde, que talvez o que tenham conseguido desenvolver foi educação em saúde.

As diferenças entre esses conceitos, são ressaltadas por Candeias (1997), sendo que a educação em saúde procura desencadear mudanças de comportamento individual, enquanto que a promoção da saúde visa a provocar mudanças de comportamento organizacional, ideias que vão ao encontro das que os participantes possuem, pois os mesmos destacam ainda que educação em saúde é mais restrito, e que o conceito de promoção da saúde é mais amplo que as atividades desenvolvidas por eles.

Inserção dos estagiários no ambiente escolar

A inserção desses estagiários no ambiente escolar permite que conheçam os integrantes dessa comunidade, o que possibilita aproximação com o contexto da educação básica. A vivência com a prática proporciona bons momentos de aprendizagem para os estagiários.

Muitas falas dos estagiários confirmam os princípios trazidos por esse autor, pois demonstram o reconhecimento da importância do estágio para o seu futuro profissional, como se destacam nas falas abaixo:

Eu pude vivenciar a prática didática e pude também me aproximar da realidade dos alunos daquela escola, e me aproximar da realidade daqueles alunos fez com que eu compreendesse melhor a forma como eles se comportavam e a forma como eu teria que me comportar diante

de tudo aquilo, então pra mim foi uma experiência positiva como futura profissional docente, porque me fez vivenciar algumas experiências, que me trouxeram amadurecimento como futura profissional professor. (Larissa, Grupo Focal 2)

Eu acho que lá é um ambiente de muito aprendizado, porque a gente vê situações, a gente ouve coisas, vivencia coisas, uma escola muito viva, lá você aprende a falar, a ficar quieta, enfim, foi um ambiente muito rico, teve situações que a gente tinha que ter um autocontrole, tinha que respirar fundo, tinha que ter muita paciência, no final você vê que tudo não deu certo como foi planejado, mas que deu certo do jeito que deu pra dar [...]. (Elaine, Grupo Focal 2)

Segundo Vigotski (2003, p. 75) “A experiência pessoal do educando transforma-se na principal base do trabalho pedagógico” corroborando que a experiência pessoal do aluno não deve ser menosprezada no processo educativo, ao contrário, a experiência do aluno é fundamental.

Diferentes olhares sobre o papel do enfermeiro na escola

Outra categoria que se constituiu para a discussão é referente a como a comunidade escolar entende as ações desenvolvidas pelos enfermeiros em formação. Os estagiários observam que, muitas vezes, são vistos com a função de trabalhar aspectos relacionados estritamente à saúde-doença, realizando atendimentos de forma curativa, conforme fala a seguir:

Acho que eles ainda veem com aquele olhar antigo, de ver um enfermeiro, ver um médico, achar assim, nossa ele vai fazer alguma coisa pra mim. Vai aplicar alguma injeção, ou algum medicamento. Acho que precisa criar um vínculo maior, não sei, talvez conversar com eles quando eles estiverem, por exemplo no intervalo, criar um vínculo para

tirar essa imagem, este estereótipo que eles fazem de nós.
(Marcos, Grupo Focal 2)

É mais ou menos como ele falou, uma questão de estereótipo, como por exemplo, um dos nossos objetivos é tentar que o aluno perceba que o conceito de saúde não é só ausência de doença, não relacionar a imagem de um enfermeiro, de um médico, de um dentista à imagem de doença, dor, vacina, injeção, porque são crianças, mas é tentar desmistificar isto mesmo, essa quebra de preconceito, trabalhar os âmbitos da saúde, a gente sai daqui preparado, tendo tanto a base da saúde como a base pedagógica para atuar neste contexto de educação básica. (Taísa, Grupo Focal 2)

É, porque não adianta ter enfermeiro na escola para sanar meramente, para curar aquele joelho ralado, ou bateu a cabeça fez um cortesinho, né?... A função curativa. (Elaine, Grupo Focal 2)

As falas acima expressam uma visão parcial do profissional enfermeiro, embora as relações intrínsecas entre educação e saúde sejam reconhecidas desde a Antiguidade (ANTUNES et al., 2009). A maneira como são vistos na escola foi um aspecto importante levantado pelos participantes, pois, muitas vezes, a história e os vários papéis que já foram exercidos por este profissional ainda influenciam os olhares voltados para eles.

Assim, Ferriani e Gomes (1997) trazem que, no Brasil, várias obras escritas no período colonial tratam de questões que poderiam ser hoje entendidas como pertencentes aos campos da educação e da saúde. No início do século XX aconteceram as primeiras medidas governamentais, introduzindo no Brasil a saúde escolar, calcada sobretudo em organizar ações de higiene escolar, geradas pela necessidade de controlar as frequentes epidemias que assolavam as grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, o interesse pelo escolar se dava em função do ambiente

por ele ocupado, o qual deveria ser higienizado. Dessa forma, o regimento escolar priorizava procedimentos práticos de higiene corporal, ensinando as crianças a escovar os dentes, a tomar banho, a ter alimentação saudável e a valorizar o exercício físico, e talvez estas características históricas se perpetuem nos olhares que são voltados para o enfermeiro em formação dentro do ambiente escolar, com vistas às práticas higienistas.

Nos dados construídos neste trabalho, destaca-se a importância do trabalho do enfermeiro no ambiente escolar. Os estagiários percebem as unidades escolares como ambientes propícios para a promoção da saúde, visto que se possibilita que a promoção ocorra em ambientes que não as Unidades Básicas de Saúde:

Qual a vantagem de você ter a promoção da saúde na Unidade Básica ou no Núcleo de Saúde da Família se a população não vai até esses locais e não recebe essa promoção da saúde? Promoção da saúde de certa forma tem que abranger essa população que não vai até a Unidade [...]. Então nós alunos da enfermagem inseridos neste contexto escolar principalmente nessa faixa etária da educação básica, que eles estão propícios a absorver tudo com muita facilidade e chamarem atenção dos responsáveis e dos próprios coleguinhas, então é uma forma da gente levar a promoção da saúde, que o Núcleo e a Unidade de Saúde oferecem de forma limitada só para as pessoas que vão lá. (Larissa, Grupo Focal 1)

Eu acho que nosso papel também é importante, porque você vê: uma escola é um lugar de muitas pessoas juntas, então você já une um público e já consegue trabalhar mais facilmente, e a escola não é só um meio de disseminar informações, mas de doenças, então você consegue trabalhar a saúde principalmente da educação básica que é quando você tá formando o cidadão é muito importante para o futuro, e como você vai fazer isso? Eu acho muito importante a saúde entrar nos seus paralelos. (Luiz, Grupo Focal 1)

Nos discursos acima, percebe-se a compreensão do conceito promoção da saúde, quando os alunos concluem que essas atividades não devem ser desenvolvidas somente pelo setor da saúde e destacam as unidades escolares como locais propícios para a disseminação do conhecimento. Uma das participantes relata que, no caso dos locais específicos dos setores da saúde, a população tem de ir até o local, e muitas acabam não participando destas ações, já no caso das atividades a serem desenvolvidas no ambiente escolar, facilita a divulgação destas informações. Essa perspectiva corrobora os princípios trazidos pela Carta de Otawa (OMS, 1986) que define que é essencial capacitar as pessoas e que esta tarefa deve ser realizada nas escolas, nos lares, nos locais de trabalho e em outros espaços comunitários.

Diante de suas experiências no ambiente escolar, os estagiários destacam a necessidade de oficialização da função de professor enfermeiro nesse ambiente, conforme as falas:

[...] está aí a importância de ter alguém fixo ali dentro, porque os resultados serão vistos a longo prazo, só vão ser vistos se for um trabalho contínuo, a gente conseguiu plantar uma sementinha, mas a gente sai com essa sensação de impotência, porque o que a gente conseguiu plantar, sentar, conversar, ainda é muito pequeno perto de todas as situações problemáticas que eles têm. (Elaine, Grupo Focal 2)

O que me marcou foi a idealização desta parceria mesmo, porque nós conseguimos fazer com que eles se abrissem, trazer as vivências, conhecer essas situações, seria muito mais vantajoso ter alguém lá dentro o ano inteiro, todos os anos, então foi essa parceria, porque eles estão de portas abertas, porque como eu falei, quanto mais ajuda melhor. (Elaine, Grupo Focal 2)

Gonçalves e colaboradores (2008) destacam que tanto o ambiente escolar quanto a faixa etária contribuem para a promoção

da saúde, retratando que esse tema torna-se um eixo de importante trabalho em nível nacional, deixando claro que a escola é um espaço no qual se adquirem valores fundamentais. A escola é o lugar ideal para se desenvolverem programas da promoção e educação em saúde de amplo alcance e repercussão, já que exerce uma grande influência sobre seus alunos, nas etapas formativas e mais importantes de suas vidas.

O trabalho dos estagiários em promoção da saúde na escola

Outro aspecto a ser discutido é a questão do levantamento de temas, realizado a partir das principais necessidades de cada escola para desenvolver seu programa. É importante que os estagiários compreendam como a promoção da saúde é tratada nas unidades escolares e como podem desenvolver ações educativas neste contexto.

Os estagiários apontam as demandas que os professores e equipe gestora apresentam como temas a serem trabalhados, em alguns casos, em continuidade a projetos já existentes na unidade escolar:

O que foi selecionado para a gente trabalhar na nossa escola foi sexualidade, álcool e drogas, autoestima das crianças, autoimagem também, e a coordenadora falou também com relação à autoimagem o bullying. (Carla, Grupo Focal 1)

Lá na nossa escola o que eles deixam claro que é para trabalhar, ou que eles esperam que a gente trabalhe é sexualidade, drogas lícitas e ilícitas, nós percebemos que os alunos têm preocupação com a questão de alimentação, seja por causa da autoestima, bullying, mas tá relacionado e eles têm muito interesse por esportes, por exemplo, agora que está tendo Olimpíada, então relacionar um pouco saúde com esporte, com alguma coisa desse tipo. (Luiz, Grupo Focal 1)

Os temas trazidos como demanda para serem trabalhados pela escola vão ao encontro dos destacados pelos PCNs (BRASIL, 1997), como por exemplo, violência, gravidez na adolescência, drogas, autoconhecimento para o autocuidado e vida coletiva, conteúdos estes que foram selecionados no intuito de atender às demandas da prática social, segundo critérios de relevância e atualidade. Os conteúdos de saúde estão organizados de maneira a dar sentido às suas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal profundamente interconectadas.

Além dos temas trabalhados, também é importante perceber como os estagiários desenvolveram as atividades. Na busca de uma aprendizagem significativa, eles afirmam tentar partir da realidade dos alunos e não apresentar julgamentos. Além disso, também é observado que, a todo momento, os estagiários procuram estratégias para que os alunos participem das atividades, conforme falas destacadas a seguir:

Moderadora: Vocês já pensaram, por exemplo, como trabalhar o tema drogas?

Carla: A gente tá com a ideia de um trabalho que a gente fez previamente em um trabalho de extensão, não é falar se a droga é ruim ou não, se faz bem ou não, é mostrar para eles o que as drogas causam e quais suas consequências e deixar que eles mesmos tirem suas próprias conclusões, muitas vezes os alunos começavam a discutir e vinham perguntar se a gente achava que era ruim, mas a gente sempre evita se posicionar, um público bem difícil, que tem um contato muito grande com a droga.

Elaine: E nas consequências a gente dava oportunidade para eles se expressarem, mostrava fotos, e perguntava, o que vocês estão achando? Vendo essas consequências o que vocês acham? O que você tira de base de quem usa?

Carla: Sempre com uma pergunta...

Elaine: Isso, para eles trazerem para nós qual era a visão deles, [...]trazendo sempre o cotidiano deles pra essa realidade, que a gente estava mostrando todas as abordagens

eram feitas no seguinte sentido, trazendo eles para a conversa, do tipo, gente hoje vamos trabalhar esse tema assim e assim e o que vocês acham disso? O que vocês conhecem? Então a abordagem tem que ser sempre partindo da realidade deles e inserir o que a gente tá querendo trabalhar, para mostrar, para discutir, para conscientizar
(Grupo Focal 1).

Esta preocupação dos estagiários procurarem estratégias para que os alunos participem das atividades também foi encontrada nos registros das observações, destacadas a seguir:

As estagiárias dividem os alunos em três estações: “De onde vem?”, “Vista-se” e “Como é?”, alunos são trazidos para a sala e se dividem em três grupos, as estagiárias conversam com os alunos, para dividirem os grupos... Na estação “Como é?”, a enfermeira explica o preparo do corpo para a reprodução, como por exemplo, as mamas. Ela fala objetivamente, conversa com os alunos, coloca a imagem dos órgãos genitais masculinos e quer saber o que os alunos sabem do que estão vendo. Estagiária, em sua interação, sempre começa perguntando o que os alunos já sabem sobre determinado assunto, método, por exemplo, espermicida, pílula do dia seguinte, pílula anticoncepcional, explicam as desvantagens da pílula do dia seguinte, dizendo que cada vez que você toma a eficácia vai diminuindo, também discorrem sobre a pílula anticoncepcional como e quantas tomar (Observação Escola do Jardim).

Na 5ª série C: já no corredor os alunos reconhecem os estagiários e perguntam que sala eles vão atender, os alunos entram conversando muito com os estagiários, e eles iniciam suas falas dizendo que farão um contrato pedagógico: estagiário diz que falará sobre drogas, uma aluna diz que já viu isso, o estagiário responde, duvido que você viu como nós vamos trabalhar hoje, estagiários começam apresentação de Power Point: Drogas: Nem certo, nem errado, e em outro slide: Álcool: o que é e como age no corpo? Estagiários mostram fotos de

lança-perfume, e a maioria dos alunos reconhecem a foto. Parte bastante ilustrativa da apresentação com muitas fotos. Remédios tarja preta... para finalizar: imagens de pessoas felizes (o que eu ganho se não usar drogas? – reflexão sobre vida boa (não me preocupar) poder pensar e estudar, trabalhar e relaxar... Outra reflexão trabalhada pelos estagiários foi: o lugar que eu moro tem muitas pessoas que usam drogas. É possível conviver com estas pessoas? Podemos aceitar suas condições sem aceitar suas ofertas? Os alunos discutem e falam que não podem se aproximar de quem usa porque têm medo. (Observação Escola do Parque).

Nas observações e nas falas, é perceptível que os alunos buscam iniciar suas ações com questionamentos sobre o que eles já sabem com referência ao tema que será trabalhado. Este levantamento inicial, levando em consideração os conhecimentos prévios dos alunos e suas experiências, vai ao encontro do que Vigotski (2003) propõe como essência do processo educativo, ressaltando que a experiência pessoal do aluno é fundamental, e que a educação deve ser organizada de forma a partir daquilo que os alunos já trazem. Outro aspecto facilitador e que vai ao encontro dos princípios trazidos pelo mesmo autor, eram as atividades em grupo que propiciavam discussões e maior interação entre os alunos, pois esse autor defende que o indivíduo não existe isolado, ele se constrói e constrói o outro na interação, por isso, o desenvolvimento humano é visto como um empreendimento conjunto e não individual.

O convívio com sujeitos mais experientes da cultura tende a favorecer novas aprendizagens que estimulam o desenvolvimento cognitivo, introduzindo o conceito denominado *zona de desenvolvimento proximal*, que representa a diferença entre a capacidade do aluno de resolver problemas por si próprio e a capacidade de resolvê-los com ajuda de alguém (VIGOTSKI, 2001).

Essas observações, bem como as falas dos alunos, permitem ainda, identificar a fundamentação que os estagiários têm para o desenvolvimento de seu trabalho que implica em reconhecer o sujeito como capaz, com o uso de metodologias ativas que favorecem a participação dos alunos, a construção de seus conhecimentos no âmbito de compreender-se como seres responsáveis pela sua própria saúde, comprometidos com o autocuidado e com a responsabilidade no âmbito social.

Olhando para sua própria formação para atuação na educação básica: Curso de Licenciatura em Enfermagem

Além da compreensão do processo de promoção da saúde no ambiente escolar, é importante discutir a formação dos enfermeiros licenciados no curso de Graduação, para entender melhor a função educativa do enfermeiro, é preciso investigar os cursos de Licenciatura em Enfermagem (BAGNATO, 1994).

Para esse entendimento, essa categoria trata do relato dos estagiários sobre o que esperavam do Curso de Licenciatura em Enfermagem, as principais diretrizes desse curso e a visão dos profissionais que estão sendo formados. Inicialmente os estagiários refletem sobre as expectativas que tinham no momento de escolha do curso, quando optaram pelo curso de Licenciatura em Enfermagem, conforme discursos abaixo:

Quando eu me inscrevi, eu tinha até a ideia de que ia dar aula para o curso técnico, mas eu não imaginava a possibilidade do trabalho do enfermeiro na educação básica e a importância desse enfermeiro na comunidade, na escola e esse olhar ampliado da enfermagem, que a licenciatura me trouxe, ao longo do curso que eu fui notando e isso foi se desenvolvendo, essa ampliação de atuação do enfermeiro na comunidade, a importância do enfermeiro nesta comunidade e do meu papel. Então foi ao longo do curso, porque

quando eu me matriculei eu não tinha noção”. (Larissa, Grupo Focal 2)

Eu tinha a ideia de que eu podia atuar na área da saúde e na formação da equipe de enfermagem, mas o olhar para educação básica eu também não tinha. A nossa formação profissional é completamente diferente, mas a nossa área pedagógica é a mesma para ambas, a didática, a metodologia. Uma coisa que eu não fazia ideia é que o enfermeiro é um educador nato, e ao longo da graduação que isso foi se desenvolvendo em mim, o enfermeiro como educador, do que o enfermeiro é e do que ele tem que ser. (Taísa, Grupo Focal 1)

De acordo com as falas, é possível observar que muitos estagiários não conheciam completamente as especificidades do curso de Licenciatura em Enfermagem ao optarem e iniciarem o mesmo. Bagnato (1994) destaca que o currículo do curso de Licenciatura em Enfermagem é um dos aspectos específicos da formação dos profissionais na área, que se relaciona ainda com sua inserção no processo de trabalho na saúde e no ensino, e estas funções devem responder às necessidades da saúde da população, precisando, portanto, contar com profissionais qualificados para estas atividades.

Além disso, a atual Resolução CNE/CES que institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem (BRASIL, 2001) destaca que o Curso de Graduação em Enfermagem tem como perfil do formando egresso/profissional o enfermeiro com Licenciatura em Enfermagem capacitado para atuar na Educação Básica e na Educação Profissional em Enfermagem.

Os estagiários mostram em suas falas compreender a importância dos aspectos pedagógicos de sua formação para melhor atuação futura e também discutem algumas mudanças e propostas no currículo para melhoria do curso. Isto vem ratificar as afirmações de Bagnato (1994), que compreender e refletir sobre a criação e dinâmica dos cursos de Licenciatura em

Enfermagem possibilita ver a formação e a ação pedagógica do profissional como algo a ser recuperado com seu real significado, podendo atuar em instituições de saúde e ações educativas que exercem junto a famílias, aos grupos, aos indivíduos e às equipes de saúde, justificando a necessidade de o enfermeiro ter em sua formação conhecimentos pedagógicos que o habilitem a atuar como agentes de mudanças numa equipe de saúde ou em situações formais de ensino, já que necessita estar preparado para planejar, executar e avaliar situações de ensino-aprendizagem.

Além de discutirem sobre o curso, os estagiários também fizeram uma reflexão sobre o futuro e as possibilidades de trabalho na área da educação básica, como expressam as falas abaixo:

Trabalhar na educação básica eu tenho muita vontade sim quando eu me formar, mas seria comunitário, mesmo porque não existe esse cargo, essa função não existe ainda, mas eu gostaria sim. (Carla, Grupo Focal 2)

Eu me vejo trabalhando com educação básica, embora não seja regulamentado a figura do enfermeiro com a promoção da saúde na educação básica, mas se fosse, eu adoraria trabalhar numa escola, e nada como você criar vínculo para trabalhar melhor, eu acho que assim.. se fosse regulamentado seria excelente. (Taísa, Grupo Focal 2)

Em seus discursos, os estagiários deixam claro que não existem possibilidades oficiais para sua atuação na educação básica. É importante ressaltar que, embora as Diretrizes visem a formar um enfermeiro com licenciatura para atuar na educação básica, as escolas ainda não possuem cargos ou espaços oficiais para atuação destes profissionais. Em algumas falas, os alunos destacam a necessidade de Políticas Públicas que visem a oficializar esta função no ambiente escolar.

Considerações Finais

Os resultados encontrados nesta pesquisa mostram as possibilidades de atuação destes enfermeiros em formação, em atividades de promoção da saúde no contexto escolar, com conhecimentos e concepções teóricas relacionados aos principais conceitos envolvidos nestes temas. Além disso, destaca-se também a importância do estágio, ou seja, da inserção dos mesmos, na realidade da educação básica, para melhor preparo na atuação profissional futura.

Nesse contexto, percebe-se a inquietação dos enfermeiros em formação com relação à inserção do enfermeiro na educação básica, diante da não oficialização deste tipo de atuação, pois, embora se sintam preparados para o desenvolvimento de ações de promoção da saúde no ambiente escolar, esta função ainda não é oficial. Assim, destaca-se a importância da atuação de enfermeiros na escola e a necessidade de políticas públicas que busquem aproximar profissionais de saúde das escolas de educação básica.

Também é preciso um estudo maior dessa capacitação proposta pelas diretrizes, das possibilidades e dos campos de atuação desses profissionais na educação básica, para que tal diretriz se fortaleça e consolide, na formação dos enfermeiros licenciados.

Referências

ANTUNES, M. A. M. Políticas públicas em educação e saúde. Das práticas higienistas à saúde escolar como prática social inclusiva. In: LIMA, E. M. M. et al. **Políticas públicas de educação-saúde: reflexões, diálogos e práticas**. Campinas: Alínea, 2009. p. 29-47.

BAGNATO, M. H. **Licenciatura em enfermagem**. Para quê? Tese de Doutorado, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70. 2004.

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15 n. 1, p. 163-7, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referenciais curriculares nacionais para a educação infantil. Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF, 1997.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES 3/2001**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de novembro de 2001. Seção 1, p. 7.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. Informes Técnicos Institucionais. A promoção da saúde no contexto escolar. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 533-5, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Promoção da saúde**: 1998. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/sps>>. Acesso em: 11 nov 2012.

CANDEIAS, N. M. F. Conceitos de educação e promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 209-13, 1997.

FERRIANI, M. G. C.; GOMES, R. **Saúde escolar**: contradições e desafios. Goiânia: AB Editora, 1997.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONÇALVES, F. D. et al. Health promotion in primary school. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, Botucatu, v. 12, n. 24, p. 181-92, jan./mar. 2008.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 115-21, jun. 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Carta de Ottawa. In: BRASIL. Ministério da Saúde. FIOCRUZ. **Promoção da saúde: Cartas de Ottawa, Adelaide, Sundsvall e Santa Fé de Bogotá**. Brasília, DF: Ministério da Saúde/IEC, 1986. p. 11-8.

NOVAES, C. B.; GONÇALVES, M. F. C. O enfermeiro na promoção de saúde na educação básica: um estudo sobre sua formação. **Referência: Revista de Enfermagem**, Coimbra, v. 3, n. 3, p. 621, 2011. Suplemento. Actas e Comunizações 11a. Conferencia Iberoamericana de Educação Em Enfermagem, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E A FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO LICENCIADO¹

CAROLINA SPINELLI LEVI²
MARTA ANGÉLICA IOSSI SILVA

Trata-se de um estudo qualitativo que tem por objetivo analisar como a experiência e a reflexão levam à construção do conceito de promoção da saúde, a partir da análise dos portfólios dos alunos de uma turma da disciplina Promoção de Saúde na Educação Básica, do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP/USP).

No Brasil vivencia-se o desafio da ampliação do Sistema Único de Saúde que requer a formação de trabalhadores críticos reflexivos para atuação, tendo como fundamento a concepção ampliada de saúde e sua promoção. Aliado a estes aspectos considera-se ainda a implementação dos cursos de licenciatura, especialmente na enfermagem, atendendo as prerrogativas das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação e

¹ Integra o projeto de Pesquisa “O Processo de Aprendizagem na Licenciatura em Enfermagem: um estudo a partir dos portfólios dos alunos”, financiado pela FAPESP. Processo 2010/17792-9.

² Bolsista do Programa de Iniciação Científica Ensinar com Pesquisa – USP 2013/2015

Licenciatura em Enfermagem – DCN/ENF (BRASIL, 2001), das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (BRASIL, 2015) e do Programa de Formação de Professores da USP (SÃO PAULO, 2004).

Neste sentido, a EERP/USP, que forma enfermeiros e professores enfermeiros, propicia ao aluno, desde o início da graduação contato e desenvolvimento de atividades em diferentes contextos da saúde e educação. O aluno é incentivado a apreender o conhecimento e realizar rupturas na construção deste, a partir das reflexões, indagações e relações que estabelece em sua vivência na prática profissional enquanto licenciando em enfermagem. Essa proposta pode ser exemplificada através do programa da disciplina Promoção da Saúde na Educação Básica, ministrada para alunos do 2º ano do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da EERP/USP. A prática educativa desenvolvida na disciplina dá-se através de ciclos pedagógicos, sendo que cada um dos momentos do ciclo é registrado através de relatos em portfólio reflexivo individual. Este permite uma aproximação maior do aluno ao processo vivenciado, na medida em que ele narra, organiza e reflete sobre suas experiências.

O portfólio é um instrumento estratégico reflexivo que capacita o aluno a levantar dúvidas e propor soluções, colecionar opiniões e refletir sobre conteúdos teóricos aprendidos em sala de aula integrando-os com as buscas realizadas por ele em prol do aprofundamento do seu conhecimento em saúde (COTTA; MENDONÇA, COSTA, 2011). Este é utilizado principalmente em currículos inovadores, que capacitam os alunos a refletir tanto nas causas afetivas quanto emocionais vivenciadas no campo de estágio que também farão parte da construção de seu conhecimento requerido na área da saúde (SILVA; FRANCISCO, 2009).

Num momento de transição nos cursos da área de saúde, em que se busca, atendendo as diretrizes do Sistema Único de Saúde - SUS e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

- LDB, implantar um currículo que integre o mundo do trabalho e o ensino no processo de formação dos futuros enfermeiros, faz-se necessário, então, produzir pesquisas que possibilitem a constante avaliação e ampliação da compreensão dos alunos e dos docentes envolvidos, sobre os processos de ensino-aprendizagem, no sentido de se avançar no desenvolvimento do conhecimento no campo do ensino de graduação. Considerando-se que o processo de ensino-aprendizagem, no curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, tem por tarefa a produção de sujeitos críticos-reflexivos, capazes de aprender no cotidiano das práticas de saúde e da educação, atuando com competência e responsabilidade social, faz-se importante indagar sobre a pertinência dos atuais instrumentos e métodos utilizados para o alcance dessa tarefa, e particularmente neste estudo como a experiência e a reflexão levam à construção de conceitos sobre a promoção da saúde.

A formação de conceitos constrói-se pela busca de novas palavras. Vygotsky (2001) exemplifica como o conceito é formado para uma criança, o que pouco difere das outras faixas etárias. Ao surgimento de dúvidas, questionamentos, acompanha a curiosidade pela busca que muitas vezes pode ter uma solução momentânea e outras libertam o pensamento reflexivo para que a construção do conceito nunca cesse, mas permaneça com o questionador que a cada momento refaz e incrementa seu conceito formado.

Desta forma a construção de conceitos dá-se por três fases; a primeira fase, denominada “agregação desorganizada” é caracterizada pela escrita sincrética, confusa e às vezes incoerente do sujeito. Esta fase é subdividida em três estágios, sendo estes; primeiro estágio - “tentativa e erro”, segundo estágio - “organização do campo visual da criança” e terceiro estágio - recombinação dos elementos. A segunda fase denominada “pensamento por complexos” é caracterizada pelas ligações concretas e lógicas

com o objeto de estudo. É subdividida em cinco estágios, sendo estes; primeiro estágio – “associativo”, segundo estágio – “coleções”, terceiro estágio – “complexo em cadeia”, quarto estágio – “complexo difuso”, e quinto estágio – “pseudoconceito”. E finalmente a terceira fase, denominada “pensamento por conceitos” subdividida em três fases; primeira fase – “agrupamento com grau máximo de semelhança”, segunda fase – “conceitos potenciais” e terceira fase – “verdadeiros conceitos” (VYGOTSKY, 2001).

O processo de formação dos conceitos, os quais ocorrem a partir da “zona de desenvolvimento próximo”, sugere que os sujeitos, neste caso os alunos, não desenvolvam os conceitos sozinhos, precisam da ajuda do outro e do professor para auxiliá-los e direcioná-los ao pensamento reflexivo (VYGOTSKY, 2001).

Na busca desse direcionamento, o ciclo pedagógico, trajetória metodológica desenvolvida na a disciplina Promoção da Saúde na Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento de conceitos e reflexões, a cerca da promoção da saúde no contexto da Educação Básica, sendo que sua estrutura organiza-se de maneira que os alunos são instigados a construir e ressignificar o conhecimento durante a disciplina, por meio de: *Imersão na realidade* – momento em que o aluno, a partir de suas experiências e conhecimentos adquiridos anteriormente, realize as atividades no cenário de ensino-aprendizagem da escola de educação básica, para construção do desempenho da competência do Enfermeiro Licenciado na Educação Básica; *Síntese provisória* – em subgrupo, é realizada a leitura, discussão e síntese dos relatos, identificando os problemas relacionados à realização da tarefa e atributos de forma articulada, chegando às questões de aprendizagem. Registra individualmente a atividade; *Busca de informações/conhecimentos* - em fontes variadas, que subsidiem a compreensão das questões de aprendizagem, fazendo uma síntese do material pesquisado (trabalho individual); *Nova síntese* – em subgrupo é feita reflexão sobre informações/conhecimentos

trazidos pelos alunos, com a intenção de compreender os problemas identificados e reconstruir a prática profissional; *LPP* - Serão também realizados laboratórios de prática profissional pedagógica (*LPP*) para elaboração/supervisão de práticas educativas e *Avaliação* – ao final de cada atividade é realizada a autoavaliação, avaliação do grupo e avaliação do professor/facilitador.

Para tanto, compreende-se a promoção da saúde como uma estratégia e uma política cujas ações buscam romper com a hegemonia do modelo biomédico, por meio da promoção da autonomia dos sujeitos e profissionais, a fim de que compreendam a saúde no seu conceito ampliado, ou seja, como resultante das condições de vida e propiciar um desenvolvimento social mais equitativo, valorizando a saúde como qualidade de vida e não apenas como mudanças de estilo de vida ou ainda, como ausência de doença, tão preconizado por modelos comportamentais influentes na definição e compreensão da promoção da saúde (HEIDMANN et al., 2006).

Nesta perspectiva, hoje, a promoção de saúde e suas consequentes ações visam melhorar a forma de viver, elaborar estratégias que integrem o biológico e o social, nas quais os sujeitos devam ser vistos de forma integral e não em partes distintas com especificidades discrepantes (COSTA; BERNARDES, 2012).

A promoção de saúde incorpora-se cada vez mais nas instituições de saúde preenchendo as lacunas deixadas ainda pelo modelo biomédico de cuidado. Com a ampliação do conceito de promoção de saúde o cuidado à população configura-se de forma integral (SANTOS; LEMOS, 2011).

As ações de promoção da saúde e a educação em saúde como parte integrante da mesma, numa concepção ampliada para com o seu cuidado integral, requerem a participação ativa dos sujeitos, sendo esta uma estratégia para empoderamento e consequente enfrentamento de múltiplos problemas que afetam a sociedade, tendo como fim principal a boa qualidade de vida, a

educação em saúde como propiciadora de aprendizagem significativa e transformação da prática dos usuários quanto ao cuidado com a sua saúde (MACHADO; SOUSA, 2009; RENOVATO; BAGNATO, 2010).

Nesta direção, a atualidade nos traz uma série de reflexões e expectativas às quais nos levam a avaliar o presente e os projetos do futuro para permitir uma mudança de paradigma em um momento histórico e cultural em que as políticas públicas, as representações sociais, as ações e a formação em saúde podem e devem ser ressignificadas e reconstituídas em direção à equidade social e à promoção da saúde.

Com relação ao contexto escolar, a promoção da saúde, pode ser definida e direcionar-se para aquelas atividades que visam melhorar e/ou proteger a saúde de todos os membros da comunidade escolar, compreendendo um conceito mais amplo do que o da educação para a saúde e inclui a disponibilização e o desenvolvimento de atividades relacionadas com políticas escolares saudáveis, o ambiente físico e social da escola, o currículo, a interligação com a comunidade, famílias e com os serviços de saúde. (WHO, 1995; NAIDOO; WILLS, 2009).

Apesar do tema promoção de saúde ser trabalhado nos currículos dos cursos de graduação em enfermagem, ainda se percebe dificuldades na compreensão e ampliação do conceito, de forma que o êxito nas atividades educativas desenvolvidas pelos alunos ou até mesmo pelos profissionais da área egressos das instituições de ensino superior na prática profissional (COSCRATO; BUENO, 2013).

Cabe ainda pontuar que eleger o referencial de promoção da saúde para a ressignificação do ser, fazer e estar na escola e da formação de enfermagem implica transformar as práticas de ensino, superando o modelo biologicista e a natureza setorial que caracteriza a formação e a atuação dos profissionais de saúde. Agrega-se a necessidade de fomentar as mudanças com a

incorporação de conceitos como interdisciplinaridade, interseccionalidade, empoderamento dos sujeitos e qualidade de vida, entendidos como elementos que devem sustentar uma nova prática de formação (SENA et al., 2008; SILVA; SENNA, 2008).

Frente a estas considerações, com esse estudo, esperamos identificar elementos balizadores para a apreensão e ressignificação do conceito de promoção da saúde, eixo central da formação em saúde e educação na disciplina Promoção da Saúde na Educação Básica, contribuindo para uma formação qualificada e contextualizada do profissional enfermeiro.

Assim, o estudo objetivou analisar a construção do conceito de promoção de saúde, a partir dos portfólios elaborados pelos alunos na referida disciplina. O estudo seguiu as normas éticas conforme a Resolução CNS 196/96, tendo os participantes da pesquisa e seus responsáveis assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EERP-USP, protocolo nº 0994/2009.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa cujos dados foram analisados a partir da análise de conteúdo, modalidade enunciativa.

De acordo com Bardin (2011), a proposta de análise de enunciação se dá inicialmente pela leitura flutuante do material a ser analisado, neste caso, os portfólios. A análise da enunciação se apóia na concepção da comunicação como um processo, trabalhando com as condições de produção da palavra e com as modalidades do discurso (análise sintática e paralinguística, análise lógica, análise dos elementos formais atípicos: silêncios, omissões, ilogismos, e realce das figuras de retórica) (MINAYO, 2010).

Nessa leitura identificam-se as características individuais dos alunos, como por exemplo, o estilo da escrita, a divisão dos textos em proposições, buscando-se identificar sequências textuais, figuras de linguagem, figuras típicas da escrita e estilo de cada um dos portfólios atendendo ao objetivo deste estudo.

O curso de Licenciatura e Bacharelado em enfermagem apresenta no 3º e 4º semestres letivos a disciplina *Promoção da Saúde na Educação Básica*, nesta, os alunos são divididos em grupos para o desenvolvimento do ciclo pedagógico. Dois grupos dessa disciplina foram abordados para a autorização do uso de seus portfólios reflexivos. Todo o material coletado compreendeu 21 portfólios; em uma primeira etapa realizamos as digitalizações dos portfólios em sua totalidade. Um desses portfólios foi descartado por questões de ordem técnica, tendo sido digitalizados 20 portfólios, o que resultou em 1.528 páginas digitalizadas.

Para este estudo selecionamos de forma aleatória cinco portfólios, considerando-se a complexidade do material empírico, sua organização e o rigor metodológico necessário. Visando cumprir com a não identificação dos sujeitos, garantindo-lhes seu anonimato, os portfólios foram nominados a partir de pseudônimos de poetas e cantores (as) brasileiros (as); Adélia (Prado), Ana Maria (Machado), Cecília (Meireles), Jorge Amado e Maísa a fim de proceder à análise de enunciação.

Assim a análise dos portfólios compreendeu a interpretação de sequências textuais, a fim de compor os temas que emergiram do conteúdo, ou seja, forma que toda vez que surgir um novo assunto, surge também uma nova sequência e a cada sequência um novo conjunto de novas proposições. Vale ressaltar que como os alunos estão em processo de aprendizagem, muitas proposições são escritas de maneira desordenada e não coesa, desta forma uma mesma frase poderá ter diversos elementos apresentados de forma sincrética. Com todo o texto sequenciado foram analisados para além dos temas, os elementos atípicos e as figuras de retórica como recorrências, lapsos, ilogismos ou falhas lógicas, álibis e lugares comuns.

O aporte teórico metodológico ancora-se na perspectiva da elaboração dos conceitos e do próprio desenvolvimento dos sujeitos através da linguagem, seja ela oral ou escrita, caminho este indicado por Vygotsky (2001), considerando ainda a

aprendizagem um processo de idas e vindas que pode ser identificado nas narrativas produzidas pelos sujeitos. A linguagem é uma estrutura simbólica e emergente do contexto sócio histórico que produz o sujeito ao mesmo tempo em que é por ele produzida.

Dessa forma, temos uma análise que busca focar em profundidade nas minúcias do registro escrito, a formação dos conceitos em desenvolvimento pelos alunos com relação à promoção de saúde no contexto escolar (BARDIN, 2011).

Estas etapas além de atender a proposta da análise de enunciação, também facilitou a compreensão da diferença de pensamento construída pelos alunos vivenciando a mesma situação e interpretando com diferentes estilos e conceituação.

Construindo o conceito de Promoção da Saúde

O estilo da escrita de dois dos portfólios analisados, Adélia e Cecília, em suas individualidades e características da escrita, apresentam-se semelhantes, considerando-se o estilo de interpolação, visto que interrompem seus pensamentos mudando bruscamente de assunto, no entanto, observa-se que Adélia se apresenta mais enfática neste estilo.

“Além disso daremos uma aula de educação em saúde, mas sobre um tema que a sala de aula queria ouvir. Houve até um caso no primeiro semestre de acuidade visual prejudicada; e os pais do aluno foram lá para discutir o caso.” Adélia - Imersão - Ciclo1 - Sequência: Atividades que serão realizadas.

Percebe-se nitidamente que na primeira oração Adélia relata quais atividades irão realizar na escola, relacionadas a promoção de saúde, embora não nominada pela mesma; logo

em seguida fala de um aluno e sua família na escola. Interrompe bruscamente os dois assuntos sem desenvolvê-los suficientemente, buscando em ações concretas a relação e construção do conceito de promoção da saúde, característica presente e esperada na significação e formação conceitual (VYGOTSKY, 2001).

“Entre tanta sobrecarga no trabalho da enfermagem como ter mais ações educacionais na comunidade? E qual o motivo desta sobrecarga? Será por ter uma grande procura do serviço de saúde em casos que poderiam ser prevenidos, ou por ter poucos postos de saúde para uma população crescente, ou por estes e muitos outros motivos que se englobam e tem estas consequências.” Cecília - Síntese Provisória – Ciclo 1 – Sequência: Sobrecarga do enfermeiro (a).

Nesse trecho Cecília começa questionando como promover mais ações educacionais na comunidade, porém muda completamente seu foco querendo entender por que o trabalho do (a) enfermeiro (a) é sobrecarregado. Característica marcante do estilo de interpolação.

Já Ana Maria escreve no estilo de Litanias (ladainhas), de modo que sua escrita apresenta-se praticamente narrada e não reflexiva, tornando suas falas extensas.

“Depois conversamos sobre qual o papel do aluno de enfermagem nas escolas e é de nossa responsabilidade a verificação de carteira de vacinação, teste de acuidade visual e educação em saúde e para isso ficaremos inseridos nas salas de aula para observar a atuação do professor, [já que como licenciados seremos professores] e o comportamento dos alunos, sabendo que nossa presença pode alterar as atitudes de ambos.” Ana Maria - Imersão- Ciclo 1 – Sequência: Papel do enfermeiro(a) na escola.

Nota-se que Ana Maria apenas descreve exatamente tudo o que foi falado e durante sua narração não apresenta reflexões,

estas, são colocadas no final de cada relato, separadamente. Seus relatos possuem várias expressões “Depois” o que confirma a narração do que está vivenciando. Pode-se observar que a construção de conceitos não se dá pelo indivíduo solitário, este precisa de um grupo de discussões de resultados para poder refletir sobre seu aprendizado (VYGOTSKY, 2001).

Analisando o desenvolvimento dos conceitos de promoção de saúde percebe-se que nos primeiros ciclos todos os alunos têm dúvidas sobre o que significa promoção de saúde, muitas vezes confundindo o termo ou apresentando-o como diferente de prevenção de doença, mas não sabem explicar ao certo qual a diferença de ambos.

“[...] o enfermeiro deve ter o atributo de compreender que promover saúde é diferente de prevenção, e de que ele deve atuar na promoção, visando o bem estar fisiológico, psicológico e social dos clientes, além de promover a autonomia dos mesmos.” **Adélia - Nova Síntese – Ciclo1- Sequência: Conclusão das buscas.**

Nesse trecho Adélia relata que Promoção de Saúde é diferente de Prevenção de doenças, porém não define nenhum dos termos, descreve o que buscou na teoria, avançando na conceituação e interface com trabalho do enfermeiro. Aqui nota-se que a síntese teórica e possivelmente a experiência do aluno, considerando a prática e aprendizagem em outras disciplinas, o ajudaram a permear este avanço ainda no primeiro ciclo da disciplina.

“E na escola o enfermeiro vai estar fazendo promoção de saúde que faz com que o coletivo reflita. E para tal atuação o enfermeiro precisa saber ser, conviver, conhecer e fazer, precisa algo além de medicar a sociedade.” **Ana Maria Nova Síntese – Ciclo 1- Sequência: Construindo diferenças entre promoção e prevenção.**

Ana Maria tenta desenvolver com maior profundidade um conceito sobre promoção de saúde avançando do individual para o coletivo, apropriando-se dos pilares da educação para o século XXI (DELORS, 1998) associando-os e identificando-os como uma possibilidade da formação e trabalho do enfermeiro educador na escola na perspectiva da promoção da saúde. Porém, utiliza este conceito ainda com abrangências inespecíficas como: “precisa saber ser” – saber ser o que? Não desenvolve melhor sua ideia, deste modo seu texto se apresenta sem concordância e profundidade crítica. Segundo a análise de enunciação, ela utiliza a figura de linguagem anáfora, repetindo três vezes a palavra “fazer” para enfatizar o que quer relatar.

Segundo Delors (1998), a prática pedagógica deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais, que serão para cada indivíduo os pilares do conhecimento: aprender a conhecer indica o interesse, a abertura para o conhecimento; aprender a fazer mostra a coragem de executar, de correr riscos, de errar mesmo na busca de acertar; aprender a conviver traz o desafio da convivência que apresenta o respeito a todos e o exercício de fraternidade como caminho do entendimento; e, finalmente, aprender a ser, que, talvez, seja o mais importante por explicitar o papel do cidadão e o objetivo de viver.

“Alguns temas na promoção de saúde na educação básica foram abordados pelo grupo do 1º semestre e que iremos dar continuidade a este trabalho, tentando colocar nossas peculiaridades, mas tendo o mesmo objetivo de promoção à saúde. Começaremos acompanhar um caso do 1º semestre, que o aluno estava com a visão prejudicada[...].” **Cecília - Imersão- Ciclo1 – Sequência: Promoção coletiva X Atenção individual.**

Neste trecho Cecília demonstra ter dúvida sobre o que é promoção de saúde ao utilizar uma preposição que compromete

a coerência do texto: “na promoção de saúde” que poderia ser substituída pelas preposições “da” ou “de”. A preposição neste trecho indica idéia de lugar, ou então que qualquer tema pode ser de promoção de saúde, e, no caso, se a preposição colocada fosse “da” ou “de” indicaria que existem alguns temas específicos da promoção de saúde na educação básica que foram abordados pelo grupo.

Em suas falas Cecília demonstra desenvolver um conceito sobre promoção e sua devida função na escola, mas como ainda tem muitas dúvidas sobre o tema torna seu texto superficial/elementar, pois não o desenvolve suficientemente para uma conclusão de seu conceito (VYGOTSKY, 2001).

As observações que são realizadas no âmbito de caracterização da população alvo do trabalho dos alunos são muito diversificadas, o que exigirá muito mais esforço e dedicação para a conscientização da população atendida.

“Após a síntese concluímos que numa mesma sala podem haver grupos com diferentes perspectivas...” Clara - Síntese Provisória – Ciclo 2 – Sequência: Conclusões da síntese provisória.

“Sendo assim, é necessário ter em mente que cada pessoa tem características próprias de sua personalidade, as quais contribuem em sua forma de pensar e comportar-se”. Clara - Laboratório de Práticas Pedagógicas – Ciclo3.

Os alunos (as) demonstram preocupação com o aprendizado e relatam suas dúvidas conforme se desenvolvem na disciplina *Promoção da Saúde na Educação básica*, trazendo questionamentos na busca da síntese do conhecimento para a elaboração de um conceito, o qual pode ser reformulado a cada situação de aprendizado.

“Em alguns pontos ficamos em dúvidas, como o individual e o coletivo, ou a informação e a educação, ou ação isolada

ou coletiva para promoção e prevenção.” **Cecília - Imersão – Ciclo 4 – Sequência: Semelhanças e diferenças de Prevenção e Promoção de saúde**

Alguns refletem sobre o conceito de saúde como um conceito ampliado, considerando não apenas características biológicas, de forma que o conceito de promoção de saúde deve estar contido no conceito de saúde que é abrangente. Mesmo não tendo o conhecimento específico do conceito de promoção de saúde, o aluno tem a percepção de que é um conceito ampliado. (LOPES et al., 2010)

“[...] o conceito de saúde não deve ser estritamente biológico e deve ser ampliado para abranger promoção de saúde”
Máisa- Laboratório de práticas profissionais – Ciclo 4 – Sequência: leitura de textos.

Surtem também durante as aulas, documentos que agregam conhecimento complementar ao aluno para que possa iniciar seu desenvolvimento como gestor de saúde, aprendendo desde o início o gerenciamento do cuidado em saúde baseado em fontes complementares de pesquisa.

“Eu achei importante a aula, pois nos possibilitou a chance de tirar nossas dúvidas em relação ao estatuto da criança e do adolescente além de aprender mais sobre o mesmo.”
Jorge Amado - Laboratório de práticas profissionais – Ciclo 4 – sequência: novos conhecimentos

Vê-se nitidamente a mudança na forma de estruturar o texto e na construção do conceito de promoção de saúde conforme o avançar dos ciclos pedagógicos registrados nos portfólios. Nota-se que após uma aula de discussão sobre promoção de saúde e prevenção de doenças os alunos passam a refletir sobre como atuar na promoção de saúde na escola, a partir de uma situação concreta, um dos principais objetivos da disciplina.

“Percebeu-se que alguns alunos não usavam óculos, mesmo precisando, devido a vergonha ou dificuldade de adaptação ou acomodação. Surgiu então a dúvida de como convencer ou orientar corretamente estas crianças a entender a importância dos óculos e passe a usá-lo.[...] Além disso, vimos que o óculos e desta atenção, também relaciona-se com auto-estima e questões das características do comportamento da adolescência.” Adélia - Síntese Provisória – Ciclo 4 – Sequência: Início da discussão das vivências.

Adélia questiona sobre o porquê de os adolescentes não usarem os óculos, e logo pensa em educá-los sobre a importância de seu uso; com isso mostra que está refletindo e analisando possíveis temas para promover a saúde tanto coletiva como individual dos alunos que deveriam utilizar óculos, mas não o fazem. Além de detectar as necessidades, reflete sobre o que pode ser feito. Cecília também reflete sobre tal questão e acrescenta ser um motivo de estética, pois uma das características da adolescência é a aceitação que se dá também pela estética e apresentação pessoal. Porém, ainda não aplicou o assunto como um tema de promoção de saúde, o que evidencia a diferença de aprendizado entre ambos os alunos (BRASIL, 2009).

“No relato em que a AC descreveu teve muitos aspectos em que também havia percebido, como a falta da utilização de óculos por motivos de estética e dificuldade de acomodação,[...]” Cecília - Síntese Provisória – Ciclo 4 – Sequência: Início da discussão das vivências.

“[...] deste mesmo modo o enfermeiro também precisa conhecer seu paciente e suas necessidades para que possa agir promovendo o máximo de conforto e bem-estar.” Cecília - Nova Síntese – Ciclo 4 – Sequência: Objetivo das metodologias.

Nos registros apontados nos portfólios dos alunos são desenvolvidas importantes observações sobre o sistema de saúde e suas deficiências na escola em que estagiam. Apresentam relatos críticos sobre a ausência de profissionais de saúde nas escolas e a falta que ocasionam aos adolescentes que precisam de uma atenção redobrada por apresentarem doenças crônicas. Fazem análises críticas da situação e oferecem respostas para inclusão de todos os alunos, na perspectiva da promoção da saúde na escola, por meio da adequação do seu ambiente físico e social, a interligação com a comunidade, famílias e com os serviços de saúde (NAIDOO; WILLS, 2009).

“Alguns agentes apenas sabiam que existem alguns alunos diabéticos, HIV positivo, transplantados e até com paralisia cerebral ou deficiência de locomoção. Neste sentido vimos que a escola precisa de adaptação na estrutura física para acomodar estes alunos, e de outros tipos de estrutura.”
Adélia - Síntese Provisória – Ciclo 6 - Sequência: Início da discussão das vivências.

Em muitos relatos os alunos desenvolveram conceitos importantes e cumpriram grande parte do objetivo da disciplina; pode-se dizer que chegaram ao segundo estágio da terceira fase de formação de conceitos segundo Vygotsky (2001), que se apresenta pela formação de conceitos potenciais, faltando assim desenvolver verdadeiros conceitos apresentado pelo terceiro estágio da terceira fase no qual se define verdadeiros conceitos.-

“Portanto lemos um texto que estava ligado a todas as dúvidas da discussão. E o que nos chamou mais a atenção é que a promoção tem ação mais duradoura e a prevenção é mais provisória, a promoção busca a causa e analisa o contexto, envolvido, e a prevenção pode ser tanto individual ou coletiva.”
Cecília Imersão na realidade – Ciclo 4 – Sequência: Semelhanças e diferenças de Prevenção e Promoção de saúde.

Considerações Finais

A análise dos registros permitiu observar que o processo de ação/reflexão/teorização/ ação, individual e grupal, cuidadosamente acompanhado e avaliado pelo docente em todas as etapas do ciclo, permite avanços no processo de ressignificação pelos estudantes, do conceito de promoção da saúde.

Foram analisados portfólios de dois grupos distintos, sendo que cada grupo era dirigido por um docente. Apesar de o objetivo da disciplina ser cumprido, nota-se que não apenas os alunos apresentam suas peculiaridades nas escritas, mas os docentes também expressam suas peculiaridades em dirigir os grupos. De forma que a formação individual mediada também pelo processo grupal, contribui para o processo de formação dos conceitos.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Editora: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES n. 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde na escola**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação

continuada. Resolução CNE/CP n. 02/2015, de 1º de julho de 2015. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, seção 1, n. 124, p. 8-12, 02 de julho de 2015.

COSCRATO G., BUENO S. M. V. Concepção de enfermeiros de uma rede pública de saúde sobre Educação para a Saúde. *Rev. esc. enferm. USP*, v. 47, n. 3, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342013000300714> Acesso em: 26 fev. 2014

COSTA M. L.; BERNARDES A.G. Produção de saúde como afirmação de vida. *Saúde soc.* v.21, n.4, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000400003> Acesso em: 27 fev. 2014

COTTA, R. M. M.; MENDONÇA, E. T.; COSTA, G. D. **Portfólios reflexivos: construindo competências para o trabalho no Sistema Único de Saúde.** *Rev Panam Salud Publica*, v. 30, n. 5, p. 415-21, 2011.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez, 1998.

HEIDMANN, I. T. S. B.; ALMEIDA, M. C. P.; BOEHS, A. E.; WOSNY, A. M.; MONTICELLI, M. **Promoção à saúde: trajetória histórica de suas concepções.** *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v.15, n.2, p.352-8, 2006.

LOPES, M. S. V.; SARAIVA, K. R. O.; FERNANDES, A. F. C.; XIMENES L. B. Análise do conceito de promoção da saúde. *Texto Contexto Enferm*. v.19, n.3, 2010. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-561496>> Acesso em: 17 fev. 2014.

MACHADO, M. F. A. S.; SOUSA, V. N. F. C. Health education: the family health teams' perspective and clients' participation. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v.17, n.2, p.174-79, 2009.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 408 p.

NAIDOO, J.; WILLS, J. Health Promotion in schools. IN: Naidoo, J.; WILLS, J. **Foundations for health promotion**. Cap. 13, p. 205-13, 2009.

RENOVATO, R. D.; BAGNATO, M. H. S. Práticas educativas em saúde e a constituição de sujeitos ativos. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.19, n.3, p. 554-62, 2010.

SANTOS, L.G. ; LEMOS, S. M. A. Construção do conceito de promoção da saúde: comparação entre estudantes ingressantes e concluintes de Fonoaudiologia. *Rev. soc. bras. fonoaudiol.*, v. 16, n.3, 2011 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342011000300003> Acesso em: 31 mar. 2014

SÃO PAULO. Universidade de São Paulo. Comissão Permanente de Licenciaturas. Programa de Formação de Professores – USP. 2004. Disponível em: <http://www4.fe.usp.br/wp-content/uploads/programa-de-formacao-de-professores.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2016.

SENA, R. R.; SILVA, K. L.; GONÇALVES, A. M.; DUARTE, E. D.; COELHO, S. O cuidado no trabalho em saúde: implicações para a formação do enfermeiro. **Interface: comunic. saúde educ. Botucatu**, v. 12, n. 24, p. 23-34, 2008.

SILVA, K. L.; SENA. R. R. Integralidade do cuidado na saúde: indicações a partir da formação do enfermeiro. **Rev. Esc. Enfermagem USP**, São Paulo, v.42, n.1, p. 48-56, 2008.

SILVA, R. F.; FRANCISCO, M. A. Portfólio reflexivo: uma estratégia para a formação em medicina. **Revista brasileira de educação médica**, v. 33, n. 4, p. 562 – 70, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores, 2001. Disponível em:< <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/vigo.html>> Acesso em: 31 mar. 2014

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Expert committee on comprehensive school health education and promotion**. WHO, Genebra, 1995

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOS ENFERMEIROS PARA A PROMOÇÃO / EDUCAÇÃO EM SAÚDE

MARINA LIBERALE
PAULA MARIA NUNES MOUTINHO
YARA OTHON TEIXEIRA ORDINE
FABIANA SANTOS CASSAROTTI
MARISA AKIKO IWAMOTO
LÍVIA NEVES MASSON
MARTA ANGÉLICA IOSSI SILVA
LUCIANE SÁ DE ANDRADE

A 1ª Conferência Internacional sobre promoção de saúde realizada em Ottawa, criou o documento conhecido como Carta de Ottawa (WHO, 1986), que trata de intenções e contribuições no âmbito das políticas voltadas para a saúde. Neste documento passa-se a compreender saúde de maneira mais ampla, relacionando-a à transformação das sociedades, colocando como condições e recursos fundamentais para a saúde: paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade. Assim, desde a divulgação da Carta de Ottawa, a promoção da saúde é fortalecida e vista como uma estratégia que deve ser perseguida para que se alcance melhorias nos padrões de vida da população (BUSS, 2000; SILVA; BAPTISTA, 2014). Envolve a formação do cidadão ativo,

participativo, considerando-o como sujeito que procura atuar sobre os fatores determinantes de sua saúde.

Já se vislumbrava na Carta de Ottawa que a educação em saúde poderia ser uma estratégia para se alcançar a promoção da saúde e que poderia levar ao desenvolvimento pessoal e social. Esta tarefa ultrapassa os serviços de saúde e deve ser realizada no âmbito das escolas, da família, nos espaços de trabalho e em outros espaços comunitários.

Buss (2000) destaca que existem dois níveis para se alcançar a promoção da saúde. Um primeiro nível está na mudança de comportamentos de indivíduos, outro nível é a atuação nos determinantes do processo saúde-doença. Para este autor, sabe-se dos limites e não se quer imputar aos indivíduos a responsabilidade sobre seu estado de saúde, mas a educação em saúde é um poderoso aliado na transformação de valores, hábitos e atitudes.

A partir dos anos de 1980, a promoção de saúde passa a ser discutida como estratégia fundamental para se alcançar melhores condições de vida, e passou a ser incorporada em diferentes políticas públicas voltadas à saúde (SILVA; BAPTISTA, 2014) em diferentes contextos.

A Carta de Ottawa também dá ênfase ao papel de mediação dos profissionais, dentre eles, os profissionais de saúde, que devem atuar por meio de ações coordenadas para o desenvolvimento de ações voltadas à promoção de saúde. No documento destaca-se que o setor saúde deve “mover-se, gradativamente, no sentido da promoção de saúde, além das suas responsabilidades de prover serviços clínicos e de urgência” (WHO, 1986, p. 3) o que requer mudanças na educação e na formação dos profissionais dessa área. Esta mudança na concepção sobre o processo saúde-doença chamou a atenção para a importância de se repensar a formação dos profissionais para se atuar em ações de promoção e educação em saúde, visto que, até então, o modelo

biomédico sempre havia predominado na formação desses profissionais (CORBELLINI, 2007).

No campo da enfermagem, as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001), documento que orienta a formação do enfermeiro no Brasil, colocou foco na formação para o Sistema Único de Saúde (SUS), destacando a importância de se considerar a integralidade do cuidado, a equidade e universalidade do acesso aos serviços de saúde. Assim, o objetivo do cuidado de enfermagem extrapola a lógica de um cuidado apenas assistencial e requer ações que articulem e organizem um cuidado em saúde, com foco na promoção da saúde, prevenção de doenças, tratamento e reabilitação, constituindo uma visão ampliada do conceito de saúde (ALVES, 2005).

Portanto, o profissional de enfermagem será um dos integrantes da equipe de saúde e deverá promover ações que visem satisfazer as necessidades de saúde da população e da defesa dos princípios das políticas públicas de saúde que garantirão os princípios do SUS quanto à universalidade de acesso aos serviços de saúde, integralidade da assistência, resolutividade, preservação da autonomia das pessoas, participação da comunidade, hierarquização e descentralização político – administrativa dos serviços. (BRASIL, 1990).

Neste contexto, adquire importância a formação em Enfermagem, com foco para o desenvolvimento de ações de educação em saúde e de promoção da saúde, respeitando-se as articulações possíveis e as diferenças entre estes conceitos e as práticas deles decorrentes.

Faz-se necessário implementar na formação desses profissionais, conteúdos de ensino que estimulem a prática de cuidado integral, em detrimento de um ensino mais direcionado à dimensão biológica, individual e curativo, ensino este que ainda tem raízes fortes nos currículos de graduação em enfermagem (CORBELLINI, 2007).

Com esse trabalho procura-se compreender, a partir das evidências presentes na literatura científica, como a educação em saúde tem sido tratada na formação do enfermeiro. Justifica-se tendo em vista a importância da educação em saúde na prática profissional em enfermagem, enquanto uma estratégia que possibilita a construção de conhecimentos e modos de vida saudável em determinada cultura, com isto contribuindo para a produção de novos sujeitos e identidades sociais. Assim, tomaram-se as seguintes questões para esta reflexão: A educação em saúde tem sido contemplada na formação dos enfermeiros? Em que aspectos?

Foram localizados cinco estudos que tratam sobre essa questão:

- 1) Rosa e colaboradores (2006) após análise documental dos planos de ensino de um curso de graduação de bacharelado de enfermagem, concluíram que o tema Educação em Saúde não está sendo abordado adequadamente durante a formação dos enfermeiros. Para os autores, há a necessidade de revisão e reflexão dos currículos atuais, além de inserir outros modelos que permitam ao aluno construir o seu conhecimento de forma mais sólida.
- 2) Esta questão está relacionada ao que Almeida e Soares (2011) apontam em seu estudo sobre como está se desenvolvendo o ensino de educação em saúde em cursos de graduação em enfermagem. Para esses autores, a formação dos docentes de enfermagem também precisa ser cuidada, pois os docentes das universidades foram formados segundo o modelo biomédico preventivo e as concepções de educação transformadora foram pouco presentes na formação destes profissionais que agora são responsáveis pela formação dos enfermeiros.
- 3) Observa-se que a educação em saúde no processo de formação do graduando de enfermagem é importante

considerando, por exemplo, o trabalho realizado por Alvarenga e colaboradores (2012), quando analisam em um projeto de extensão a percepção dos pais sobre ações educativas em saúde realizadas pelos docentes e discentes de enfermagem com alunos de uma escola pública de Teresina (PI). Diante dos problemas encontrados pelos docentes e discentes de enfermagem durante as avaliações das condições de saúde das crianças, foram realizadas ações educativas com as mesmas e seus pais, com o intuito de promover a saúde e prevenir doenças. Observou-se com a análise da percepção dos pais, que os mesmos valorizaram as atividades do projeto citando a melhora na qualidade de vida das crianças, a compreensão das orientações feitas pelos discentes e docentes do projeto, o aprendizado de ações promotoras de saúde e preventivas de doenças, além da diminuição de gastos financeiros. Observou-se ainda o fortalecimento do vínculo escola e saúde.

- 4) Em trabalho realizado por Maia e colaboradores (2012), que descreve a validação de metodologias ativas de educação em saúde na promoção da alimentação de crianças do ensino fundamental, desenvolvidos por estudantes da escola de enfermagem de Juazeiro do Norte, concluiu-se que as crianças que participaram das oficinas de aprendizagem mostraram-se motivadas a aprender sobre hábitos alimentares adequados, diminuindo o risco de doenças; ao mesmo tempo fez com que os discentes de enfermagem desenvolvessem competências para sua atuação profissional.
- 5) Santos e colaboradores (2011), pensando na formação pedagógica do enfermeiro, traz a experiência do estudante que cursa a licenciatura e o bacharelado concomitantemente. Existem evidências que a licenciatura fornece subsídios para as ações educativas de saúde, porém observou-se uma desarticulação entre as disciplinas pedagógicas

e o bacharelado no curso analisado, o que gerou certo descontentamento nos estudantes de enfermagem. Em contrapartida, os estudantes do bacharelado/licenciatura veem uma oportunidade de atuar na formação do ensino médio e superior da enfermagem, além da assistência. Diante disso, o autor afirma que é necessário discutir sobre um projeto pedagógico que contemple conteúdos e metodologias colocando assim o estudante em conformidade com as políticas de educação e saúde, reiterando a importância que a formação pedagógica possui no seu exercício profissional.

A educação em saúde prevê que o conhecimento científico relacionado às referidas questões possa ser trabalhado pelos profissionais de saúde junto às pessoas na sua vida cotidiana, tendo como pressuposto que a compreensão dos condicionantes do processo saúde doença é subsídio importante para a adoção de novos hábitos relacionados a ela (ALVES, 2005).

Entretanto, a educação em saúde pode ser desenvolvida de várias formas, alinhadas a diferentes concepções do processo educativo, que podem pautar-se em relações autoritárias e verticalizadas ou em relações horizontais, numa perspectiva dialógica (CERVERA; PARREIRA; GOULART, 2011).

Os estudos apontam que a formação para a educação e promoção da saúde não tem sido completamente atendida na formação do enfermeiro. Por outro lado, quando essas ações são realizadas, há valorização dessas iniciativas, tanto pelos estudantes, quanto pela comunidade.

A escola apresenta-se como um desses espaços para a realização de ações de promoção e educação em saúde, e tem sido ocupada pelos profissionais de saúde que já vinham desenvolvendo suas ações nesse espaço desde o início do século XX (RASCHE; SANTOS, 2013), mas sem necessariamente pautar-se pelos princípios da promoção da saúde

Segundo Rasche e Santos (2013), a escola tem papel fundamental no processo de promoção de saúde, pois se trata de um território privilegiado de incorporação de conhecimentos, sendo nela o local onde princípios e valores se tornam parte do processo concreto de educação.

Nos anos de 1980, instituiu-se a política da escola promotora de saúde, que alia a discussão da escola não apenas como espaço para realizar ações vinculadas à assistência de saúde mas incorpora princípios da promoção da saúde. Conceber promoção da saúde na escola é adentrar esta ampla discussão envolvendo promoção da saúde, educação em saúde, formação dos profissionais da saúde, particularmente do enfermeiro.

De acordo com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o profissional de nível superior deverá ser estimulado a conhecer os problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestando serviços especializados à comunidade, estabelecendo com esta uma relação de reciprocidade além de incentivar e promover a participação da população nesse processo (BRASIL, 2010).

Cerveira, Parreira e Goulart (2011) revelam a extrema importância em considerar o contexto social, cultural e econômico do cidadão, assim como, estabelecer relações horizontais, que permitam o diálogo, a valorização do saber popular e da subjetividade dos indivíduos envolvidos.

Educação em saúde deve ser considerada como um auxílio na construção de indivíduos e coletividades que constituem a sociedade. Os processos educacionais, além de gerar e disseminar conhecimentos, ainda possibilitam uma ampliação do saber na dimensão humana e de melhoria da qualidade de vida. Com isso, entende-se que a promoção da saúde deve ser discutida e levada às escolas uma vez que estes são locais de diálogos, privilegiados para troca de saberes e expressão da diversidade cultural.

De acordo com Cerveira, Parreira e Goulart (2011), existem práticas na educação em saúde, ainda pautadas no modelo biomédico, sanitarista e higienista. Isso significa tentar garantir práticas saudáveis mediante a imposição de normas, de poder, dando ênfase ao olhar reducionista, práticas estas que devem ser superadas, a partir da adoção do conceito de promoção de saúde.

A Lei Orgânica da Saúde (Lei 8.080/1990), prevê que a educação é um dos fatores determinantes para o estado de saúde dos indivíduos:

Art. 3ª - A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais; os níveis de saúde da população expressam a organização social e econômica do país.

Também é importante destacar o espaço da escola como meio de discussões e local de vivências, onde seus membros são os protagonistas de uma construção coletiva, crítica e contínua. É por meio dela que a criança possui contato de forma sistemática e por longo período de tempo com outras pessoas além de seu grupo familiar, e inicia importantes relações sociais além de apropriação de conhecimentos.

Pensar a escola como promotora de saúde é pensar na implantação de uma cultura de educação saudável dentro e fora dos limites da sala de aula. É ampliar o universo de conhecimentos teóricos e contribuir na implantação de políticas públicas saudáveis e transversais de integração e articulação com os serviços de saúde, educação, assistência social e outros.

A escola promotora de saúde busca desenvolver conhecimentos, partilhar saberes e conscientizar sobre o autocuidado e prevenção de condutas de risco, evitando o surgimento e reincidência de doenças, além de trabalhar na solução das problemáticas que possam existir.

A educação em saúde é um instrumento de construção e participação popular que leva conhecimento e provoca mudança de atitude, dando oportunidade para o sujeito pensar e repensar sua cultura. É uma estratégia para enfrentar as problemáticas por intermédio de articulação técnica e popular, tendo como principal sujeito os usuários, que precisam ser vistos e entendidos como protagonistas fundamentais nesse processo.

Oliveira e Gonçalves (2004), afirmam que o processo de educação em saúde fomenta a análise crítica e reflexiva de valores e condutas, condições sociais e estilo de vida. Fortalece o desenvolvimento humano e melhora da qualidade de vida, além de facilitar a participação dos integrantes na tomada de decisões colaborando na construção do protagonismo pessoal e social.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), em seu artigo 4º, prevê o dever de assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária às crianças e adolescentes (BRASIL, 1990).

A educação da criança e do adolescente não deve ser vista de forma pontual ou individual, mas sim de forma ampliada, pois em extensão a ela, existe sua família e a sociedade na qual está inserida, portanto o trabalho de educação em saúde, quando realizado de forma sistemática e planejada, obtém mudanças de atitudes e transformação de culturas sociais.

Nesse sentido, a escola torna-se espaço comunitário, onde professores/educadores, crianças, família e comunidade podem interagir e agregar conhecimentos, além de mudança de hábitos e culturas de saúde, gerando qualidade de vida e emancipação dos sujeitos. A educação é, portanto, um processo permanente e contínuo que deve ocorrer ao longo da vida (RASCHE; SANTOS, 2013).

Lopes e colaboradores (2007), afirmam que cabe ao enfermeiro atuar como facilitador desse processo, mas seu papel

também é o de integrar com outros profissionais, principalmente os professores e educadores da escola, construindo uma relação de parceria dos saberes e troca de conhecimentos entre a equipe.

O trabalho do enfermeiro por sua vez, deve ser de investigar a realidade da população e criar estratégias de trabalho que forneçam conteúdos em consonância com suas necessidades.

O conceito de promoção de saúde escolar trata de relações de diálogo, discussão, troca de conhecimentos, escuta e acolhimento das demandas dos sujeitos envolvidos. O respeito, a valorização da visão de mundo e da historicidade da criança e de sua família, são caminhos para a construção coletiva de saberes e práticas cotidianas.

Levando-se em consideração a atuação do enfermeiro na promoção de saúde, conclui-se que o espaço da escola é um importante ambiente para realizar a estratégia de educação em saúde uma vez que os alunos são uma camada importante da sociedade (PIRES et al., 2013) e trabalhar educação e saúde nessa faixa etária trará benefícios para toda a vida desse indivíduo e de sua coletividade.

No âmbito escolar, o Programa Saúde na Escola (PSE), do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação, instituído em 2007, pelo Decreto Presidencial nº 6.286, coloca que devem ser destacados os temas: desenvolvendo habilidades para a saúde e qualidade de vida, atividades físicas e promoção da saúde na infância e adolescência, sexualidade humana, inclusão educacional, meio ambiente, prevenção de acidentes e violências e alimentação saudável. Essas ações foram fortalecidas pela Portaria Interministerial nº 1.010, de 8 de maio de 2006, que define, como uma das vertentes para a promoção da saúde no âmbito escolar abordagens de temáticas que contribuirão com o desenvolvimento escolar e comunitário saudável (BRASIL, 2006).

Práticas relacionadas à promoção de saúde ainda são incipientes na realidade brasileira e a enfermagem tem papel

essencial na construção dessas novas práticas (SILVA et al., 2009).

As instituições formadoras ainda procuram formas de incorporar os referenciais de promoção de saúde nas suas ações de formação. Um caminho necessário para a incorporação de promoção de saúde nas práticas de saúde é incluir esta questão na formação dos enfermeiros trabalhando o empoderamento dos sujeitos, sendo este um processo gradual, pois requer ações estratégicas no ensino e nas práticas sanitárias (SILVA et al., 2009).

A escola de educação básica tem se mostrado um caminho promissor para o enfermeiro direcionar suas ações pautadas no conceito de promoção de saúde, que traz novas possibilidades para ações intersetoriais entre saúde e educação, concernentes a uma visão ampliada do processo saúde-doença.

Referências

ALMEIDA, A. H. de; SOARES, C. B. Educação em saúde: análise do ensino na graduação em enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 19, n. 3, p. 614-621, June 2011.

ALVARENGA, W.A., SILVA, M.E.D.C., SILVA, S.S., BARBOSA, L.D.C.S. Ações de educação em saúde realizadas por enfermeiros na escola: percepção de pais. **Rev. Min. Enferm.**; v. 16, n.4, p. 522-527, out./dez., 2012

ALVES, V. S. Um modelo de educação em saúde para o Programa Saúde da Família: pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial. **Interface**, Botucatu, v. 9, n. 16, p. 39-52, Feb. 2005 .

BRASIL, Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da saúde. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2006.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990. 181p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação. Resolução CNE/ CES N° 3, de 7 de novembro de 2001. [online]. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/diretriz.htm> [Acesso em 28 março 2016].

BRASIL, Congresso Nacional. Lei Orgânica da Saúde. Lei n° 8.080, de 19 de setembro de 1990. [online]. Disponível em: <http://www.soleis.adv.br/leiorganicadasaude.htm> [Acesso em 28 mar. 2016].

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000 .

CASEMIRO, J. P., FONSECA, A. B. C., SECCO, F. V. M. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 829-40, 2014.

CERVERA, D. P. P.; PARREIRA, B. D. M.; GOULART, B. F. Educação em saúde: percepção dos enfermeiros da atenção básica em Uberaba (MG). **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 1547-1554, 2011.

CORBELLINI, V.L. Ensino de enfermagem e as relações instituídas no hospital a partir da década de 1950. **Rev Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, v. 28, n.4, p. 489-96, dez., 2007

COSTA, F. S.; SILVA, J.L.L.; DINIZ. M.I.G. A importância da interface educação\saúde no ambiente escolar como prática de promoção da saúde. Informe em promoção da saúde, v. 4, n. 2. p. 30-33, 2008.

MACIEL, E. L. N., OLIVEIRA, C. B., FRECHIANI, J. M., SALES, C. M. M., BROTTTO, L. D. de A., ARAÚJO, M. D. Projeto Aprendendo Saúde na Escola: a experiência de repercussões positivas na qualidade de vida e determinantes da saúde de membros de uma comunidade escolar em Vitória, Espírito Santo. **Ciência e Saúde Coletiva**. p. 389-396, 2010.

MAIA, E. R. et al. Validação de metodologias ativas de ensino-aprendizagem na promoção da saúde alimentar infantil. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 79-88, Feb. 2012 .

LOPES, G. T. et al. O enfermeiro no ensino fundamental: desafios na prevenção ao consumo de álcool. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 712-716, Dec. 2007 .

LOPES, E. M., ANJOS, S.J.S.B., PINHEIRO, A.K.B. tendência das ações de educação em saúde realizadas por enfermeiros no Brasil **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 273-7.

OLIVEIRA, H.M., GONCALVES, M. J. F. Educação em Saúde: uma experiência transformadora. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 6, p. 761-763, Dec. 2004 .

PIRES, L., QUEIRÓS, P., MUNARI, D., MELO, C., SOUZA, M.. A enfermagem no contexto da saúde do escolar: revisão integrativa da literatura. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20(esp1), p. 668-675, dez., 2012.

RASCHE, A. S., SANTOS, M. da S. S. dos. Enfermagem Escolar e sua Especialização: uma nova ou antiga atividade. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 66, n. 4, p. 607-10, jul-ago., 2013.

ROSA, R.B., MAFFACCIOLLI, R., NAUDERER, T.M., PEDRO, E.N.R. A educação em saúde no currículo de um curso de enfermagem: o aprender para educar. **Rev Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 185-92, jun., 2006.

SANTOS, S.M.R. et al. Licenciatura e bacharelado em enfermagem: experiências e expectativas de estudantes. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 32, n. 4, p. 711-718, Dec. 2011 .

SILVA, K.L., SENA, R. R., GRILLO, M.J.C., HORTA, N.X., PRADO, P.M.C. Educação em Enfermagem e os desafios para a promoção de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 1, p. 86-91, jan-fev.,2009.

SILVA, P. F. A.; BAPTISTA, T. W. F. Os sentidos e disputas na construção da Política Nacional de Promoção da Saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 441-465, 2014.

WHO 1986. Carta de Ottawa, pp. 11-18. In Ministério da Saúde/FIOCRUZ. Promoção da Saúde: Cartas de Ottawa, Adelaide, Sundsvall e Santa Fé de Bogotá. Ministério da Saúde/IEC, Brasília

SIGNIFICADO DE SAÚDE E DOENÇA PARA CRIANÇAS: revisão integrativa

SILVIA REGINA BALDO DE CAMARGO¹
MARINA FARACO CORRÊA
MARK FERNANDO DA SILVA RABONI
GISELE CRISTINE DE OLIVEIRA
MARLENE FELOMENA MARIANO DO AMARAL
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES
LUCIANE SÁ DE ANDRADE

A partir do interesse comum sobre a pesquisa com crianças em sua forma integral e da investigação sobre a Promoção da Saúde na educação básica, realizada no Grupo de Pesquisa Educação em Saúde/Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, propusemo-nos a realizar uma pesquisa que mostrasse as evidências sobre as representações de saúde e doença para a criança, a partir de uma revisão integrativa sobre este assunto.

As pesquisas com crianças mostram-se relevantes à medida que, conhecendo suas opiniões e anseios, torna-se possível o avanço no conhecimento em qualquer área, em favor do bem-estar e do desenvolvimento de seres humanos inseridos em

¹ Bolsista CAPES, Programa de Demanda Social, 2012/2014.

um contexto histórico-cultural, na perspectiva da Promoção da Saúde. Nesse sentido, é de suma importância conhecer o que as crianças pensam sobre a saúde e a doença no intuito de repensar práticas de Promoção da Saúde em nível educacional, oportunizando à criança situações críticas de aprendizagem sobre o 'ser saudável'.

Assim, para entender o que as crianças pensam sobre saúde e doença, faz-se necessário saber como esses conceitos foram construídos ao longo da história.

A saúde sempre foi pautada em um modelo biológico e até a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Mundial da Saúde (OMS), ainda não havia um conceito sobre saúde aceito universalmente. Os povos antigos eram mais preocupados com a doença que era vista de modos variados, desde uma forma de pecado, até como um desequilíbrio do corpo. Por isso, a doença é execrada e combatida pelas pessoas de várias formas (SCLIAR, 2007).

No fim do século XIX, a ciência avançou e a doença passou a ser vista como uma consequência de fatores etiológicos, que eram curados com soros e vacinas, assim permitindo a prevenção e a cura da mesma (SCLIAR, 2007). Desse modo, a doença foi se constituindo a partir de uma visão funcional e morfológica do corpo humano (CZERESNIA; FREITAS, 2009). Esse reducionismo faz com que toda a responsabilidade sobre se ter ou não saúde recaia sobre o indivíduo e seu comportamento; isso também traz uma confusão entre a promoção e a prevenção da saúde (BUSS, 2009).

Com o crescimento da sociedade, a OMS criou a Constituição de 1946, em que ampliava os objetivos de alcançar a saúde desejável para a população mundial, colocando-a de forma mais ampla e avançando do conceito de ausência de doença para saúde como bem-estar social, físico e mental. Assim, segundo a OMS,

saúde é o direito a tudo o que um ser humano deve ter para viver com dignidade, satisfação e felicidade (AROUCA, 1987).

Em relação à Promoção da Saúde e Educação em Saúde, salienta-se que é de suma importância olhar para a escola como espaço fundamental e muito rico para a apropriação de conceitos relevantes na construção pela criança sobre 'o ser saudável' de forma dialógica, reflexiva e crítica.

Na história da Promoção da Saúde, foram organizadas várias conferências pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para se debater e chegar a um consenso sobre o conceito de saúde e sobre as políticas de Promoção da Saúde (GOULART, 2006). A primeira e mais significativa dessas conferências foi a que produziu a Carta de Ottawa (1986), que conceitua a Promoção da Saúde como um processo que capacita a comunidade para atuar com participação e controle, no processo de melhoria de sua qualidade de vida, alcançando o bem-estar social, físico e mental, através da identificação de seus desejos, da satisfação de suas necessidades e da mudança positiva do ambiente em que vivem (GOULART, 2006). Assim, "a saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver" (OMS, 1986).

Essas discussões produzidas nas conferências sobre Promoção da Saúde delineiam um novo referencial em relação à concepção do processo que envolve a saúde e a doença (GOULART, 2006). Tais concepções vão além do modelo biológico de saúde que reflete historicamente na culpabilidade do indivíduo, causador de sua própria doença e isolado da sociedade (CECCIM; CARVALHO, 2005).

Nesse sentido a escola mostra-se um espaço importante para a Promoção da Saúde, pois tem um papel relevante na formação de um cidadão crítico e capaz de controlar sua vida com atitudes saudáveis (BRASIL, 2009).

Assim, a partir do questionamento 'Quais os significados, representações e/ou concepções atribuídos à saúde e à doença

na visão da criança?’, entende-se que uma Revisão Integrativa da literatura sobre esse tema torna-se de maior relevância para que seja possível apreender o estado da arte sobre os significados que as crianças atribuem à saúde e à doença, preocupando-nos em investigar o papel da escola de educação básica nessas pesquisas, a partir desse referencial de Promoção da Saúde.

Para conhecer esses significados buscou-se uma abordagem na literatura que, a partir de artigos que tratassem do tema na concepção das crianças, contribuísse com a melhoria das práticas de Promoção da Saúde e Educação em Saúde nas escolas. Assim, o objetivo deste estudo é conhecer a produção científica sobre os significados, concepções e representações atribuídas, pela criança, à saúde e à doença.

Percurso metodológico

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que analisa pesquisas primárias e “possibilita a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos” (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). A revisão integrativa, juntamente com a revisão sistemática é um método de pesquisa utilizado na Prática Baseada em Evidências (PBE) com o intuito de reunir estudos de um determinado tema, sintetizando seus resultados de forma organizada e sistematizada, preocupando-se em contribuir para o aprofundamento nesse tema. A revisão integrativa é considerada como método de pesquisa desde os anos 1980 e, dessa forma, nos permite sintetizar estudos publicados acerca do tema de interesse, possibilitando tirar conclusões gerais a seu respeito, podendo ser também utilizado pelos profissionais da saúde e da educação no âmbito escolar, a fim de subsidiarem sua prática em promoção

da saúde, com o intuito de contribuir para o conhecimento do tema investigado.

Assim, faz-se necessário ter rigor, clareza e crítica, para facilitar ao leitor a identificação das características mais evidentes dos estudos que participaram dessa revisão integrativa.

Para a realização desse estudo foram seguidas algumas etapas estabelecidas por Mendes, Silveira e Galvão (2008), propostas para a Revisão Integrativa: identificação do tema e da questão de pesquisa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão dos estudos; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; avaliação dos estudos incluídos; interpretação dos resultados; apresentação da revisão integrativa.

A revisão integrativa foi realizada entre março de 2013 e abril de 2014. Após a escolha do tema e a definição da questão problematizadora, a pesquisa foi iniciada com a busca na internet - ferramenta fundamental na seleção das bases de dados - por artigos primários que se adequassem ao tema proposto com o intuito de identificar os estudos que seriam incluídos na revisão integrativa, atendendo aos objetivos desse trabalho.

Foram consultadas as bases de dados MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), e a biblioteca virtual SCIELO, em que as palavras-chave “significados”, “representações” e “concepções” e os descritores “criança”, “saúde” e “doença”, foram utilizados para a pesquisa. Utilizando essas bases de dados, decidiu-se por ampliar o escopo da pesquisa, para que nenhum estudo primário sobre o tema passasse despercebido.

A pesquisa começou com a consulta das palavras-chave isoladas em cada base de dados. Assim, ao passo em que os resultados apareciam, os que se adequavam à proposta desta pesquisa eram selecionados para análise posterior. Após o término da procura a partir das palavras-chave isoladas e coleta dos artigos

encontrados, a pesquisa seguiu com a consulta através de descritores, também isolados, em cada base de dados escolhida. Assim como foi feito anteriormente, os artigos encontrados que tratavam do tema escolhido como norteador deste trabalho, foram selecionados também para serem analisados posteriormente.

Depois de todo o processo de busca com apenas uma palavra-chave ou descritor, a pesquisa passou a ser feita através do cruzamento de duas palavras e/ou descritores. Nesta etapa houve o cuidado e a atenção para que todas as combinações possíveis fossem feitas, de forma a gerar mais possibilidades de sucesso na procura e coleta de artigos.

Dessa forma, foram encontrados 46 artigos, cujos resumos foram lidos, analisados e selecionados segundo os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos.

Como critérios de inclusão foram selecionados os artigos científicos publicados em língua portuguesa e inglesa, cujos resumos e textos completos estivessem disponíveis nas bases de dados pesquisadas; também foram separados os artigos cujos sujeitos de pesquisa fossem crianças, essa idade estabelecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): “Art. 2º - Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos (...)” (BRASIL, 2008).

Quanto aos critérios de exclusão optou-se por não analisar textos em outros formatos, tais como teses, dissertações, relatos de experiência, entre outros, focando apenas na revisão de artigos científicos; também foram excluídos artigos cujos resumos foram encontrados mas que não possuíam seus textos completos disponíveis nas bases de dados; os artigos cujas pesquisas envolviam outros sujeitos que não fossem crianças, de acordo com o ECA (BRASIL, 2008), como familiares e profissionais da saúde, também foram deixados de lado. Múltiplas ocorrências das mesmas pesquisas encontradas em mais de uma base de dados foram observadas, considerando-se apenas uma delas.

Dos resumos selecionados de acordo com esses critérios foram recuperados integralmente 20 artigos, com seus textos completos e com período de publicação entre 1993 e 2012.

Depois da leitura em profundidade das 20 publicações recuperadas, procedeu-se ao fichamento das mesmas, definindo as informações a serem extraídas dos estudos selecionados utilizando e adaptando o instrumento para coleta de dados, referenciado por Ursi (2005), para uma maior visibilidade dos atributos mais importantes de cada pesquisa incluída, tais como: 1. Identificação - título do artigo, título do periódico, autores, país, idioma, ano de publicação; 2. Características metodológicas do estudo - tipo de publicação, objetivo ou questão de investigação, amostra, metodologia, resultados, análise quantitativa (quando constasse), implicações, nível de evidência; 3. Avaliação do rigor metodológico - clareza na identificação da trajetória metodológica no texto (método empregado, sujeitos participantes, critérios inclusão e exclusão, intervenção, resultados), identificação de limitações ou vies.

Dessa forma, foi possível analisar e apreciar os artigos individualmente, de acordo com suas características e qualidades científicas. Após essa etapa procedeu-se com a leitura do instrumento de análise construído anteriormente, buscando comparar, delinear e aproximar o que os artigos primários pesquisados traziam, de acordo com a questão de pesquisa proposta.

A leitura do instrumento de análise aponta alguns resultados sobre os artigos selecionados e listados no Quadro 1, tais como os tipos de abordagem, país de realização do estudo, o idioma em que foi escrito, local de realização da pesquisa e o instrumento utilizado.

Quanto à abordagem, a maioria dos estudos encontrados traz uma investigação qualitativa (6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20); a abordagem qualitativa/quantitativa fica por conta dos estudos 1, 3, 4 e 8; apenas os estudos 2 e 5 trazem uma abordagem quantitativa.

Os estudos realizaram-se, em sua maioria, no Brasil (1, 2, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20); mas os estudos 5 e 6 foram feitos em Portugal.

Os artigos primários em sua maioria foram publicados em língua portuguesa e apenas o número 4 foi publicado em idioma inglês.

A maioria dos artigos tem como local de pesquisa o hospital (7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19); o artigo de número 20 teve sua investigação ambientada em hospital e escola; em escolas estão contextualizados os artigos 1, 2, 4, 5 e 6; apenas um deles se refere ao local de pesquisa como 'área endêmica'; o artigo de número 9 tem sua investigação ambientada nos domicílios de seus sujeitos.

Quanto aos instrumentos utilizados observou-se uma variedade, porém, em sua maioria, os estudos utilizam entrevistas: semiestruturada (7, 8, 11, 13, 15, 17 e 20); estruturada (1 e 16), do tipo aberta ou livre (9) e o número 4 não especifica o tipo de entrevista. Duas pesquisas utilizam como instrumento a observação participante e o Brinquedo terapêutico (10 e 14). Os artigos 3, 12 e 19 trazem como instrumentos de coleta de dados o desenho e a história ou inquérito. Outros instrumentos foram utilizados como: Questionário ilustrado (2), Instrumento de medida não especificado (5), Ficha de desenho/escrita (6), Observação participante e Desenho infantil (18). Destaca-se que quase todas as pesquisas utilizam-se de mais de um instrumento para a coleta dos dados, o que no caso de crianças se torna muito proveitoso, pois deixa-se as crianças à vontade durante esses momentos, extraindo significados, concepções e representações de várias formas.

Baseando-se nos dados encontrados nas pesquisas, foram destacadas três unidades temáticas para a análise dos artigos incluídos. O quadro a seguir (Quadro 1), referido anteriormente, traz todos os artigos incluídos na revisão integrativa subdivididos nas unidades temáticas levantadas:

Quadro 1 - Lista dos artigos primários referenciados e temas levantados para a revisão integrativa.

Tema	Nº	Título	Autor(es)	Ano
Saúde	1	Concepção de crianças sobre saúde bucal: estudo entre escolares da rede municipal de Bauru-SP.	PAULETO, A. R. C.; PEREIRA, M. L. T.; CYRINO, E. G.	2004
	2	Percepções, conhecimentos e práticas em saúde bucal de escolares.	FIGUEIRA, T. R.; LEITE, I. C. G.	2008
	3	Representações de crianças de zona rural sobre a saúde e o pesquisador: a “grande saúde” e o “grande outro”.	GAZZINELLI, M. F. C.; SILVA, T. C.; RODRIGUES, R. A.; ARAÚJO, E. G.; BETHONY, J.	2008
	4	Oral hygiene practices, dental service use and oral health self-perception of schoolchildren from a rural zone in the Brazilian Northeast region.	MENEZES, V.A.; LORENA, R. P. F.; ROCHA, L. C. B.; LEITE, A. E.; FERREIRA, J. M. S.; GRANVILLE-GARCIA, A. F.	2010
	5	Saúde e bem-estar de crianças em idade escolar.	NORONHA, M. I.; RODRIGUES, M. A.	2011
	6	A percepção de saúde das crianças expressa na linguagem criativa dos desenhos.	RODRIGUES, M. A.; CRUZ, M. D. D.	2012
Doença	7	A Enfermidade Sob o Olhar da Criança Hospitalizada.	OLIVEIRA, H.	1993
	8	Explicações de crianças internadas sobre a causa das doenças: implicações para a comunicação profissional de saúde-paciente.	PEROSA, G. B.; GABARRA, L. M.	2003

Tema	Nº	Título	Autor(es)	Ano
Doença	9	Representação social da criança sobre o câncer.	CAGNIN, E. R. G.; LISTON, N. M.; DUPAS, G.	2004
	10	O significado da hospitalização para a criança pré-escolar: um modelo teórico.	RIBEIRO, C. A.; ANGELO, M	2005
	11	Doença renal crônica: conhecendo a experiência da criança.	VIEIRA, S. S.; DUPAS, G.; FERREIRA, N. M. L. A.	2009
	12	A hospitalização e o adoecimento pela perspectiva de crianças e jovens portadores de fibrose cística e osteogênese imperfeita.	MELLO, D. B.; MOREIRA, M. C. N.	2010
	13	Criança em idade escolar hospitalizada: significado da condição crônica.	NÓBREGA, R. D.; COLLET, N; GOMES, I. P.; HOLANDA, E. R.; ARAÚJO, Y. B.	2010
	14	Ter anemia falciforme: nota prévia sobre seu significado para a criança expresso através da brincadeira.	SOUZA, A. A. M., RIBEIRO, C. A., BORBA, R. I. H.	2011
	15	A experiência de sofrimento: histórias narradas pela criança hospitalizada.	VASQUES, R. C. Y.; BOUSSO, R. S.; MENDES- CASTILLO, A. M. C.	2011
	16	A percepção do escolar sobre a hospitalização: contribuições para o cuidado de enfermagem.	LAPA, D. F.; SOUZA, T. V.	2011
	17	O significado da experiência cirúrgica para a criança.	GARANHANI, M. L.; VALLE, E. R. M.	2012

Tema	Nº	Título	Autor(es)	Ano
Doença	18	Compreendendo o significado de estar hospitalizado no cotidiano de crianças e adolescentes com doenças crônicas.	LUZ, J. H.; MARTINI, J. G.	2012
Saúde e Doença	19	Saúde e doença: o que pensam e sentem as crianças hospitalizadas e suas mães acompanhantes.	MARRACH, L. A. E; KAHLE, E. M. R.	2003
	20	Significado de saúde e de doença na percepção da criança.	MOREIRA, P.L.; DUPAS, G.	2003

Significados de saúde e doença para a criança

Foram encontrados estudos que investigam os significados, representações e concepções sobre saúde e doença; os estudos sobre doença trazem significações acerca de doenças e condições específicas; ambos os temas são pesquisados nos contextos hospitalar e escolar.

A grande maioria das pesquisas é focada na questão do significado da hospitalização da criança e na representação da própria doença ou problema de saúde enfrentado no momento da hospitalização e são contextualizadas no próprio hospital. Uma das pesquisas que focam as condições específicas das crianças ambienta-se nos domicílios dos sujeitos de pesquisa. Outras pesquisas abordam os significados de saúde de maneira geral e também a saúde bucal e, em sua maioria, estão contextualizadas na escola; uma delas tem como local de pesquisa uma instituição beneficente; outra se refere ao local de pesquisa como 'área

endêmica'. Dois dos artigos incluídos tratam da representação da saúde e da doença de forma geral e estão contextualizados no hospital e na escola. Todos os artigos têm como sujeito de pesquisa crianças, de acordo com a idade estabelecida pelo ECA (BRASIL, 2008), porém, um dos artigos incluídos tem como objetivo identificar o que pensam e sentem sobre saúde e doença, as crianças hospitalizadas e suas mães acompanhantes – nesse caso somente os resultados oriundos das opiniões das crianças foram levados em conta para esta revisão integrativa.

Os objetivos dos trabalhos, em sua maioria, giram em torno das representações, concepções e significações sobre a hospitalização, a internação, o tratamento médico; outros se preocupam com o que pensam as crianças pesquisadas sobre uma doença específica como câncer, doença renal, fibrose cística, anemia falciforme; alguns deles investigam a causalidade das doenças, outros a experiência do sofrimento, outros sobre experiência da cirurgia. Também há estudos cujos objetivos são conhecer as concepções, representações e significações sobre saúde e doença para as crianças – mas são poucos; outros trabalhos têm como objetivo conhecer e analisar a saúde bucal na concepção das crianças pesquisadas.

Após leitura e análise do material, este foi organizado em unidades temáticas, englobando as características comuns entre os artigos que se relacionassem ao tema investigado. As unidades temáticas levantadas foram: *Saúde*; *Doença*; *Saúde e doença*.

Dos vinte artigos selecionados e analisados, seis foram encaixados na unidade temática que tinha como foco o assunto “saúde”. Desses, três tratavam especificamente da saúde bucal, com o objetivo de entender as concepções, percepções, conhecimentos e práticas em saúde e higiene bucal de crianças em idade escolar. Já os outros três artigos traziam as noções das crianças sobre saúde de um aspecto geral, abarcando as representações das mesmas sobre o tema e a questão da saúde ligada ao bem-estar.

Doze artigos formaram a unidade temática que tinha como foco “doença”. Quatro deles foram mais específicos e pesquisaram o olhar de crianças doentes sobre suas próprias doenças, como o câncer, doenças renais crônicas, fibrose cística e osteogênese imperfeita e anemia falciforme. Seis artigos trouxeram a questão do significado e do motivo da hospitalização para as crianças. Um artigo trouxe as explicações de crianças internadas sobre a causa de suas doenças e um sobre o significado da experiência cirúrgica para elas.

Por fim, dois artigos compuseram a última unidade temática que tinha como foco o tema “saúde e doença”, trabalhando com o significado de saúde e doença para crianças em escolas e em hospitais e o que pensam as crianças hospitalizadas e suas mães acompanhantes durante todo o processo de hospitalização.

Ao pesquisar e procurar artigos que se adequassem ao tema, evidenciou-se que questões como saúde, hábitos de higiene e bem-estar, por exemplo, são temas de pesquisa com crianças saudáveis e que frequentam o ambiente escolar. A saúde foi pouco trabalhada com crianças hospitalizadas, assim como doença quase não apareceu em pesquisas com crianças saudáveis.

A maioria dos trabalhos, que tem a criança como sujeito de pesquisa, foca na doença da mesma e na relação que esta desenvolve com a equipe de saúde e/ou com seus familiares. Mesmo encontrando alguns artigos que focavam na opinião das crianças sobre determinado assunto, em seus medos e desejos, foi possível perceber que a grande maioria das pesquisas não leva em consideração a criança em si, mas sim, o contexto em que ela se encontra.

Assim pôde-se observar que a criança pouco tem voz nas pesquisas levantadas, o que vai na contramão do tema proposto para essa pesquisa que é compreender quais os significados que a criança atribui à saúde e à doença.

Considerações Finais

Após análise dos os artigos selecionados, concluiu-se que a maioria dessas pesquisas encontradas sobre saúde e doença foca em crianças que passam por tratamento de saúde, geralmente, hospitalizadas. Ligados a esse dado, aparecem trabalhos que pesquisam o que significa, para a criança, estar hospitalizada. Sendo assim, questiona-se sobre os motivos de temas como saúde e doença serem apresentados, discutidos e pesquisados apenas com crianças que experimentam tais questões diariamente, mais de perto e de forma mais intensa, por conta de algum problema de saúde.

Ouvir a criança, criando espaços para que ela possa se manifestar, possibilita condições para o seu empoderamento e consciência do conceito ampliado de saúde, para além das determinações biológicas. Conhecer os significados trazidos pelas crianças pode ajudar os professores na abordagem de questões voltadas para a educação e promoção da saúde, no contexto escolar.

Referências

AROUCA, A. S. S. Democracia é saúde. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 8., 1986, Brasília. **Anais**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 1987. p. 35-42.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente** / Ministério da Saúde. – 3. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. 96 p. (Série E. Legislação de Saúde).

BRASIL. Ministério da Saúde. Série B. Textos Básicos de Saúde, **Cadernos de Atenção Básica**, n. 24. 2009. 96 p.

BUSS, P. M. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. In: CZERESNIA, D; FREITAS, C. M. (Orgs). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências [online]. 2nd. **Rev. andenl**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

CECCIM, R.B.; CARVALHO, Y.M. Ensino da saúde como projeto da integralidade: a educação dos profissionais de saúde no SUS. In: PINHEIRO, R., CECCIM, R.B., MATTOS, R.A. (orgs.) **Ensinar Saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ: CEPESQ: ABRASCO, 2005.

CZERESNIA, D; FREITAS, C. M. (Orgs). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. 2nd. **Rev. andenl**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

GOULART, R. M. M. Promoção de saúde e o programa escolas promotoras da saúde. **Caderno de Pesquisa em Ciências da Saúde**. (IMES). São Caetano do Sul. v. 1, n. 1, p. 5-13. 2006.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, Out-Dez; 17(4): 758-64. 2008.

OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Carta de Ottawa, PP.11-18. In: Ministério da Saúde/FIOCRUZ. **Promoção da Saúde: Cartas de Ottawa, Adelaide, Sundsvall e Santa Fé de Bogotá**. Ministério da Saúde/IEC, Brasília, 1986.

SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 17(1):29-41, 2007.

URSI, E. S. **Prevenção de lesões de pele no período perioperatório: revisão integrativa da literatura**. 2005. 128 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

SAÚDE NA ESCOLA: concepções de alunos e professores do Ensino Fundamental de uma escola pública

VANESSA CASTANHA
LENI ANE MUNIZ DA SILVA
LUCIANE SÁ DE ANDRADE
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

A escola é um campo de vivências emocionais e sociais, mostrando-se como um espaço permeável para abordagens transdisciplinares (LOPES et al., 2007). A enfermagem, por sua vez, focando a promoção da saúde na qual insere-se a visão de uma educação para a saúde que considera o sujeito pró-ativo, de forma crítica e responsável, vê na escola um profícuo campo de atuação. Na perspectiva de articular saúde e educação é que se deu o desenvolvimento deste estudo.

Para Organização Mundial da Saúde (OMS), saúde é o completo bem-estar físico, mental e social e não a simples ausência de doença. Saúde é a forma como o ser humano vive seu dia-a-dia, como trabalha, onde vive e quais as formas de lazer, se possui acesso aos bens e serviços oferecidos. Pode-se afirmar que saúde é a capacitação da comunidade para a melhoria da sua qualidade de vida, tornando os indivíduos parte do processo. Os serviços

de saúde não são exclusivamente os responsáveis pela saúde da comunidade, mas qualquer instituição é capaz de orientar a promoção da saúde, ampliando o bem-estar geral (BRASIL, 2002a).

Enquanto a ideia de doença possui origem ou causa na vida das pessoas, a saúde está ligada às mudanças que o indivíduo proporciona em sua vida (SCLIAR, 2007). Assim, pode-se supor que o ser humano é capaz de realizar mudanças que contribuam para a melhoria da qualidade de vida. A promoção de saúde supõe uma concepção na qual é possível atuar sobre os determinantes da saúde. Incide sobre as condições de vida da população, extrapolando a prestação de serviços clínico-assistenciais, supondo ações intersetoriais que envolvem a educação, o saneamento básico, a habitação, a renda, o trabalho, a alimentação, o meio ambiente, o acesso a bens e serviços essenciais, o lazer, entre outros determinantes sociais da saúde (SÍCOLI; NASCIMENTO, 2003).

O Ministério da Saúde compreende que é fundamental, no período escolar, trabalhar saúde na perspectiva da promoção, integrando e desenvolvendo ações de prevenção de doenças e fortalecimento de fatores de proteção, dando concretude às propostas de promoção de saúde relacionadas ao exercício da cidadania, ao acesso às oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem, indo além de sua função pedagógica específica, extrapolando para sua função social e política, direcionada para a transformação da sociedade (BRASIL, 2002b).

A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, trazendo o tema transversal *saúde*, sugere que toda escola deve incorporar os princípios de promoção da saúde indicados pela OMS, buscando: fomentar a saúde e o aprendizado em todos os momentos; integrar profissionais de saúde, educação, pais, alunos e membros da comunidade, no esforço de transformar a escola em um ambiente saudável; implementar práticas que respeitem o bem-estar e a dignidade individual além de implementar

políticas que garantam o bem-estar individual e coletivo, oferecendo oportunidades de crescimento e desenvolvimento em um ambiente saudável, com a participação dos setores da saúde e educação, família e comunidade (BRASIL,1997).

Essa visão remete à proposta das Escolas Promotoras de Saúde, na qual a escola não pode ser vista apenas como um sistema eficiente para produzir educação, mas, como uma comunidade humana que se preocupa com a saúde de todos os seus membros: professores, alunos e pessoal não docente, assim como com todas aquelas pessoas que se relacionam com a comunidade escolar. Dessa forma, todas as escolas podem potencialmente promover a saúde. A escola saudável deve então, ser entendida como um espaço vital gerador de autonomia, participação, crítica e criatividade dado ao escolar para que ele tenha a possibilidade de desenvolver suas potencialidades físicas e intelectuais (PELICIONI; TORRES, 1999).

A saúde não é somente dever do estado; as famílias, a sociedade e as empresas também precisam fazer parte deste desenvolvimento. O estado fornece escolas, a sociedade contribui com profissionais capacitados e a família com o incentivo e o dever de colocar as crianças ao encontro do conhecimento, pois a educação, além da moradia, transporte, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, renda, é fator determinante para qualidade de vida e cabe a todos participar desse processo (BRASIL, 1990).

Para tal transformação é preciso educar em saúde, na perspectiva da promoção da saúde. Na escola avanços podem ser feitos, superando a ideia meramente curativista do conceito de saúde, que ainda persiste em alguns espaços. É preciso começar pelo alicerce para que a construção seja edificada; as crianças, futuros trabalhadores do amanhã e formadores de opiniões, podem contribuir para a mudança deste paradigma.

A escola como importante espaço de desenvolvimento de educação em saúde, possibilita educar por meio dos diferentes

saberes, trazidos pelos alunos, familiares e comunidade, aprimorando conhecimentos e incentivando-os para melhor qualidade de vida, para o exercício da cidadania e para o desenvolvimento da autonomia (BRASIL, 2009).

Falar em participação do aluno implica trabalhar com ele, dar espaço para suas ações, permitindo assim o desenvolvimento de habilidades cognitivas, expressando suas ideias, pensamentos, formulando opinião acerca do significado de saúde e doença, contribuindo assim para o atendimento de necessidades e respeitando sua própria identidade (MOREIRA; DUPAS, 2003).

Pensando sobre a possibilidade do trabalho do enfermeiro nesse espaço escolar, faz-se importante destacar a necessária articulação com os educadores; “em vez de ações pontuais e isoladas, a melhor contribuição que a saúde poderia oferecer à educação reside na possibilidade de uma ação integrada e articulada, que de maneira crítica e reflexiva possa significar oportunidade de atualização dos educadores” (FIGUEIREDO; MACHADO; ABREU, 2010, p. 400).

Articular educação e saúde é integrar ações que promovam a saúde e contribuam para o empoderamento dos alunos e da comunidade escolar, de forma crítica e reflexiva, criando condições e oportunidades para que o indivíduo realize mudanças significativas que contribuam para seu melhor desenvolvimento. Para tanto, faz-se necessário conhecer as concepções que professores e alunos trazem de saúde e de educação em saúde, concepções estas, construídas ao longo de suas experiências e que podem contribuir para propostas de trabalho de educação em saúde nas escolas.

Nesse contexto, as seguintes questões nortearam este estudo: Qual a concepção que os professores da educação básica têm sobre saúde? O que dizem sobre a educação em saúde na escola? Que atividades de educação em saúde desenvolvem? Qual a concepção de saúde apresentada pelos alunos da educação básica?

Como percebem a abordagem do tema saúde nas mais variadas disciplinas?

Assim, o objetivo deste estudo é identificar os conceitos de saúde e as concepções de educação em saúde que circulam entre professores e alunos do ciclo II do Ensino Fundamental de uma escola estadual paulista, bem como as atividades desenvolvidas na escola neste âmbito.

Percurso metodológico

Este capítulo reuniu dois estudos qualitativos, com abordagem dialética proposta por Minayo, que visa à compreensão das relações humanas, o universo dos significados, as aspirações, as crenças, a realidade humana vivida socialmente (MINAYO, 2007).

Foram realizados no mesmo período e espaço escolar: uma escola estadual paulista de educação básica, situada em uma cidade do interior paulista. Esta é ampla, possui quadra para realização de esportes, pequeno espaço destinado às refeições. Está localizada em um bairro arborizado, com saneamento básico, casas de alvenaria, composto por comunidade de baixo poder aquisitivo, com dificuldades financeiras e sociais.

O primeiro estudo envolveu os professores, cujos dados foram obtidos nos períodos de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo) - que constam como atividade obrigatória dos professores, em agosto e setembro de 2011. A direção, em conjunto com a coordenação, considerando a importância dos temas desse trabalho para a própria escola, concedeu o tempo necessário para a apresentação do projeto aos professores e coleta de dados. Este trabalho focou os professores do ciclo II do Ensino Fundamental (5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries) que, nesta escola, se distribuíam em 20 classes, sendo cinco salas de cada série.

Eram 25 professores no ciclo II da Educação Básica na escola e todos foram convidados a participar do estudo. Dentre

eles, 13 aceitaram e responderam por escrito, questões sobre seu perfil (nome, data de nascimento, formação, disciplinas e séries que lecionam na escola e há quanto tempo lecionam) e questões sobre conceito de saúde e educação em saúde. Eram três professores de matemática, três de português, dois de português/inglês, dois de educação física, dois de ciências e um de geografia.

O outro estudo envolveu alunos das 5^{as}, 6^{as}, 7^{as} e 8^{as} séries, de 11 a 14 anos. A princípio foi sorteada uma sala de cada série da escola citada. Todos os alunos das séries sorteadas foram convidados a participar. A pesquisadora responsável pelo estudo permaneceu na escola durante vários dias, no período integral, a fim de responder possíveis dúvidas dos alunos, dos pais e da escola.

Houve retorno de 23 alunos, os quais responderam por escrito, a questões sobre o conceito de saúde, de educação em saúde, se existe alguma atividade sobre saúde na escola e como é.

Ambos os projetos foram aprovados pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, o primeiro sob o nº 1353/2011, e o segundo sob o nº 1354/2011, atendendo os preceitos éticos e o rigor científico, conforme exigidos na Resolução CNS 196/96, tendo os participantes da pesquisa - e seus responsáveis, no caso do segundo projeto - assinado os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

As respostas obtidas dos professores e alunos foram digitadas na íntegra, e a análise foi realizada com base na metodologia dialética proposta por Minayo (2007), em três fases: ordenação dos dados, classificação em categorias empíricas, compreensão e interpretação dos dados.

Os sujeitos foram apresentados com nomes fictícios, acrescidos das informações sobre disciplinas ministradas (professores) e séries cursadas (alunos). Serão apresentadas inicialmente as concepções dos professores, e em seguida as concepções dos alunos.

Concepções dos professores

A classificação originada dos dados dos professores foi articulada com as categorias teóricas, resultando nos seguintes grandes temas: *Conceito de saúde*; *Concepção de educação em saúde*; e *Atividades de educação em saúde*.

Conceito de saúde

Sobre esse tema, vários elementos foram trazidos, como: bem estar físico, mental, equilíbrio, alimentação saudável, prática de atividades físicas, higiene pessoal, ausência de doenças, expectativa e qualidade de vida, como transcritos nas falas a seguir:

É o perfeito estado de equilíbrio físico, mental e social, ou seja, a pessoa deve estar bem fisicamente, psicologicamente e em harmonia com as pessoas a sua volta, cumprindo suas obrigações. (Professora Laura – Ciências)

O bem estar da mente e do corpo, mantendo sempre uma boa alimentação e atividade física. (Professor Mateus – Educação Física)

Um corpo que possui um equilíbrio, e bem estar com exercícios físicos, alimentação adequada e livre de doenças. (Professora Paula – Matemática)

Saúde - “a maior riqueza do ser humano”. Imprescindível na qualidade de vida de qualquer pessoa. (Professora Sara – Português/Inglês)

A saúde para mim é, gozar de uma boa alimentação, dormir no mínimo 8:00 horas por dia e gozar de um ambiente saudável. (Professora Vania – Português/Inglês)

Assim, identificou-se que os professores atrelam fortemente saúde ao bem estar físico e mental, à alimentação

saudável, hábitos saudáveis de higiene, prática de atividades físicas, qualidade de vida, ausência de doenças; que parecem voltadas para o corpo, inseridas em uma visão biologicista, em detrimento de um conceito global de saúde.

Este conceito foi, de fato, formulado em 1946 pela Organização Mundial da Saúde, sendo que em 1990, com a criação do Sistema Único de Saúde - SUS, houve uma mudança de paradigma: da assistência às doenças para o cuidado humano, desapegando-se da biologia e relacionando as determinações socioeconômicas e humanas (psiquismo afetivo e cognitivo), resultando em uma mudança do conceito de saúde, com orientação político-pedagógica (PINHEIRO; CECCIM; MATTOS, 2006).

Concepção de educação em saúde

A forma como os professores veem educação em saúde na escola é resultado do próprio conceito de saúde que apresentam. Perguntado sobre como deveria ser a educação em saúde, surge a ênfase na prevenção de doenças, como se observa nas falas seguintes:

Ser dado como prevenção, conscientizar logo nos primeiros dias dentro do ensino fundamental. (Professor Edvaldo – Matemática)

Seria de conscientização para que todos façam a prevenção a possíveis doenças. (Professora Rosana – Português)

Focada na prevenção. (Professora Raísa – Português)

Deveria ter como foco a prevenção. (Professora Luciana – Geografia)

A educação em saúde é um processo de aprendizagem que precisa de atenção durante toda a escolaridade e a contribuição

da educação escolar, é de natureza complementar à familiar. Estabelecer na prática educativa uma relação entre conhecimentos teoricamente sistematizados e questões da vida real e de sua transformação, proporciona sentido social aos conceitos trabalhados na escola, superando assim o aprender apenas pela necessidade de “passar de ano” (BRASIL, 2002; CYRINO, 1999).

Os educadores são essenciais para propiciar aos alunos o desenvolvimento de atitudes de autoestima, corresponsabilidade e participação em seu processo de ensino-aprendizagem e promoção da saúde. Assim, precisam desenvolver-se como profissionais e como sujeitos críticos na realidade em que estão inseridos, isto é, situar-se como educadores e como cidadãos participantes do processo de construção da cidadania, de reconhecimento de seus direitos e deveres e de sua valorização profissional. Eleger atividades que os alunos possam opinar, assumir responsabilidades, colocar-se, resolver problemas, conflitos e refletir sobre as consequências de seus atos, são situações em que os professores favorecem o aprendizado (BRASIL, 2005).

No entanto, entender a diferença entre prevenção de doenças e promoção da saúde, é essencial para a mudança do conceito que os professores possuem sobre a educação em saúde e conseqüente transformação da prática. Prevenção é provisória e Promoção é permanente; isto é, prevenção é uma intervenção repetida antes do surgimento da doença e promoção é um conjunto de medidas que visa a eliminação permanente da doença, pois busca atingir as diferentes causas que levam à doença e não somente evitar que a ela ocorra (LEFRÉVE, 2000).

Também o olhar para o ensino merece uma reflexão. Ao se falar em “educação em saúde”, aparece a ideia de “informação”:

Esclarecedora e com informações necessárias para o nosso dia a dia. (Professora Denise-Português)

Informar sempre através de falas, filmes, palestras o bem estar de todos. (Professor Mateus – Educação Física)

Difícilmente só a informação dará conta do processo de educação em saúde. Por outro lado, alguns professores destacam a ideia de que se trata de um processo mais amplo, que envolve reflexão e conscientização dos alunos, considerando-se seu contexto e a necessidade de pesquisas:

A educação em saúde precisa ocorrer desde o nascimento, estimulando a autonomia e os cuidados pessoais, de forma contextualizada com a realidade dos alunos e da sociedade em que estão inseridos. (Professora Rafaela – Matemática)

A conscientização de hábitos saudáveis, a prática sistêmica de diferentes atividades físicas e até mesmo a pesquisa - comparando pessoas que procuram se cuidar e outras que muitas vezes não se importam tanto com isso. (Professora Letícia – Educação Física)

Acreditar que o exercício de sujeitos diante do processo saúde/doença é também cidadania, é a motivação essencial da educação para a saúde e esta é a concepção de saúde que fundamenta os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação para a Saúde (BRASIL, 1997).

Atividades de educação em saúde

Nesse tema destacou-se duas vertentes: uma que realiza educação em saúde e outra que não a realiza. Dos treze professores, cinco afirmaram não realizar educação em saúde.

A falta de interesse em realizar trabalhos sobre saúde parece ser consequência de um conceito de saúde curativista que os sujeitos desta pesquisa possuem, isto é, inclinado para a ideia de

que saúde é somente ausência de doenças, ou que só pode então ser trabalhada por profissionais dessa área específica.

Entre os professores que a realizam, foi abordado o fato de relacionar, ou não, saúde com os conteúdos específicos da sua matéria e como realizam essas atividades, como se observa nos trechos a seguir:

Desenvolvo diariamente, pois sempre conversamos sobre a limpeza do ambiente, e até mesmo os cuidados pessoais. Porém, não entro especificamente em determinados assuntos que não cabem em meu conteúdo. Já realizei projetos sobre gravidez na adolescência, etc. (Professora Rafaela – Matemática)

Também outros professores de matemática afirmaram não realizar educação em saúde por esta não estar relacionada com o conteúdo da sua matéria. Os professores das outras disciplinas (Geografia, Português, Inglês) demonstraram em sua fala que questões de saúde são tratadas de forma frequente, mas não relacionadas diretamente às suas disciplinas:

De certa forma sim, pois todo professor trabalha um pouco com questões de higiene pessoal. (Professora Denise – Português)

Outra professora de português, por sua vez, mostrou trazer os temas de saúde para as atividades comuns de sua disciplina:

Textos para reflexão e redação sobre diferentes temas relacionados à saúde. (Professora Rosana – Português)

Quanto aos professores de ciências e educação física, estes parecem ter tomado a responsabilidade de trabalhar as questões de saúde para si, pois relacionam as atividades educativas dessa temática com conteúdos específicos da sua matéria, atrelando saúde ao corpo físico e à ausência de doenças:

Sim. Nas aulas de Educação Física procuro trabalhar com uma boa qualidade de vida. Sempre evidencio a importância da atividade física, alimentação equilibrada e saudável, a importância do sono e da ingestão de água. (Professora Letícia – Educação Física)

Chama a atenção que os professores que realizam educação em saúde, mesmo das áreas consideradas mais próximas ao tema, parecem desenvolver o tema saúde por meio de conselhos e orientações informais, sem atividade planejada:

Não como uma atividade planejada. Porém alguns cuidados relacionados à higiene são sempre lembrados. (Professora Luciana- Geografia)

Assim, os que realizam educação em saúde o fazem principalmente por meio de orientação, “conversas” sobre higiene pessoal, educação sexual, hábitos saudáveis; entendendo que a educação em saúde deveria ser realizada como forma de prevenção, com informações e tentativa de conscientização dos alunos.

Faz-se importante destacar que não é porque o tema saúde não está inserido no conteúdo da matéria do professor de matemática, por exemplo, que ele não pode realizar educação em saúde; pelo contrário, a escola em si já é um agente transformador pelo simples fato de ser o local onde circulam informação e conhecimento. Ao educar para a saúde, de forma contextualizada e sistemática, o professor e a comunidade escolar podem contribuir de maneira decisiva na formação de cidadãos capazes de atuar em favor da melhoria da saúde pessoal e coletiva (LAMPERT, 2002).

A transversalidade pretende integrar esses temas a áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas, relacionando-as às questões da atualidade e que sejam orientadoras também do convívio social. Não se trata de que os professores das diferentes áreas devam “parar” sua programação para trabalhar os temas, mas sim de que explicitem as relações entre ambos e as

incluam como conteúdo de sua área, articulando a finalidade do estudo escolar com as questões sociais, possibilitando aos alunos o uso dos conhecimentos escolares em sua vida extraescolar. Portanto, trata-se de trazer para os conteúdos e metodologia da área a perspectiva dos temas; neste caso, a saúde (BRASIL, 1998).

Além disso, para se alcançar efetivamente a promoção da saúde, é necessário realizar educação em saúde, trabalhando valores de democracia, cidadania, empoderamento, compreensão da realidade, reconhecimento e valorização desses princípios (SÍCOLI; NASCIMENTO, 2003).

Ao invés de isolar e compartimentar o ensino e a aprendizagem, a relação entre os temas transversais e as áreas deve se dar de forma que contemplem os objetivos e conteúdos das diferentes áreas e, que em alguns momentos as questões relativas sejam trabalhadas. Experiências pedagógicas de trabalhos com direitos humanos, educação ambiental, orientação sexual e saúde têm apontado a necessidade de que tais questões sejam trabalhadas de forma contínua, sistemática, abrangente e integrada, e não como áreas ou disciplinas (BRASIL, 1998).

Também foi pontuado que para melhor desenvolver educação em saúde na escola seria melhor se houvesse profissionais capacitados na área da saúde para esclarecer dúvidas e dar maior orientação de acordo com a necessidade de cada um:

Ser trabalhada de acordo com as necessidades de cada pessoa, se possível com orientações reforçadas de profissionais da área, pois o que é trabalhado, às vezes não é suficiente. (Professora Soraia – Ciências)

Deveria haver um espaço para profissionais capacitados na área, para informar, esclarecer os alunos, pois as dúvidas são muitas. (Professora Paula – Matemática)

Através de profissionais da área em palestras, vídeos, cartazes. Podendo o aluno entender, enxergar, vivenciar, para que ele entenda que prevenir seja melhor do que remediar. (Professor Edvaldo – Matemática)

Dentro do possível sim, esclarecendo dúvidas e orientando no caso se necessário procurar o profissional (médico especialista), pois só ele pode diagnosticar o problema que a pessoa está passando. (Professora Soraia – Ciências)

A escola pode ser um equipamento fundamental para o trabalho dos profissionais em saúde, especialmente enfermeiros, atuando na prevenção de agravos e promoção da saúde (MOREIRA et al., 2014), mas isso não substitui o trabalho a ser realizado pela escola. Melhor ainda se este trabalho for feito em parceria.

Os trabalhos educativos desenvolvidos na escola a partir da parceria educação e saúde, geram conhecimentos que refletem na saúde dos jovens e são de extrema importância para seu desenvolvimento (SILVEIRA et al., 2013).

A educação em saúde inclui políticas públicas, tanto da saúde quanto da educação, ambientes apropriados para além dos tratamentos clínicos e curativos, com comprometimento de cidadania e solidariedade para a melhoria da qualidade de vida e promoção do homem (MACHADO et al., 2007).

Portanto, a promoção da saúde ocorre quando é assegurada as condições para uma vida digna dos cidadãos; por meio da educação, da adoção de estilos de vida saudáveis, do desenvolvimento de aptidões e capacidades individuais, da produção de um ambiente saudável, da eficácia da sociedade na garantia de implantação de políticas públicas voltadas para a qualidade da vida e dos serviços de saúde. (SISTON; VARGAS, 2007.)

Concepções dos alunos

Os dados dos alunos, aliados às questões teóricas, também remeteram aos seguintes grandes temas: *Conceito de saúde; Concepção de educação em saúde; e Atividades de educação em saúde.*

Conceito de saúde

Quando perguntado sobre o que é saúde, as respostas giraram em torno de alimentação saudável, autocuidado, qualidade de vida, como se observa nos trechos a seguir:

É ter uma alimentação saudável, saber se cuidar, comer frutas e legumes, verduras, e principalmente seguir a pirâmide alimentar. (João, 7ª. série)

Saúde pra mim é a qualidade de vida que nós temos. (Maria, 7ª. série)

É você se cuidar e comer bastante fruta. (Larissa, 5ª. série)

Mas saúde aparece também ligada à ausência de doenças, à morte ou remédios:

Quando você está bem. (Mateus, 6ª. série)

É uma coisa que não podemos brincar, saúde é como uma vida, se não se cuidar morre. (Bianca, 5ª. série)

Saúde para mim é esta bem de saúde sem tomar remédio. (Silvia, 8ª. série)

Destaca-se que a ideia de saúde parece situar-se no aspecto biológico, como se viu também nos professores. A saúde não é apenas biologia ou ausência de doença, sua compreensão tem um alto grau de subjetividade, pois depende do momento, do referencial e dos valores que os indivíduos atribuem a uma situação. O conceito de saúde mais amplo engloba a integralidade humana, isto é, considera todos os aspectos (social, político, econômico, familiar, ambiental) que interferem na vida das pessoas (SÍCOLI; NASCIMENTO, 2003).

Concepção de educação em saúde

Quando perguntado se a escola deveria ensinar saúde, e como, todos responderam afirmativamente, como se observa nos trechos a seguir:

Sim, falando como devemos cuidar da nossa saúde e como ajudar para acabar com a epidemia de certas doenças. (Maria, 7^a. série)

Sim, com uns esqueletos mostrando onde pode ter germes, dores etc... (Mateus, 6^a. série).

Sim, ensinando como ter uma alimentação saudável e como cuidar da sua saúde. (João, 7^a. série)

Sim, pois saúde não se brinca. Eles podem ir dar palestras. (Bianca, 5^a. série)

Também entre os alunos, a ideia de educação em saúde parece resultar da concepção que apresentam em saúde, pois o foco é o corpo, aspectos biológicos e pontuais. A promoção da saúde ressalta a importância da qualidade de vida através dos recursos da comunidade como também da adoção de comportamento saudável; sendo que, por qualidade de vida pode-se entender o bom relacionamento humano, inclusão, respeito às diferenças e acesso aos serviços de saúde com qualidade (MAINARDI, 2010). A promoção da saúde no ambiente escolar tem por objetivo incluir o desenvolvimento de habilidades para a vida, a criação e manutenção de ambientes físico e psicossociais saudáveis e oferta de serviços de saúde, alimentação saudável e vida ativa (FIGUEIREDO; MACHADO; ABREU, 2010), extrapolando a visão biologicista. A educação na escola poderá promover um cidadão com autonomia, empoderamento, capaz de cuidar da saúde em todas as esferas, tornando o cuidado integral como preconizado pelos órgãos de saúde e mesmo pelo SUS.

É pontuado ainda pelos alunos, ao serem questionados se deveria ser realizada a educação em saúde e como, responderam sobre a necessidade de um profissional especializado nesta área, como se observa nas transcrições a seguir:

Sim, colocando uma pessoa para ensinar saúde. (Marcos, 5ª. série)

Sim, com cartazes programas... (André, 5ª. série)

A atuação na promoção de saúde na educação prevê a articulação entre escola e profissionais da saúde, de modo a trabalharem juntos para a aprendizagem de conceitos, garantindo o empoderamento da comunidade escolar, acolhendo ideias, conhecendo histórias de vida e as funções que exercem nos diversos contextos, compreendendo a cultura, tradições e diferentes visões de mundo. É importante que os profissionais da saúde reconheçam os determinantes sociais envolvidos, valorizando a escuta (MUNGUBA, 2010).

Mas faz-se importante também desmistificar que apenas profissionais especializados da área da saúde são capazes de educar em saúde. Essa prática precisa ser desenvolvida junto aos educadores e inserida no projeto político pedagógico da escola (FIGUEIREDO; MACHADO; ABREU, 2010). Conscientização de atitudes mais adequadas pode ser propiciada por professores e a escola é um bom lugar para isso, pois crianças normalmente são abertas para o novo e possuem a capacidade de passar adiante os ensinamentos aprendidos.

Atividades de educação em saúde

Ao ser perguntado aos alunos se a escola desenvolve atividades de educação em saúde, 15 dos 23 responderam não ter educação sobre saúde, como se observa nos exemplos a seguir:

Não tenho aula de saúde na escola. (Melissa, 6ª. série)

Eu acho que tinha que ter a aula ensinando sobre saúde. (Graça, 5ª. série)

Não tenho não porque não tem ninguém para ensinar. (Victor, 5ª. série)

Apenas oito deles fizeram referências às atividades e o fazem ligadas a disciplinas específicas:

Sim, em ciências. (Matias, 6ª. série)

Sim, um pouco. Como o “agita galera” e a Educação Física. (Bianca, 5ª. série)

Sim, tireoide foi uma das matérias de ciências. (Luís, 8ª. série)

Sim, é bem legal porque explica sobre o corpo humano e isso é muito bom, porque você aprende como se cuidar e ter uma vida saudável. (João, 7ª. série)

Observa-se que ao serem questionados sobre a existência de atividades sobre saúde na escola, citaram disciplinas específicas como ciências e educação física. Não houve referência a outras disciplinas que pudessem trabalhar com saúde, ou que esta, devesse fazer parte da proposta educacional envolvendo a promoção da saúde. A prática da atividade física durante os anos escolares estimula para que se torne hábito na vida adulta (HALLAL et al., 2010), entretanto a questão da saúde não pode restringir-se a poucas disciplinas curriculares.

Os resultados encontrados por meio dos alunos indicam que a questão da saúde ainda aparece distante do trabalho na escola, predominando-se a ideia de que saúde é um conceito ligado à qualidade de vida, mas pouco se tem de atividades na escola

que poderiam contribuir para a sistematização dos conhecimentos em saúde.

Os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental propõem que os alunos sejam capazes de compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania; conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva (BRASIL, 1997).

Os resultados apontam que essas ações não vêm se desenvolvendo na escola como poderiam, e que se fazem necessárias discussões sobre esse aspecto, assim como propostas concretas para a implantação de escolas que sejam promotoras de saúde (BRASIL, 2006).

Considerações Finais

Este estudo aponta que os professores relacionam educação em saúde com prevenção; sendo que promoção de saúde não é sinônimo de prevenção de doenças. A prevenção é provisória e a promoção é permanente, isto é, a promoção, diferentemente da prevenção, visa a eliminação permanente ou pelo menos

duradoura da doença, pois busca atingir as causas e não apenas evitar que as doenças se manifestem nos indivíduos. Também do ponto de vista dos alunos, a saúde nas escolas, aparece ligada à ausência de doenças.

O professor é uma figura imprescindível na formação de cidadãos, de pessoas críticas-reflexivas, para que não sejam passivas e omissas às injustiças e diferenças sociais. Saúde é isso também, promover expectativa de vida, um futuro promissor; ampliar a visão das crianças e adolescentes que estão formando opiniões e conceitos. Assim, o professor é capaz de realizar educação em saúde com seus alunos, mas precisa ter esta intencionalidade em sua prática.

Para os professores que participaram da pesquisa, a educação em saúde aparece localizada em algumas poucas disciplinas da Educação Básica, de maneira pontual e ligada mais a uma visão biologicista que a fatores políticos, sociais e econômicos, relacionados ao processo de saúde.

Alguns professores têm dificuldades de realizar educação em saúde e indicam a necessidade de um profissional da área na escola para realizar trabalhos de prevenção e conscientização da população. Também os alunos parecem sentir esta necessidade, apontando para a importância de um profissional especializado que trabalhe prevenção. Assim, faz-se necessário ampliar os estudos nessa área, para que as propostas de trabalho que envolvam saúde e educação, de forma integrada, possam ser melhor desenvolvidas no âmbito escolar.

A promoção da saúde ocorre quando são asseguradas as condições para a vida digna dos cidadãos, por meio da educação, da adoção de estilos de vida saudáveis, do desenvolvimento de aptidões e capacidades individuais, da produção de um ambiente saudável, da eficácia da sociedade na garantia de implantação de políticas públicas – tanto no âmbito da saúde quanto da educação. Neste cenário, a educação para a saúde pode cumprir papel destacado: favorece o processo de conscientização quanto ao

direito à saúde e instrumentaliza para a intervenção individual e coletiva sobre os condicionantes do processo saúde/doença (BRASIL, 1997).

A promoção da saúde na escola mostrou-se precária, com isso aparece a necessidade de transformações nas práticas de ensino que se relacionam tanto à formação dos docentes, quanto ao próprio ensino na educação básica - sua estrutura e condições, para que o novo conceito de saúde, vindo com a criação do SUS, se difunda no entendimento de toda a população brasileira.

Os resultados apontam para a necessidade de investir nesse segmento na escola. Para Moura e colaboradores (2007) a escola conservadora e reprodutora de ações não está mais respondendo às expectativas geradas pelas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. O espaço escolar ainda é visto como transmissão do conhecimento e construção de habilidades; busca-se novo modo de ver o mundo, sentir, valorizar e agir, dando a oportunidade da construção da liberdade do saber, da cidadania e da superação. Surge, assim, uma nova proposta de escola, que investe na promoção do ser humano, na sua totalidade, no fortalecimento da capacidade individual e coletiva para trabalhar a multiplicidade dos condicionantes da saúde. A promoção da saúde resulta da combinação de apoios educacionais e ambientais, propondo a articulação de saberes técnicos e populares.

Parcerias de políticas públicas municipais, estaduais e federais, são essenciais para a promoção da saúde pública e qualidade de vida da sociedade, pois as leis e instituições são instrumentos de transformação.

Para mudar paradigmas sobre onde é mais adequado ensinar saúde, é preciso investimento em parcerias com as escolas, governo, unidades de saúde e com a comunidade, tornando o universo de educação em saúde acessível a toda e qualquer criança. A infância e adolescência são épocas decisivas na construção de condutas, a escola torna-se parte importante dessa construção

por sua potencialidade em desenvolver um trabalho sistemático e contínuo. O professor é o motivador que introduz os problemas presentes, busca informação e material de apoio, problematiza e facilita as discussões por meio da formulação de estratégias do trabalho escolar. A escola precisa enfrentar o desafio de permitir que seus alunos reelaborem conhecimentos de maneira a conformar valores, habilidades e práticas favoráveis à saúde. Nesse processo, espera-se que possam estruturar e fortalecer comportamentos e hábitos saudáveis, tornando-se sujeitos capazes de influenciar mudanças que tenham repercussão em sua vida pessoal e na qualidade de vida da coletividade (BRASIL, 1998).

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Projeto Promoção da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde/MS. Informes Técnicos Institucionais. **A Promoção da Saúde no Contexto Escolar**. Ver Saúde Pública, vol.36, nº 2. São Paulo, 2002b.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil/Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde**. 272 p. – (Série Promoção da Saúde; nº 6) – Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Lei nº 8080. **Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências**. De 19 de setembro, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de atenção básica**. Saúde na escola. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação

na Saúde. **A educação que produz saúde**, 16 p.: il. – (Série F. Comunicação e Educação em Saúde)– Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. **As Cartas da Promoção da Saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Projeto Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CYRINO, E.G; PEREIRA, M.L.T. Reflexões sobre uma proposta de integração saúde-escola: o projeto saúde e educação de Botucatu, São Paulo. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro; 15(2):39-44, 1999.

FIGUEIREDO, T.A.M.; MACHADO, V.L.T.; ABREU, M.M.S. **A Saúde na Escola**: um breve resgate histórico. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.15 n.2, p 397-402, 2010.

HALLAL, Pedro C. et al. Prática de atividade física em adolescentes brasileiros. **Ciências e Saúde Coletiva** v.15 Supl. 2, p. 3035-3042, 2010.

LAMPERT, J.B. **Tendências de mudanças na formação médica no Brasil**: tipologia das escolas. São Paulo: Hucitec/ Associação Brasileira de Educação Médica, 2002.

LEFRÉVE, F. Promoção de Saúde: um novo modo de entender e praticar saúde. **Saúde como bem social**. **Cantinhos** 2000.

LOPES, Gertrudes T. et al. **O enfermeiro no ensino fundamental**: Desafios na prevenção ao consumo de álcool. Escola Anna Nery Rev. Enferm. v. 11, n. 4, p 712-6, dez. 2007.

MACHADO, M.F.A.S. et. al. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS- uma revisão conceitual. **Ciência e Saúde Coletiva**; 12(2): 335-342, 2007.

MAINARDI, Neuza. **Educação em saúde**: problema ou solução? São Paulo. [Tese de Doutorado Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - Brasil], 2010.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOREIRA, P.N.O, et al. Assistência de enfermagem ao adolescente no âmbito escolar: uma pesquisa documental. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, mar/abr; 22(2):226-32, 2014.

MOREIRA, Patrícia L.; DUPAS Gisele. Significado de saúde e de doença na percepção da criança. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. novembro-dezembro; v.11 n.6, p.757-762, 2003.

MOURA, João Batista V.S et al. Perspectiva da epistemologia histórica e a escola promotora da saúde. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** v.14 n.2 Rio de Janeiro abr./jun. 2007.

MUNGUBA, M.C.S. Educação na Saúde – Sobreposição de saberes ou interface? **RBPS**, Fortaleza, v.23, n. 4, p. 295-296, out./dez., 2010.

PELICIONI, M.C.F., TORRES, A.L. **A Escola Promotora de Saúde**. Faculdade de Saúde Pública de São Paulo [dissertação]. São Paulo, 1999.

PINHEIRO, R.; CECCIM R.B.; MATTOS, R.A. **Ensinar Saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde.** IMS/UERJ-CEPESC-ABRASCO. Rio de Janeiro, 2006.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, Apr. 2007.

SÍCOLI, Juliana L., NASCIMENTO, Paulo Roberto. Promoção de Saúde: concepções, princípios e operacionalização. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.7, n.12, p.91-112, 2003.

SILVEIRA; H.S. et al. Efeitos das drogas lícitas e ilícitas na percepção de adolescentes: uma abordagem de enfermagem. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, dez, 21 (esp.2):748-53, 2013.

SISTON, N.A.; VARGAS, L.A. O Enfermeiro na Escola: práticas educativas na promoção da saúde de escolares. **Revista Eletrônica Semestral de Enfermería**. Novembro, 2007.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE: concepções de pais e/ou responsáveis de alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública

GILMARA CRISTINA BARBOSA DE OLIVEIRA
RAFAEL ALCANTARA DE CAMARGO¹
JULIANA CRISTINA MIQUELINO DOS REIS
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

No Brasil a saúde escolar vem passando por várias transformações, junto com as novas tecnologias científicas, sendo que a maneira de pensar e agir com relação aos cuidados mudou, e o atendimento de forma medicalizada, que perpetuou durante muito tempo, deixou de ser tão evidente, dando lugar a novas estratégias de saúde, como a implantação das escolas promotoras de saúde, proposta para melhor articulação entre a saúde, educação e a sociedade (FIGUEIREDO; MACHADO; ABREU, 2010).

Para melhor compreensão desta questão, faz-se necessário trazer o conceito de saúde, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Esta define saúde como “um estado de completo bem estar físico, mental e social e não apenas ausência de doenças ou enfermidades” (MACIEL et al., 2010). Esse conceito

¹ Bolsista Iniciação Científica (Pró-Pesq) RUSP – 2013/2014.

remete à definição de Promoção de saúde, segundo a Carta de Ottawa 1986: “[...] processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação nesse processo” (WHO, 1986). Assim, Promoção da Saúde ultrapassa o setor da saúde e visa capacitar o indivíduo para gerir a própria saúde e tê-la como recurso essencial de qualidade de vida, conquistar bem-estar físico, mental e social, além de identificar as suas necessidades e intervir de maneira saudável no meio ambiente.

Promoção de saúde trata-se de uma concepção que não limita a saúde à falta de doença, mas prevê uma atuação sobre os seus determinantes; incide sobre as condições de vida da população, ultrapassa a prestação de serviços clínico-assistenciais, supõe ações intersetoriais que abarcam determinantes educativos, de subsistência, sobrevivência e entre outros determinantes sociais da saúde (SÍCOLI, NASCIMENTO, 2003).

A Carta de Ottawa (WHO, 1986) adota esse conceito de saúde enfatizando que a promoção da saúde não é, então, responsabilidade exclusiva do setor saúde, é mais que um estilo de vida saudável, na direção de um bem estar global. “As condições e os recursos para a saúde são paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade” (LOPES et al., 2010).

Esta concepção influenciou na elaboração da Lei Orgânica da Saúde nº 8.080/90, que em seu artigo 3º, aponta que fatores determinantes e condicionantes da saúde contemplam “[...] a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais” (BRASIL, 1990).

A promoção da saúde está envolvida, então, com uma prática na qual é indispensável o envolvimento do governo, da saúde e de outros setores sociais, de forma a proporcionar condições favoráveis à comunidade para atuarem de forma autônoma na

melhoria em sua qualidade de vida. Portanto, a promoção de saúde é uma estratégia importante, que estabelece a participação de várias esferas governamentais, do setor privado e da sociedade, de forma que haja diálogo entre eles, visando a melhoria na qualidade de vida da população (BRASIL, 2010).

O Ministério da Saúde indica que o período escolar é fundamental para se trabalhar a promoção de saúde, desenvolvendo temas e ações para prevenção de doenças, bem como fortalecendo os fatores de proteção. A função pedagógica, específica da escola, tem também o papel eminentemente social e político, de transformação da sociedade e de formação cidadã. O exercício da cidadania possibilita o acesso às oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem, motivos que enfatizam as ações voltadas para a comunidade escolar, dando assim, efetividade às propostas de promoção da saúde (BRASIL, 2002).

Um marco relevante para fortalecer e ampliar a colaboração e participação entre os setores de saúde e educação, foi a Estratégia da Escola Promotora de Saúde, conhecida como uma iniciativa mundial, iniciando-se pela Rede Europeia, sendo articulada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Foi apresentada pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e pela (OMS) nas regiões da América Latina e do Caribe em 1995. As escolas promotoras de saúde propiciaram várias práticas de saúde no ambiente escolar, possibilitando a inclusão, apoio e participação dos pais e da comunidade e, conseqüentemente, induzindo políticas públicas na comunidade escolar (FIGUEIREDO; MACHADO; ABREU, 2010).

As Escolas Promotoras de Saúde têm como objetivo principal, desenvolver ações e propiciar a construção de conhecimentos referentes à saúde, de forma a capacitar seus integrantes nela inseridos (professores, alunos, pais e comunidade) a ter autonomia e condições básicas para o seu próprio autocuidado e na prevenção de fatores de riscos existentes na sociedade. Portanto,

a Escola Promotora de Saúde pode e deve incluir ações educativas que possam favorecer tanto seus alunos quanto a comunidade, favorecendo seu empoderamento na busca de soluções para uma qualidade de vida saudável (GUIMARÃES; AERTS; CÂMARA, 2012).

Temas relacionados à saúde estão indicados também na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais por meio do tema transversal *Saúde*, os quais sugerem que as escolas devem contemplar os princípios de promoção da saúde orientados pela Organização Mundial da Saúde, e transformar um ambiente saudável no qual se propaga práticas de bem estar individual e coletivo. Para tornar a escola em um ambiente propício à promoção da saúde é relevante a participação dos setores da saúde e da educação, dos pais e/ou responsáveis e da comunidade geral (BRASIL, 1997).

Nesse contexto, as ações dos professores, a depender de sua prática pedagógica podem favorecer a aprendizagem do aluno, o professor pode tornar-se uma referência positiva no desenvolvimento e na aprendizagem de seus alunos. Para tanto, deve estar aberto e sensível, frente às necessidades da criança, elaborando e desenvolvendo algumas práticas pedagógicas que reconhecem as experiências que esse aluno traz para a sala de aula, assim o professor estará propiciando que os alunos participem ativamente do seu processo de aprendizagem (TASSONI; LEITE, 2013). Para tal, é importante o professor estar bem preparado, trabalhando, inclusive, para a adoção de hábitos saudáveis por seus alunos (CARDOSO, REIS, IERVOLINO, 2008).

Assim, ações educativas em saúde na escola requerem o envolvimento da comunidade escolar, de profissionais da saúde, agentes e outros seguimentos da comunidade local, especialmente as famílias dos alunos (BRASIL, 2005). Neste sentido, a escola deve mobilizar a comunidade, os pais e responsáveis, a sociedade civil, para se envolverem em ações de saúde na escola e descobrir recursos para melhorar a saúde da comunidade.

A educação é responsabilidade de toda a sociedade, seja qual for o local que essa criança tenha a oportunidade de frequentar. No entanto, a família é primordial nos primeiros ensinamentos dessa criança, pois é no contexto familiar que a mesma iniciará o seu processo de desenvolvimento, como uma pessoa social. Assim, dificilmente a instituição escolar conseguiria desenvolver o seu papel sem o apoio da família. Por meio do aluno, os professores poderão ter sucesso na construção do vínculo familiar, possibilitando a parceria e trabalhando juntos na formação educativa desse aluno, e conseqüentemente, obterem sucesso na formação desse indivíduo (SOUSA; SARMENTO, 2009-2010).

Mas a educação não é apenas responsabilidade das famílias. Devido a tantas mudanças e constantes transformações da sociedade com surgimento de novas tecnologias, as famílias precisam contar com o apoio das instituições escolares, capazes de acompanhar essas mudanças na sociedade, para que esse desafio na educação das novas gerações implique de forma positiva no ensino e aprendizagem da criança. No entanto, a família continua sendo o alicerce, a base dessa educação e juntamente com a escola, pode articular ações para o aprendizado do aluno (BOUFLEUER; PRESTES, 2013).

Para o desenvolvimento do trabalho de Promoção de Saúde na escola faz-se importante a articulação dos seus profissionais com os pais dos alunos. Para tanto, os pais devem conhecer o projeto Pedagógico das escolas de seus filhos, e o quanto a questão de saúde está presente neste projeto. Por outro lado, as escolas devem conhecer o que os pais almejam para seus filhos, o que esperam da escola, o que sabem sobre as possibilidades de trabalho de saúde a serem lá desenvolvidos.

Considerando-se as questões aqui trazidas, esta pesquisa teve como objetivo identificar as concepções de saúde dos pais (ou responsáveis) de alunos do ciclo II do Ensino Fundamental

de uma escola estadual paulista, bem como suas concepções sobre educação em saúde realizada – ou não – na escola de seus filhos.

Percurso metodológico

Trata-se de um estudo qualitativo, com referencial metodológico apoiado na abordagem dialética (MINAYO, 2010). Foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto- USP, atendendo os preceitos éticos e o rigor científico, conforme exigidos na Resolução CNS 466/12. Os dados foram coletados após a aprovação do comitê de ética. Todos os participantes leram e assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O critério de inclusão dos participantes na pesquisa é ser responsável por alunos matriculados no ciclo II do Ensino Fundamental da Escola foco desta investigação.

A escola na qual estudam os dependentes dos entrevistados é pública e situa-se num bairro de uma cidade de porte médio do interior paulista considerado de periferia, arborizado, com saneamento básico, casas de alvenaria, composto por comunidade de baixo poder aquisitivo, com dificuldades financeiras e sociais. É ampla, possui quadra para realização de esportes, 20 classes do ciclo II do Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º anos, cinco turmas de cada), e 25 professores deste ciclo.

Foram realizados, no primeiro e segundo semestre de 2013, contatos com os pais e/ou responsáveis dos alunos dos 6º e 9º anos do Ensino Fundamental, após as reuniões de pais e mestres na escola, em diferentes dias. A partir desse contato foram realizadas doze entrevistas, seguindo-se um roteiro semiestruturado.

As questões buscaram caracterizar os participantes e suas concepções de educação em saúde, bem como o que eles pensam sobre os professores trabalharem educação em saúde na sala de

aula. Dos 12 entrevistados, oito eram mães dos alunos, dois eram pais e duas eram avós dos alunos. Suas idades variaram entre 21 (mãe) e 59 anos (avó). Entre eles, apenas um tinha o ensino médio completo, dois tinham o ensino médio incompleto, três tinham o fundamental completo, quatro o fundamental incompleto, um cursava o supletivo e um não respondeu.

As entrevistas foram gravadas em áudio, com duração aproximada de vinte a trinta minutos. O segundo passo foi a transcrição e digitação na íntegra. O exame deste material, de acordo com a metodologia dialética sugerida por Minayo (2010), foi feito em três fases: ordenação dos dados, classificação em categorias empíricas e compreensão e interpretação dos dados. Os participantes do estudo foram identificados com nomes fictícios, apresentados ao final de cada fragmento de fala. No interior das falas transcritas aparecem as iniciais P e E, sendo que a primeira refere-se ao pesquisador que fez aquela entrevista, e a segunda ao entrevistado daquele fragmento.

As concepções de educação em saúde dos pais e/ou responsáveis

As respostas obtidas com as entrevistas realizadas com os responsáveis pelos alunos foram organizadas de forma articulada com as categorias teóricas, resultando nos seguintes grandes temas: *Concepção de saúde; Desconhecimento do que se faz na escola sobre educação em saúde; Apontamentos sobre a necessidade da educação em saúde na escola; Percepções sobre a escola.*

Concepção de saúde

Sobre o tema saúde, as seguintes falas apontam para as concepções que os responsáveis têm sobre a temática:

Pra mim, acho [risos]... é eu estar bem, apesar de estar cheia de contas [risos] é... eu estou operada há 15 dias... é isso mesmo [risos] (Carla, mãe)

É... é ter condições de fazer tudo o que você quiser, né, sem depender de remédio, é bom e saudável (Marta, mãe)

Tudo né [...]. P: Você poderia me dar um exemplo assim do que é saúde para a senhora? E: Uma boa alimentação (Paula, mãe)

Saúde, não sei, primeiro lugar é saúde, né, gente, é saúde da gente, em primeiro lugar é Deus, né, primeiro lugar saúde tem que estar perfeita. P: Você pode me dar um exemplo? E: uai, sem saúde a gente não trabalha, sem saúde não cuida da casa, não cuida dos filhos, não trabalha, é isso. (Ana Lúcia, mãe)

É bem estar, saúde do meu filho, ele estar bem. P: Você pode me dar um exemplo? E: ele está feliz ele está bem, ele está ativo. (Graça, mãe)

O que é saúde? É viver bem, alimentação adequada, e praticar esporte. (Júlia, avó)

Destaca-se das falas dos sujeitos a dificuldade de conceituar saúde, buscando-se elementos concretos para exemplificar o que seja. A questão da promoção da saúde parece ainda mais distante, pois que acrescenta uma visão mais ampla, a questão de seus determinantes sociais e culturais. Segundo Sicoli e Nascimento (2003), implicaria uma concepção que não restrinja saúde à ausência de doença, incidindo também sobre as condições de vida da população.

A concepção encontrada indica a necessidade de um trabalho mais amplo com a comunidade ligada à escola, no sentido de orientar e possibilitar condições para um trabalho com maior parceria entre escola e família.

Outro aspecto importante que se destaca, é o desconhecimento dos participantes sobre se há ou não trabalho da escola referente à saúde. Diante desta questão, apareceram respostas como estas que se seguem:

Não, não tenho conhecimento disso, não. (Marta, mãe)

Nunca vejo, não. (Paula, mãe)

Aí, eu não tenho essa informação, não sei, essa informação não posso te dar, não tenho essa informação. (Cássio, pai)

Se trabalha, eu não sei, não tenho conhecimento. (Júlia, avó)

Eu acho que ainda não, tanto é que a sexualidade, essas coisas assim, se ele está aprendendo é com amigo, mas na escola acho que não. [...] Já olhei assim meio por cima, não vi nada, igual da época que eu estudava que era mais claro, falando ali os nomes das doenças, como que transmite, o que pode ser feito, o uso de preservativo... eu acho que a escola dele não tem isso. (Rose, mãe)

Eu acho que conversa, mas assim nem tanto como precisava, mas conversa. (Graça, mãe)

Essas falas indicam que os pais não sabem o que é feito ou então que tal trabalho com saúde não é, de fato, desenvolvido na escola. Nesse último caso, destaca-se que já existem alguns programas, na articulação do setor Saúde com Ministério da Educação, que propõem que a escola deve inserir, no projeto político pedagógico, temas de educação em saúde e devem trabalhar ações educativas que favoreçam o desenvolvimento de jovens para sua capacitação e escolhas favoráveis para uma boa qualidade de vida (SÃO PAULO, 2012).

Por outro lado, tal desconhecimento do que ocorre na escola pode apontar para o distanciamento entre pais e escola, aspecto contrário às questões trazidas por estudos que destacam a importância da família estar integrada, para o bom desenvolvimento dos alunos, seja qual for a proposta de aprendizado trazida pela escola (MAIMONI, BORTONE, 2001; CHECHIA; ANDRADE, 2005).

Os pais e/ou responsáveis, a própria comunidade local, podem colaborar com as escolhas a serem adotadas, bem como com a promoção de saúde na escola (PELICIONI, TORRES, 1999). Para o Ministério da Educação, os responsáveis têm o direito de acompanhar e participar de forma ativa na educação de seus filhos. A participação ativa na vida escolar das crianças interfere positivamente na qualidade do ensino e reflete também no olhar sobre a saúde da criança na escola (BRASIL, 2013).

Talvez esse desconhecimento dos pais e/ou responsáveis se justifique pelo fato de se existirem mais ações pontuais na escola sobre saúde do que uma ação continuada, pois falta interação entre profissionais da saúde e escola. Figueiredo, Machado e Abreu (2010) apontam, por exemplo, para a necessidade de conhecimentos, por parte dos agentes da saúde, de estratégias para desenvolver ações continuadas de educação em saúde, não apenas comparecer no ambiente escolar e aplicar uma palestra sobre dengue, por exemplo. Tal interação entre estes profissionais da saúde e da escola, possibilitaria identificar demandas, necessidades e problemas de saúde nas escolas, sugerindo estratégias de melhoria e de ações educativas que poderiam ser desenvolvidas com os alunos para capacitá-los como agentes de suas próprias escolhas.

Apontamentos para a necessidade da educação em saúde na escola

Mesmo com o desconhecimento sobre a realização ou não do trabalho com saúde na escola, os responsáveis apresentam a percepção sobre a importância deste, como se observa a seguir:

Porque é para a saúde dele mesmo, ele tem que saber todo o tipo de doença, né, o que está presente, até pra ele aprender mesmo sobre o que é saúde. (Paula, mãe)

É importante pra amanhã eles não fiquem perdidos, porque eles estão se perdendo, os alunos hoje, eles não estão sabendo definir o que eles querem, então eu acho importante, assim, ensinar. (Ana Lúcia, mãe)

Porque você leva pro resto da vida, todas as ... que você aprende você leva pro resto da vida, se... sobre uma fruta, tem que saber lavar, quem não souber que existe contaminação, vai lá põe na boca e come, se sabe, vai lá e tem a orientação e consegue fazer. (Cássio, pai)

Acho que a parte mais que a escola tem que se orientado, assim em termos, não sei se é saúde mas eu acho que hoje é a parte sexual . [...] eu acho que para as crianças, igual ele, tudo em vídeo, tudo documentado, que eles prestam mais atenção, eu acho que assim se fosse passado em vídeo, história eu acho que eles compreenderiam mais o que é saúde, o que é prevenção e o que é certas doenças. (Graça, mãe)

Segundo as falas apresentadas, é possível observar que os pais e/ou responsáveis reconhecem a necessidade dos professores trabalharem sobre saúde com seus filhos. Como foi preconizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), temas de educação em saúde devem estar presentes nos projetos políticos pedagógicos da escola, possibilitando os professores trabalharem esses temas no âmbito da promoção de saúde e prevenção, buscando ações educativas para orientar os alunos e seus familiares. Assim, tanto os professores como a instituição escolar, devem estar preparados para desenvolver ações educativas em saúde, propiciando que o aluno tenha oportunidade de adquirir sua própria autonomia e desenvolver suas habilidades cognitivas,

afetivas, pessoais e acima de tudo, que o mesmo possa refletir sobre os valores sociais e realizar as melhores escolhas possíveis para seu desenvolvimento como agente da sua própria vida (BRASIL, 1997).

Mas também evidencia-se, na análise das falas dos responsáveis, referente às necessidades a serem trabalhadas na escola, a ideia de que educação em saúde é, principalmente, prevenir doenças:

É para o próprio bem estar dele também, cuidado... a doença, principalmente sobre doenças... também em doenças transmitidas em relação sexual, é bom, é, eu acho bom. (Marina, mãe)

Eu acho que deveria ter uma maior divulgação nas escolas né, falar todos os assuntos: pressão alta, diabetes, né. (Marta, mãe)

Alimentação, lavar as mãos, [...], tratamento de dente, é... vacinação, é vacinação hoje é importante, e a parte até sexual, transmissão de doença. (Cássio, pai)

Eu só não gosto que ela aprende na escola que eles falam sobre sexo, isso eu não gosto. (Ivone, avó)

Contudo, desde a primeira Conferência de Saúde realizada em Ottawa, no Canadá, há a compreensão de que Promoção de saúde não se restringe à ausência de doença mas, ampliando essa visão, estende-se sobre as condições de vida da população. Mais que isso, aponta para o papel do próprio sujeito, como alguém que pode cuidar de sua saúde de maneira mais ampla, inclusive lutando pelos seus direitos (WHO, 1986).

Essa ideia aparece, em parte, na fala de um dos participantes:

[Educação e Saúde] deviam andar juntas, né, devia ser assim, a escola trazer mais mesmo, sobre dentista, estas coisas, pra ensinar, né, porque a geração de hoje não tá cuidando de saúde não, come muita coisa que engorda, come, não dorme direito, porque fica em celular, em... como que fala... computador, né. [...] Vídeo game, então eles tinham que ter uma prática assim melhor na escola, de cultura, de lazer, de participação, fora mesmo da escola, em campo em ar livre, né, esses tipo de... como que fala... P: De educação. E: De educação fora um pouco da escola, porque a escola hoje em dia, só escola, ficar só dentro de uma classe, eles não ficam, é muito cansativo pra eles, a juventude de hoje é muita agitada, eles são muito agitados, eles não conseguem ficar quieto dentro de uma escola, então acho que eles tinham que interagir com outras coisas, fora da escola que fizesse parte da educação, visitar um parque ecológico, por exemplo, visitar um lugar assim onde vai é... plantação, sabe, visitar uma plantação, de cana, de café, de soja, sei lá... estação de água. (Júlia, avó)

Esta fala remete a um fato importante que é reconhecer que um dos focos da Promoção da saúde é alcançar a equidade em saúde para toda a população, e com as suas ações, diminuir as diferenças no estado de saúde da comunidade. Para isso, é importante que as políticas públicas apresentem oportunidades e ofereçam recursos igualitários, como acesso à informação, ambientes favoráveis para sua moradia, e capacitem as pessoas a buscarem uma qualidade de vida para sua sobrevivência (BRASIL, 2010).

Percepções sobre a escola

Chama a atenção um aspecto trazido nas falas dos participantes, referente às percepções que os responsáveis têm sobre a escola. Neste, destaca-se a alusão à falta de respeito na relação professor-aluno, como se observa nos trechos a seguir:

O comportamento dos alunos está péssimo, não respeitam. [...] A falta de segurança, a agressividade das crianças, não sei se está passando dos pais para os filhos e, os filhos querem descontar na escola. (Cássio, pai)

Eu acho certo [ensinar saúde na escola], eu acho que tem, teria que ensinar, só que eles não conseguem, eles não conseguem ensinar nem matemática, português, quanto mais... não ensina porque eles não deixam, as crianças não deixam ninguém ensinar nada. (Júlia, avó)

[...] primeiro tinha quer ser igual quando era com a minha, quando eu estudava, tinha que ser, tinha que ser. P: Como que era quando você estudava? E: O professor falava e eu ouvia, eu respeitava era assim, e os professor hoje estudou a mesma época que eu estudei, só que... O governo entrou, o governo entrou dentro de casa, dentro da escola, e manda no professor, sendo que o governo e o professor estudou na mesma época que eu estudei, então por isso que hoje, hoje os alunos não respeitam o professor, não respeitam o governo, e aí o professor critica os alunos e os alunos criticam o professor. Eu, eu particular, Ana Lúcia, eu não concordo com isso, mas, mas eu não estudei, não tomo conta de aluno e nem estou lá dentro para ensinar eles do jeito que eu aprendi e o governo entrou e manda, eles obedecem, sendo que eles estudaram, tinham uma educação igual a que eu tive... jeito que a educação hoje... o que eu aprendi eu continuo levando, hoje a idade que eu tenho de 45 anos... mas põe um ponto de interrogação aí, eu não estou pra criticar ninguém... (Ana Lúcia, mãe)

Eu acho que antigamente os professores... antigamente tinha, assim, mais interesse, mais amor à profissão. Hoje não, é mais uma opção, mais estabilidade. (Hermínia, mãe)

Estas falas dos responsáveis apontam tanto para o comportamento dos alunos, quanto para a postura dos professores e levam à reflexão sobre a relação professor/aluno. Sabe-se que o

esperado é que ambos se respeitem, cada um conhecendo suas expectativas frente ao outro e enfrentando seus medos dentro de uma sala de aula. O professor deve estar apto, então, a conhecer o aluno e o meio em que o mesmo vive, pois assim poderá intervir de forma positiva no ensino e aprendizado desse aluno. Assim faz-se relevante a relação de afetividade entre professor e aluno, de forma que o primeiro possa também construir uma aproximação com os familiares desses alunos e conseqüentemente, juntos buscarem ferramentas para desenvolver ações favoráveis na educação das crianças (SILVA; NAVARRO, 2012).

A relação professor/aluno é o alicerce no processo pedagógico, pois o professor terá a oportunidade de conhecer e se mostrar receptivo e atento à realidade do aluno em seu contexto social, tornando a escola com um espaço ideal para trocas de vivências. Assim sendo, o ensino e aprendizado não se resume apenas à transmissão do conhecimento do professor mas sim, a uma troca de saberes no qual professores e alunos estão envolvidos em um só objetivo, que é a formação com respeito e ética (SILVA; NAVARRO, 2012; SAKAI et al., 2012).

No âmbito ainda das percepções que os participantes apresentam sobre a escola aparece também a importância de um trabalho conjunto entre escola e família:

Às vezes o que o pai não consegue, o professor, em uma sala de aula, ele põe atenção e aprende, acho que ele põe mais atenção e entende o que que é isso, dá valor, dá mais atenção. [...] O professor tem esse dom. (Graça, mãe)

Porque reforçando a gente, às vezes, assim, a mãe o pai fala, eles são chatos, então uma pessoa de fora, ela fala, nossa realmente, aí são duas falando sabe, duas opiniões, aí acho que acaba pelo menos... (Hermínia, mãe)

É o que eu acabei de falar, eu acho os pais tem que ajudar, isso aí é obrigação do pai da mãe, entendeu, dos pais, mas

é como eu te falo, como eles aprendem o alfabeto dentro da escola, o professor tem esse dom, eles tem esse dom, eles tem o dom de ensinar o que é saúde, hoje eles não respeitam o corpo, não respeitam as doenças, o que eles tem que ser aprendido, para eles tudo, o pai é atrasado e na escola eles dão um pouquinho mais de valor [risos]. Eles falam que é antigo. (Graça, mãe)

Observa-se o reconhecimento do trabalho dos professores, visto que relatam que quando eles próprios orientam os filhos, estes não dão a devida importância. Afirmam que o professor tem habilidade e facilidade de educar os alunos. No entanto, segundo a LDB, no Art.1º, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (CALIMAN, 2010).

O processo de educação e formação inicia-se no convívio familiar e continua no âmbito social, no qual esse aluno passará por uma instituição escolar e durante o seu processo de formação acadêmica ele contará com o suporte de ensino do professor. Mas que esse não seja o único responsável pela sua educação.

Por outro lado, aparecem também as dificuldades no relacionamento entre escola e família, aspecto importante a ser considerado:

P: A escola não pede ajuda dos pais, para participar? E: pede, pede... P: E você não dá as suas opiniões? E: Dou, uai, dá mas ninguém escuta, ninguém escuta porque eles não vivem, não praticam o que eles aprenderam naquela época, é isso que eu acho. (Ana Lúcia, mãe)

P: Vocês vão nas reuniões? E: Sempre vai eu ou ele [o pai]. P: E o que é tratado na reunião? E: Só trata de uniforme, bagunça, falta, nada mais importante, a mesma coisa, vai

lá assina um bilheteinho não dura mais de 5 mim a reunião. (Hermínia, mãe)

A instituição escolar, com a parceria do Estado, tem papel relevante para proporcionar condições cabíveis para a formação de seus alunos. Assim, com as mudanças da sociedade, várias tecnologias surgindo, crescimento populacional, a escola deve-se preparar para receber esse aluno, mas também buscar recursos e formas de inserir a participação da família no processo educativo, podendo dividir as responsabilidades de formação desses alunos (OSTI; BRENELLI, 2013). Os dados apontam para dificuldades neste aspecto.

Os resultados parecem indicar que, na contramão das orientações do Projeto de Promoção da Saúde (BRASIL, 2002), a escola tem tido dificuldades no fortalecimento dos fatores de proteção em cumprir o seu papel social e político de formação cidadã para seus alunos e de transformação local. Este deveria ser um assunto de tratamento conjunto entre escola e família. Segundo a proposta de Educação em Saúde (BRASIL, 2005), a escola precisa mobilizar a comunidade, os pais e/ou responsáveis para que, em conjunto, todos se envolvam e discutam ações de saúde na escola e ter como foco melhorar a saúde da sua comunidade.

Considerações Finais

Os resultados visualizados neste estudo identificaram que pais e responsáveis de alunos ainda veem a saúde simplesmente como a ausência de doença. Os mesmos reconhecem que o tema saúde é importante a ser trabalhado na escola para que os alunos possam ter um aprendizado significativo e que possam cuidar de si mesmos. No entanto, esses pais e/ou responsáveis desconhecem se a escola trata da temática discutida, o que leva à hipótese de que

não há a participação desses pais e ou responsáveis na vida escolar desses alunos e nem mesmo a articulação entre pais e escola.

Tendo em vista que a participação da comunidade é considerada essencial para a promoção da saúde, faz-se importante voltar nossa atenção para esse aspecto, no sentido de encontrar caminhos para a busca de maior integração dos setores saúde, comunidade e escola nessa direção.

A participação do enfermeiro licenciado, juntamente com professores, pode trazer contribuições que favoreçam a participação da população na educação de seus filhos, desde que sejam desenvolvidos projetos de promoção da saúde na escola, que abarquem a comunidade.

Referências

BOUFLEUER, J.P.; PRESTES, R.M. A escola que avalia e que é avaliada: o papel da escola na construção de um mundo humano comum. **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 2, p. 240-249, maio/ago. 2013.

BRASIL, Lei 8080/90. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Projeto Promoção da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde/MS. Informes Técnicos Institucionais. A Promoção da Saúde no Contexto Escolar. **Rev Saúde Pública**, vol.36, nº 2. 533-5, São Paulo, 2002.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. **A educação que produz saúde** Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 3ª ed. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Dia-a-dia do seu filho na escola**. MEC, Acesso em 2013.

CALIMAN G. Pedagogia social: seu potencial crítico e transformador. **Rev. Cienc. Educ. Unisal**. Americana-SP. Ano XII (23). 341-368, 2010.

CARDOSO, V.; REIS, A. P. dos; IERVOLINO, S. A. Escolas promotoras de saúde. **Rev. Bras. Crescimento e Desenvol. Hum.**, São Paulo, v.18, n. 2, p.107-115, 2008.

CHECHIA, V.A.; ANDRADE, A.S. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. **Estud. psicol.**, Natal, v.10, n.3. 2005.

FIGUEIREDO TAM; MACHADO VT, ABREU MMS. A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Ciênc. saúde coletiva**. Mar. 15(2): 397-402, 2010.

GUIMARÃES G; AERTS D; CÂMARA SG. A escola promotora da saúde e o desenvolvimento de habilidades sociais. **Dia-phora Rev. Socie. Psico. Rio Grande do Sul**. Ago./Dez. 12(2): 88-95, 2012.

LOPES M.S.V. et al.; Análise do conceito de promoção da saúde. **Texto contexto - enferm**. Set. 19(3): 461-468, 2010.

MACIEL E.L.N. et al. Projeto Aprendendo Saúde na Escola: a experiência de repercussões positivas na qualidade de vida e determinantes da saúde de membros de uma comunidade escolar em Vitória, Espírito Santo. **Ciênc. saúde coletiva**, Mar. 15(2): 389-396, 2010.

MAIMONI, E. H., BORTONE, M. E. Colaboração família-escola em um procedimento de leitura para alunos de séries iniciais. **Psicologia Escolar e Educacional**, Volume 5 Número 1, p. 37-48, 2001.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª ed. São Paulo: Hucitec; 2010.

OSTI, A.; BRENELLI, R.P. Análise comparativa das relações entre ensino e aprendizagem por professores e alunos. **Psicol. Esc. Educ.** Jun. 17(1): 55-63, 2013.

PELICIONI. M.C.F; TORRES, A.L. **Promoção de Saúde**. Universidade de São Paulo Faculdade de saúde pública departamento de prática de saúde pública série monográfica nº12. São Paulo, 1999.

SAKAI, J.D.M.C. et al. Desempenho escolar e a relação professor-aluno por meio do teste do par educativo. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 62, n. 137, p. 221-238, dez. 2012.

SÃO PAULO (Estado), Secretaria de Estado da Educação. Coordenadoria de Gestão da Educação Básica. Departamento de Desenvolvimento Curricular e de Gestão da Educação Básica. Temas transversais. **Planejamento escolar 2012**. CGEB, 2012.

SÍCOLI, J. L., NASCIMENTO, P. R. Promoção de Saúde: concepções, princípios e operacionalização. **Interface - Comunic. Saúde, Educ**, v. 7, n. 12, p. 91-112, 2003.

SILVA, O.G.; NAVARRO, E.C. A relação professor aluno no processo ensino aprendizagem. Interdisciplinar **Rev Eletr. Univar.** 8(3):95, 2012.

SOUSA, M.M., SARMENTO, T. Escola – Família – Comunidade: uma relação para o sucesso educativo. **Gestão e Desenvolvimento**, Portugal, 17-18: 141-156, 2009-2010.

TASSONI, E.C.M.; LEITE, S.A.S. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 2, p. 262-271, maio/ago. 2013

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The Ottawa charter for health promotion**. Ottawa: WHO; 1986.

PARTE II

**EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES
DO CURSO DE LICENCIATURA
EM ENFERMAGEM EM ATIVIDADES
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Os relatos de experiências que se seguem – apresentados em ordem alfabética de seus títulos – são, em sua maioria, realizados por graduandos do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, que desenvolveram atividades na Educação Básica no contexto das disciplinas, entre os anos de 2009 e 2015. Há também estudantes que apresentam suas atividades no contexto de Projetos de Extensão. Alguns autores são graduandos de outros cursos, outros são pesquisadores, orientadores e/ou membros do Grupo de Estudos e Pesquisa, e desenvolveram as atividades neste contexto. São basicamente relatos de experiências, cujo foco está em Promoção da Saúde na Educação Básica.

A ENFERMAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um relato de experiência (2012)

DENISE FRANZÉ BOGARIN

JULIANA MAEDA MINUTTI

MARAÍNA GOMES PIRES FERNANDES DIAS

MICHELE CRISTINA DE CARVALHO

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

A escola é uma instituição de grande importância na vida do adolescente. Pois por ser um ambiente coletivo, o jovem vivencia experiências que agregam à sua identidade. Dentre os princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estão a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e estimular o pensamento. Para tanto, a inserção do enfermeiro na Educação Básica vem corroborando esses princípios. Nesse contexto envolve as políticas públicas e o referencial da Promoção da Saúde. Este trabalho tem por objetivo relatar a vivência de um grupo de alunas do curso de Bacharelado e Licenciatura de Enfermagem acerca das experiências proporcionadas pelas disciplinas: Promoção de Saúde na Educação Básica e Estágio Curricular Supervisionado: Promoção da Saúde na Educação Básica, ministradas no 2o. e 4o. ano, respectivamente. Ambas as disciplinas trabalham com a inserção dos alunos nos cenários de prática das escolas de Educação Básica, habilitando-os em dimensões pedagógicas, políticas e relacionais. A partir dessa inserção, realiza encontros na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto para discutir e refletir sobre as vivências nos cenários de práticas. É desenvolvida fundamentando-se no currículo por competência e integrando a articulação da formação ao mundo do trabalho e

o referencial pedagógico crítico-reflexivo. As imersões na escola incluem um projeto a ser elaborado e desenvolvido pelas alunas, em parceria com os profissionais da escola, e supervisionado pela docente da disciplina. Foi desenvolvida tendo como cenário de prática escolas públicas de nível fundamental e médio, situadas na cidade de Ribeirão Preto, SP, Brasil. A experiência nas disciplinas possibilitou-nos observar que as escolas sentem dificuldades em abordar alguns temas tidos como tabus na sociedade e, por vezes, nem essas e nem as famílias conseguem construir um diálogo com esses alunos. Daí a importância de usar metodologias diversificadas, ater-se aos conhecimentos relevantes, contextualizar a aprendizagem e valorizar o grupo como espaço privilegiado para o processo de aprendizagem. Os encontros realizados com a docente na EERP nos forneceram embasamento teórico-científico acerca de questões norteadoras para subsidiar os encontros com os alunos das escolas e para trabalharmos certos temas com maior segurança, sem nos atermos a preconceitos. Por meio deste trabalho foi possível estimular a livre expressão do estudante, não fornecendo apenas conceitos, mas obtendo dados sobre conhecimentos prévios e vivências dos alunos, promovendo a auto reflexão. Promoveu também oportunidade de aprendizado significativo, contribuindo para a nossa formação na área de competência da educação, voltada para a Promoção de Saúde na Educação Básica.

BOGARIN, D.F.; MINUTTI, J.M.; DIAS, M.G.P.F.; CARVALHO, M.C.; GONÇALVES, M.F.C. A Enfermagem na Educação Básica: um relato de experiência. Trabalho apresentado no VIII Encontro Nacional de Educação Preventiva em Sexualidade, DST/AIDS, Drogas e Violência: Interloquções entre Saberes e Práticas na Educação para a Saúde, EERP/USP, Ribeirão Preto, SP, 2012.

A FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO LICENCIADO E A PROMOÇÃO DE CULTURA DE PAZ NA ESCOLA: um relato de experiência (2015)

BRUNA DOMINGOS DOS SANTOS
LUCIANE SÁ DE ANDRADE

No atual momento, ressalta-se a necessidade de desenvolvimento de estratégias que auxiliem a escola a tornar-se espaço promotor de saúde. O enfermeiro licenciado configura-se em um importante profissional para atuar em questões relacionadas à saúde no contexto escolar. A EERP-USP estabelece parceria com escolas públicas estaduais, no processo de formação do enfermeiro licenciado. Dentre os desafios presentes na escola básica, a questão das desigualdades sociais é preocupante, pois pode manifestar-se na forma de violência e bullying, proporcionando agravos à saúde. As vítimas do bullying podem apresentar: dores de cabeça e estômago, tonturas, lesões corporais e psicológicas, baixo rendimento e evasão escolar. Neste contexto se faz necessário ações que promovam a saúde na escola com o intuito de capacitar os escolares para aumentarem o controle sobre sua própria saúde. Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, vivida durante o processo de formação de enfermeiros licenciados, que após a identificação dessa problemática na escola, planejaram e desenvolveram atividades educativas sobre bullying. As atividades foram realizadas em uma escola pública, localizada em Ribeirão Preto-SP, com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e consistiram em: (6^{os} e 7^{os} anos) jogo com partes de um diário de uma criança vítima de bullying e elaboração, por cada criança, de um diário relatando suas vivências

relacionadas ao tema; e (8^{os} e 9^{os} anos) discussão do vídeo “A peste da Janice” e produção de jornais, pelas crianças, com notícia de *bullying*. Os jornais concorreram a três prêmios, cujos critérios para ganhar foram: conteúdo, criatividade e estética. Ao final, os alunos avaliaram as atividades. Observou-se grande engajamento dos escolares. Todos discutiram o tema, compartilhando concepções e implicações deste para a vida de crianças/adolescentes. Os diários possibilitaram identificar situações de agressão e os casos foram reportados para a direção da escola. As atividades sensibilizaram para o respeito mútuo entre os alunos e a promoção de cultura de paz no espaço escolar. A partir da atuação em escolas de educação básica, foi possível desenvolver competências diferenciadas que articulam saberes e práticas em saúde e em educação a partir de uma situação complexa do ponto de vista social, articulando sua formação a contextos reais de atuação e atendendo necessidades colocadas pela comunidade, conforme as diretrizes do Sistema Único de Saúde.

SANTOS, B. D.; ANDRADE, L. S. A formação do enfermeiro licenciado e a promoção da cultura de paz na escola: um relato de experiência. Trabalho apresentado e publicado no Congresso Nacional sobre Formação de Professores da Área da Saúde no Contexto do SUS, 2015, FDRP/USP, Ribeirão Preto, SP: Editora FIERP. p. 79-80, 2015.

A FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ESPAÇO ESCOLAR: lidando com adolescentes e a questão do sedentarismo (2015)

JENNIFER MIDIANI GONELLA
STHEFANY TEODORO RICCI
TAINA DA SILVA MENEGUCCI
LUCIANE SÁ DE ANDRADE

A formação do enfermeiro licenciado deve prever oportunidades para o desenvolvimento de atividades de promoção e educação em saúde junto a adolescentes. Este relato tem como objetivo descrever a experiência de graduandos do segundo ano de um curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem no desenvolvimento de atividade educativa sobre a temática Esporte e Saúde. A atividade teve como objetivo sensibilizar adolescentes para a importância da atividade física, estimulando-os a incluir atividades físicas no seu cotidiano. Os conteúdos abordados foram: conceito de sedentarismo e atividade física; relação entre sedentarismo e doenças crônicas degenerativas; importância da prática esportiva; contribuições da atividade física. O conteúdo foi ministrado primeiramente em sala de aula, com o auxílio de materiais visuais evidenciando as possíveis consequências da falta de atividade física, tais como a obesidade. No segundo momento, na quadra de esportes, os alunos participaram do jogo “Nunca três”. Os alunos foram divididos em trios dispersos na quadra permanecendo sentados e enfileirados, restando dois alunos que iniciaram o jogo, um tinha o papel de caça e o outro de caçador. A caça tinha como objetivo fugir, unindo-se a um dos trios. O primeiro do trio escolhido levantava-se e se

transformava na nova caça, tendo que fugir do caçador, dando seguimento ao jogo. A atividade atingiu os 29 alunos matriculados numa classe de 7º. ano. Os objetivos propostos foram alcançados, com a participação ativa dos alunos. Os graduandos de enfermagem puderam compreender o espaço escolar como local fundamental para a atuação do enfermeiro, realizando atividades pertinentes ao Programa Saúde na Escola, o que contribuiu para a construção de seu papel de professor e de profissional de saúde. A formação do enfermeiro licenciado contextualizada no espaço escolar desafia futuros enfermeiros a realizarem atividades significativas para adolescentes que frequentam pouco as unidades de saúde, comparado a outros grupos populacionais. Este relato traz a experiência de como, na formação do enfermeiro, as questões de saúde e educação podem ser articuladas, preparando o enfermeiro para o desenvolvimento de ações intersetoriais.

GONELLA, J. M. ; RICCI, S. T. ; MENEGUCCI, T. S. ; ANDRADE, L. S. .A formação do enfermeiro no espaço escolar: lidando com adolescentes e a questão do sedentarismo. Trabalho apresentado e publicado no Congresso Nacional sobre formação de professores da área da saúde no contexto do SUS, 2015, Ribeirão Preto: Editora FIERP, p. 113-113, 2015.

AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE COM ADOLESCENTES NA ESCOLA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE DOS LICENCIANDOS EM ENFERMAGEM: relato de experiência (2015)

DANYELE FERNANDES MACHADO
MARK FERNANDO RABONI
CAROLINA FRANCIELLI SOARES BENEDETTI¹
PATRÍCIA EVANGELISTA¹
NATÁLIA CAMPOS PEREIRA²
MARCELA CRISTINA RESENDE²
BRUNA BARBOSA DOS SANTOS

Este relato baseia-se em vivência inserida no Programa Aprender com Cultura e Extensão (PACCEEx), promovido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, intitulado “Promoção da Saúde na Educação Básica”, ocorrido no último semestre de 2014 e primeiro semestre de 2015. A extensão universitária é um dos caminhos para desenvolver uma formação acadêmica completa, que integra teoria e prática, possibilitando o domínio de conhecimentos científicos. Nesta modalidade, os alunos em formação no curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP, ampliam suas experiências em Promoção da Saúde na Educação Básica, mediante sua participação em uma Escola Estadual de Educação Básica, reconhecendo através do contexto

¹ Bolsistas do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2014/2015

² Bolsistas do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2015/2016

sociocultural, necessidades e possibilidades de trabalho de saúde no local, elaborando planos de ações educativas voltadas a Promoção de Saúde. Neste contexto, o projeto de extensão possibilita ao acadêmico a inserção no ambiente de trabalho e o conduz para a sua futura carreira de docência, consolidando a construção e reconstrução do ser crítico-reflexivo, domínio de conhecimentos científicos, atuação investigativa e o processo de aprender e ensinar. Freire (1996) afirma que no desenvolvimento docente, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. Assim, este relato tem por objetivo apresentar a experiência de estudantes de Enfermagem em um Projeto de Cultura e Extensão, que, ao promover saúde, vão se constituindo como educadores. O desenvolvimento do Projeto: O Projeto contou com a participação de alunos bolsistas e voluntários do segundo e terceiro ano do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, uma enfermeira licenciada e a coordenação de uma docente, todos da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Foram realizados encontros semanais, com duração de quatro horas na Escola de Educação Básica e encontros mensais com os integrantes do Projeto para discussão, reflexão e avaliação. O planejamento das atividades privilegiou as seguintes ações: a) Reconhecimento da escola; b) Levantamento das necessidades; c) Possibilidades de população alvo; d) Atividades educativas com os alunos; e) Avaliação das atividades desenvolvidas; f) Grupo de discussão, reflexão e avaliação. Junto à coordenação da Escola de Educação Básica, optou-se por desenvolver as atividades educativas com os estudantes do ensino médio, cerca de 300 alunos, distribuídos entre os 1º A, B, C, D; 2º A, B, C e, por fim, 3º A, B, C. Todos com idade entre 14 a 17 anos. Resultados e Discussão: A ação de reconhecimento da escola é uma oportunidade de aprendizagem para o desenvolvimento da construção

docente, uma vez que o graduando é convidado a vivenciar o papel de futuro profissional de enfermagem licenciado, visto que grande parte das suas experiências se deram até então no espaço escolar, mas no papel de aluno e não de docente. Após o reconhecimento da escola e do empreendimento de uma construção de um vínculo, os graduandos desenvolveram com os adolescentes atividades sobre as concepções de saúde trazidas por eles, que participaram ativamente da atividade, discutindo e preparando cartazes, com imagens extraídas de revistas. Foi discutido se todos os conteúdos de saúde trazidos aplicam-se na prática e confrontou-se os cartazes produzidos pelos diferentes grupos, indicando como cada subgrupo compreende saúde. Nesse momento foi possível também levantar as temáticas de maior interesse e priorizar as necessidades de saúde apresentadas. As atividades elencadas, a serem desenvolvidas na sequência, foram: sexualidade, gênero, prevenção de DSTs/AIDS, métodos contraceptivos, drogas, valores, vestibular e perspectivas de futuro. Para este trabalho, destacaremos duas atividades. A temática da sexualidade apareceu fortemente como demanda de todas as séries. Uma das atividades relacionadas a este tema foi referente aos métodos contraceptivos. Foi desenvolvida em subgrupos, para os quais foi proposto discussão e análise de métodos contraceptivos. Os alunos foram estimulados a identificar os métodos e suas condições de uso, discutindo ainda a importância do planejamento familiar. Como resultados imediatos dessa atividade, destacam-se, por meio da fala dos alunos, o entendimento em relação à sexualidade, gênero e as práticas sexuais, demonstrando maior responsabilidade, quanto à compreensão do uso de preservativos. O trabalho com este tema é enfatizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, que apresentam sexualidade como um tema transversal relevante para discussão nas escolas. Neste contexto há o reconhecimento da importância de se trabalhar esta temática em seus aspectos biopsicossociais, bem como a necessidade de pensar na formação de professores que compreendam as

necessidades e interesses dos alunos sobre sexualidade (BRASIL, 1998), e as possibilidades de formação de enfermeiros para atuação no espaço escolar (SISTON; VARGAS, 2007). Também o trabalho com droga merece destaque. Este foi desenvolvido na perspectiva do empoderamento, autonomia e participação ativa dos alunos no processo de decisão (BYDLOWSKI; LEFÈVRE; PEREIRA 2011). Para tanto, foram utilizadas três questões disparadoras para o trabalho: a) Quais são as drogas que são de conhecimento dos alunos? b) Quais são seus efeitos a longo prazo? c) Quais são as causas do uso das drogas? d) Que outras possibilidades existem, para obter os mesmos resultados? Na discussão foram trazidos aspectos como o uso da droga como forma da inserção em um grupo social, o alívio do estresse da rotina e simbologia social sobre o uso da maconha. Também se discutiu as conseqüências para a saúde do uso das drogas e as possibilidades de ampliar seu prazer e bem-estar por meio de esportes, alimentação, músicas e espiritualidade. Os próprios adolescentes verbalizavam a relação de saúde com estilo de vida e com o autocuidado. No planejamento das atividades educativas, os graduandos foram estimulados a escolher estratégias de ensino que confluissem com a proposta das metodologias ativas, que criam condições de problematização e de aprendizagens significativas, o que pode significar a suspensão de certas afirmações categóricas por outras hipotéticas, ao mesmo tempo, que fazem surgir novas perguntas, uma vez que o professor é mediador do processo de aprendizagem do estudante, trazendo-o para a “cena” como sujeito ativo (FREIRE, 1996). Experimentar essas ações, significa poder romper com “não saber fazer”, ou “falta de formação” ou até mesmo “pelas condições de trabalho não favorecer essa prática de ensino problematizadora” apontados no estudo de Semim, Souza e Corrêa (2009). Outro ponto que cabe destacar quanto ao uso de metodologias ativas, é que a maioria das atividades educativas, propunha como estratégia de ensino, o

trabalho em pequenos grupos. Assim os graduandos puderam vivenciar a coordenação de grupo, o que envolve, segundo Bonals (2003), a participação de cada um integrante e a capacidade de dialogar, condição necessária para realização de acordos. O mesmo autor afirma que há uma tradição da escola, tanto na educação básica quanto nas graduações, de considerar a aprendizagem do trabalho em grupo/equipe como uma aprendizagem espontânea, entretanto, faz-se necessário sistematizar essa prática, visto que trabalhar em grupo/equipe se aprende fazendo e refletindo sobre a própria prática. Considera-se que os resultados relativos aos objetivos do Projeto de Extensão foram plenamente alcançados. Os encontros foram produtivos devido à expressiva participação dos alunos nas atividades propostas, bem como nos momentos de intervalo da escola, em que muitos alunos procuravam os graduandos para esclarecer dúvidas sobre os temas trabalhados. Como a abordagem de Promoção da saúde visa a autonomia e participação no processo de saúde dos sujeitos envolvidos, compreende-se que a melhor estratégia de trabalho em classe é o empoderamento dos alunos, a partir do domínio dos conteúdos. Assim, a aprendizagem ganha um significado mais amplo e articulado com seu contexto sociocultural. Do ponto de vista dos graduandos, a experiência contribui bastante para o desenvolvimento destes enquanto educadores, pois foi possível vivenciar, de forma mais intensa, as oportunidades de planejamento, aplicação e avaliação das atividades. Referências: BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. BONALS, J. O trabalho em pequenos grupos na sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2003. FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 19. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996. SEMIM, G.M.; SOUZA, M.C.B.M.; CORRÊA, A.K. Professor como facilitador do

processo ensino-aprendizagem: visão de estudante de enfermagem. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre, set; 30(3):484-91, 2009. SISTON A.N; VARGAS L.A. O enfermeiro na escola: práticas educativas na promoção da saúde de escolares. Enfermería Global, nov. 2007.

MACHADO, D.F.; RABONI, M.F.; BENEDETTI, C.F.S.; CIA EVANGELISTA, P.; PEREIRA, N.C.; MARCELA CRISTINA RESENDE, M.C.; SANTOS, B.B. Ações de promoção da saúde com adolescentes na escola e sua contribuição para a formação docente dos licenciandos em enfermagem: relato de experiência. Trabalho apresentado e publicado no 2º Congresso de Extensão da Associação de Universidades do Grupo de Montevideú - AUGM, 2015, Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. v. 1. p. 109-110, 2015.

ÁRVORE DOS SONHOS: uma experiência educativa do enfermeiro licenciado na abordagem de respeitos e valores (2015)

JENIFFER CAROLINE DOMINGOS SASSAROLLI
BRUNA FRANCIELLE TONETI
JULIANA MENDES ROCHA
PALOMA ALVES PAIS
LUCIANE SÁ DE ANDRADE

A violência escolar é um fenômeno antigo em todo o mundo e configura-se como um grave problema social. Atualmente, com as modificações do novo século, questões como a violência escolar apresentam relevância no atual quadro educacional. Nesse âmbito, o professor é concebido como um agente facilitador do desenvolvimento de atitudes de tolerância, contribuindo para a educação e para a paz. Em consonância com o PPP do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da EERP-USP, atividades como estas vão ao encontro das ações preconizadas de articulação entre saúde e educação nas escolas de educação básica, onde a inserção do enfermeiro mostra-se essencial frente a promoção da saúde. A partir do estágio curricular supervisionado: promoção da saúde na educação básica, do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da EERP-USP, desenvolvemos junto aos educandos dos sextos e sétimos anos de uma Escola Estadual, a atividade “Árvore dos Sonhos” objetivando incentivar a reflexão acerca da importância do respeito mútuo e dos valores e crenças pessoais, bem como promover o desenvolvimento de virtudes indispensáveis à formação humana e convívio social. Após sensibilização inicial sobre a temática

Bullying, os educandos foram convidados a escreverem mensagens sobre o que julgam necessário melhorar em sua vida para alcançarem aquilo que objetivam. As mensagens foram expostas em uma árvore no ambiente externo da escola juntamente com espelhos contendo frases automotivadoras. A “Árvore dos Sonhos” foi inaugurada sob a recitação de poemas por três alunas previamente selecionadas e na presença dos membros da escola. A atividade realizada permitiu o levantamento das expectativas individuais sobre o futuro e a automotivação, promovendo o respeito mútuo, dos valores e crenças pessoais, melhora da autoestima, do relacionamento interpessoal, e do ambiente de convívio escolar, assim como o desenvolvimento dos saberes escolares. Esperamos contribuir para a formação de professores mais crítico-reflexivos e comprometidos socialmente, visando a construção do conhecimento a partir de uma aprendizagem que seja mais significativa, estimulando a criatividade, a autonomia, a pró-atividade e o trabalho em equipe.

SASSAROLLI, J. C. D. ; TONETI, B. F. ; ROCHA, J. M. ; PAIS, P. A. ; ANDRADE, L. S. Árvore dos sonhos: uma experiência educativa do enfermeiro licenciado na abordagem de respeito e valores. Trabalho apresentado e publicado no Congresso Nacional sobre formação de professores da área da saúde no contexto do SUS, 2015, Ribeirão Preto: Editora FIERP. p. 62-63, 2015.

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um estudo a partir da inserção de estudantes de licenciatura em enfermagem na escola (2012)

LAYS DOS SANTOS MAIA¹

EDMILSON ALVES DOS SANTOS JÚNIOR¹

THAÍS KOGA FONSECA

MARTA ANGÉLICA IOSSI SILVA

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este trabalho tem como objetivo analisar as práticas de atividades educativas em saúde, no contexto escolar de Educação Básica, realizada por estudantes do curso de Licenciatura em Enfermagem. Este trabalho é parte integrante de um projeto maior, denominado *Ensinando e Aprendendo Saúde na Educação Básica*, inserido no Grupo de Pesquisas Educação em Saúde/Enfermagem, da EERP/USP. Os jovens universitários, inseridos na escola para o desenvolvimento de um projeto de extensão e cultura, registraram as atividades educativas voltadas à saúde desenvolvidas por eles na escola. Os dados registrados foram submetidos a uma análise de conteúdo, técnica de análise temática, proposta por Bardin. Os resultados apontam que esta inserção tem possibilitado aos alunos, docentes e profissionais das escolas básicas, maior consciência e explicitação das possíveis ações referentes aos enfermeiros na escola. Apontam ainda a importância da parceria entre enfermeiros e escolas públicas.

¹ Bolsistas do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2011/2012

MAIA, L.S.; SANTOS JUNIOR, E.A.; FONSECA, T.K.; SILVA, M.A.I.; GONÇALVES, M.F.C. Atividades educativas em saúde na Educação Básica: um estudo a partir da inserção de estudantes de Licenciatura em Enfermagem na escola. Trabalho apresentado e publicado no Simpósio Grupo de Apoio Pedagógico de Ribeirão Preto - GAPRP: 10 anos de desafios na formação docente, 2012, Ribeirão Preto: GAPRP- USP, v. 1. p. 39-39, 2012.

ATIVIDADES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE RIBEIRÃO PRETO: relato de experiência (2010)

ANA CAROLINA MÁXIMO SILVA

DRIÉLI PACHECO RODRIGUES

BRUNA PAIVA DO CARMO

CAROLINA LEMOS

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este trabalho decorre da nossa participação enquanto alunas do Curso de Licenciatura em Enfermagem, na disciplina “Estágio Curricular Supervisionado: Promoção da Saúde na Educação Básica”, realizado em uma escola estadual do município de Ribeirão Preto, SP. Esta atende alunos de diversos bairros que, em sua maioria, apresentam grandes necessidades socioeconômicas. O eixo norteador do estágio foi à promoção da saúde junto aos alunos do ensino fundamental e médio. Nosso trabalho junto aos alunos buscou oferecer meios para que sejam capazes de tomar decisões favoráveis à sua própria saúde e a da comunidade em que estão inseridos, uma vez que a escola é um aliado importante para a concretização de ações de promoção e prevenção de saúde. Objetivo: Promover ações de educação em saúde, coletiva e individual, aos alunos da referida escola, utilizando metodologias participativas: dinâmicas, grupos de discussão, aulas dialogadas e oficinas. Partindo de um levantamento das necessidades dos alunos e da escola, realizamos verificação de carteiras de vacina, teste de Snellen e atividades educativas com os alunos abordando os temas: Sexualidade/Gravidez na Adolescência/DSTs, Álcool e Tabaco, Autoestima. A avaliação

das atividades demonstrou que o uso de metodologias participativas criou um espaço de discussão e de construção de conhecimentos compartilhados entre o grupo e os alunos, contribuindo para momentos de reflexão dos mesmos. Entendemos que essa mudança consiste em um processo prolongado e depende da ação de outros determinantes, como a família, a sociedade e a escola. Assim, as atividades representaram o ponto inicial de ações políticas e sociais. O processo de promoção de saúde passa por uma autorreflexão, pela qual o indivíduo se estabelece como sujeito e exerce uma visão crítica sobre sua saúde e qualidade de vida. Tal ponto precisa ser considerado em qualquer proposta de promoção de saúde.

SILVA, A.C.M.; RODRIGUES, D.P.; CARMO, B.P.; LEMOS, C.; GONÇALVES, M.F.C. Atividades de promoção da saúde em uma escola de ensino fundamental e médio de Ribeirão Preto: relato de experiência. Trabalho apresentado na I Mostra Programa Saúde na Escola e IV Mostra Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília, 2010.

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM SAÚDE: parceria de estudantes de licenciatura em enfermagem e professores da Educação Básica (2012)

LAYS DOS SANTOS MAIA¹

EDMILSON ALVES DOS SANTOS JÚNIOR¹

THAÍS KOGA FONSECA

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este trabalho tem como objetivo analisar a parceria de estudante de licenciatura em enfermagem e professores, no desenvolvimento de atividades educativas em saúde no contexto escolar de Educação Básica. Constituiu-se a partir do projeto de extensão desenvolvido por três universitários, numa escola de Educação Básica, visando propiciar aos alunos e professores a incorporação de práticas de saúde e qualidade de vida. Os próprios participantes planejam as atividades em parceria com a escola e as desenvolvem, registrando todo o processo. Deste registro foram extraídos os dados para esta pesquisa, que foram submetidos à análise temática proposta por Bardin. Essa parceria vem crescendo, apontando as possibilidades de um trabalho mais integrado entre saúde e educação, a partir de transformações das concepções sobre o papel do enfermeiro na escola. O enfermeiro e os professores são parceiros nas atividades, como se observa no seguinte registro: “O professor ficou em silêncio, apenas contribuiu para controlar a sala em alguns momentos de euforia dos alunos e outros, apenas observando o nosso trabalho. No final da atividade disse que nunca se atentou para orientação da lavagem

¹ Bolsistas do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2011/2012

de mãos antes do lanche e que isso é importante. Alguns professores acreditam que saúde está no posto ou no hospital, não entendem que saúde é educação e que ações que parecem muito simples são de extrema importância para a saúde do indivíduo e do coletivo.” Em outra situação, foi registrado: “A professora participou lembrando-se do corte das unhas e falou que irá mandar um recado para os pais colocarem uma toalha de mão na mochila, ela acrescenta que irá levar o sabão para eles lavarem as mãos antes do lanche”. Nas atividades educativas “a professora de inglês, participou da nossa oficina por 50min. Ajudou-nos a ressaltar que o uso da camisinha é indispensável para prevenir doenças e gravidez. E as mesmas podem mudar todos os sonhos de vida, seja profissional ou pessoal. Sua participação foi muito importante, pois o professor é um profissional respeitado, admirado e exemplo para muitos alunos.” Pode-se identificar diferentes tipos de participação dos professores, mas destacam-se sinais de crescimento na parceria entre enfermeiros e professores e que estes, são fundamentais nessa parceria. No decorrer da construção e desenvolvimento do projeto, os alunos de enfermagem desenvolveram suas habilidades para o papel de educador, de promover saúde e incentivar a prevenção da comunidade escolar, bem como de trabalhar em equipe. Esta parceria enfermeiro e professores contribui para a aprendizagem do enfermeiro licenciado em formação, possibilitando-o desenvolver autonomia, senso crítico, reflexão, criatividade e responsabilidade, a partir de um contato mais próximo com a realidade escolar.

MAIA, L.S.; SANTOS JUNIOR, E.A.; FONSECA, T.K.; SILVA, M.A.I.; GONÇALVES, M.F.C. Atividades educativas em saúde na educação básica: um estudo a partir da inserção de estudantes de licenciatura em enfermagem na escola. Trabalho apresentado e publicado no VII Encuentro Iberoamericano de Educación, 2012, Santiago de Chile: La Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación de Santiago de Chile. v. 1. p. 3.28-3.28, 2012.

AUTOESTIMA E PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: adolescentes em foco (2012)

GERUSA MOTA DA SILVA
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

A escola de educação básica enfrenta diversos problemas relacionados ao adolescente, como dispersão durante as aulas, distúrbios psicossociais, físicos ou de alimentação, uso de álcool e drogas, insatisfação com aparência física, a relação com o professor, estado de saúde, etc. Estas questões apontam para a falta de autocuidado entre os adolescentes. O que é necessário para que haja o autocuidado? Como a autoestima se relaciona com cuidados em saúde? Estas questões guiaram esta pesquisa. O objetivo da pesquisa é identificar, em alunos do sétimo e oitavo ano do ensino fundamental, relações entre a autoestima demonstrada e seu autocuidado em relação à saúde. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Foi realizada com oito alunos - sorteados - de uma escola estadual em uma cidade média do interior paulista, sendo quatro do sétimo e quatro do oitavo ano, seis meninas e dois meninos. O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi uma entrevista individual, semiestruturada, que foi gravada e posteriormente transcrita. As respostas obtidas através da entrevista foram analisadas com base na metodologia dialética, seguindo a técnica de análise de conteúdo. Os resultados indicam que apesar do conhecimento obtido em sua vivência escolar e familiar, os alunos entrevistados continuam agindo de forma inadequada em relação ao seu bem-estar. É considerado também que essas vivências, que denotam confiança ou desconfiança, juntamente com o seu nível de autoestima, afetam diretamente a saúde do aluno. Essa visão pode ser constatada em todas as

categorias - relação com colegas, relação com professor/diretor, relação familiar, desempenho escolar, autoimagem e autocuidado - principalmente a esta última, que traz como subcategorias situações de risco, como uso de álcool e inadequação alimentar. É visível também que os alunos que referem apresentar dificuldades na escola e conflitos familiares, são os que apresentam baixa autoestima e conseqüente menor autocuidado. As relações professor-diretor com aluno e as relações aluno-aluno, de modo geral afetam a autoestima, sendo verificado que alunos que possuem uma relação favorável com o professor ou colega, tendem a se sentir mais determinados em relação às suas ações. A fase da adolescência traz consigo inúmeros fatores que podem afetar a saúde. Esta pesquisa contribui para a importância da promoção da saúde nesta fase, bem como o reconhecimento de temas específicos que devem ser considerados, como álcool e drogas, relações familiares e escolares, influência das amizades e aceitação de si. Esta última, por sua vez, tem grande papel no desenvolvimento do adolescente, sabendo-se que a autoestima é positiva quando alguém se sente capaz, útil e competente (ROSENBERG apud POTTER; PERRY, 2009), e este sentimento é construído ao longo das relações que o jovem mantém na família e na escola.

REFERÊNCIAS 1. MINAYO, M.C.S. (2007). O Desafio do Conhecimento. 22ª edição, Hucitec. São Paulo. 2. MOYSÉS, L. A autoestima se constrói passo a passo. São Paulo: Papirus, 2009. 3. POTTER, P.A. e PERRY, A.G. (2009). Fundamentos de Enfermagem. 6ª edição, Elsevier. Rio de Janeiro. 4. VIGOTSKI, L.S. (2000). A Formação Social da Mente. Martins Fontes. São Paulo.

SILVA, G.M.; GONÇALVES, M.F.C. Autoestima e Promoção de Saúde na Educação Básica: adolescentes em foco. Trabalho apresentado e publicado na IV Jornada das Licenciaturas da USP: Formação de Professores e Compromisso da USP com a Educação Pública, ECA/USP, São Paulo, 2012 e no 13º SENADEN - Seminário Nacional de Diretrizes para a Educação em Enfermagem, 2012, Belém, PA: Associação Brasileira de Enfermagem, Seção Pará, p. 484, 2012.

CIDADANIA E BUSCA DA REALIZAÇÃO DE CAMINHOS FUTUROS DO ESCOLAR (2015)

DÉBORA SILVA FORNAZIERI

AMANDA FONSECA BAVIERA

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Realizamos, como estudantes do 2º ano de Licenciatura em Enfermagem, atividades de promoção da saúde em uma Escola Estadual na cidade de Ribeirão Preto. Tal ação faz parte da disciplina Promoção da Saúde na Educação Básica cujo foco é a inserção da enfermagem no âmbito educacional, contribuindo para a formação do sujeito como cidadão, ciente de seus direitos e deveres, que busca melhorar sua qualidade de vida e o meio que o cerca. A escola é caracterizada por receber alunos de diferentes regiões do país e atende uma comunidade que apresenta dificuldades socioeconômicas. Descrição da experiência: Conhecendo sua realidade decidimos trabalhar questões que envolvam valores, objetivando a cidadania e perspectivas de uma realidade de maior qualidade. Trabalhamos com uma 8a. série, visando a construção do conhecimento em conjunto e estimulando os estudantes a colocarem suas ideias e vivências para a turma. Dispusemos a sala em círculo e nosso primeiro passo foi a elaboração do contrato com a sala. Utilizamos essa estratégia para obter a colaboração de todos e assim, concordamos, por exemplo, em não usar o celular durante a aula. Questionamos os estudantes se eles tinham sonhos e quais seriam esses. Muitos responderam: ser médicos, engenheiros, cantores, jogadores de futebol, entre outros. Porém, alguns disseram que não tinham sonhos porque eram pobres e seria perda de tempo sonhar. Conversamos

sobre isso, e é nesse contexto que a cidadania se encontra, pois um indivíduo que tem plena consciência de seus direitos (como liberdade, respeito e educação) e deveres (como respeito ao próximo e proteção do patrimônio público), luta com justiça por uma qualidade de vida melhor. No final, fizemos algumas questões a respeito do que havia sido discutido e uma “colcha dos sonhos”, a qual os estudantes desenharam em papéis os seus sonhos. Resultados alcançados: A partir da experiência vivida, os estudantes da 8ª série demonstraram certo entusiasmo e vontade de se dedicar aos estudos e manter o foco nos seus objetivos. O sentimento de realização de algo significativo foi muito grande. Contribuições para as temáticas do evento: O trabalho exemplifica como a ação de um enfermeiro licenciado dentro da escola pode agregar positivamente na formação educacional, pois saúde e educação devem ser vistas e tratadas de forma conjunta, as quais cada uma tem muito a contribuir com a outra na construção de um sujeito ativo e crítico-reflexivo na sociedade.

FORNAZIERI, D.S.; BAVIERA, A. F.; GONÇALVES, M.F.C. Cidadania e busca da realização de caminhos futuros do escolar. Trabalho apresentado e publicado no Congresso Nacional sobre Formação de Professores da Área da Saúde no Contexto do SUS, 2015, FDRP/USP, Ribeirão Preto, SP: Editora FIERP. p. 124-125, 2015.

CONCEPÇÕES DE SAÚDE DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO (2015)

PATRÍCIA EVANGELISTA¹
CAROLINA FRANCIELLI SOARES BENEDETTI¹
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Por meio do projeto de extensão Promoção da Saúde na Educação Básica, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, trabalhamos com alunos e alunas do primeiro ao terceiro ano do ensino médio da escola pública, identificando e trazendo conceitos de temas de acordo com as suas necessidades de um modo que o senso crítico, a autonomia e a cidadania sejam desenvolvidos. Segundo a carta de Ottawa, “Promoção da saúde é o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social, os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente.” Para que isto possa acontecer, primeiramente procuramos conhecer a escola, seu espaço físico e sua inserção na comunidade. Para que nossas atividades alcancem as necessidades encontradas é necessário a construção de vínculo não só com os alunos mas com todos os envolvidos, como os coordenadores e outros funcionários da escola. A escola escolhida situa-se em um bairro de classe média baixa da cidade de Ribeirão Preto. Sua população, em geral, constitui-se de alunos e alunas de vários bairros da

¹ Bolsistas do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2014/2015

cidade, incluindo áreas carentes de recursos financeiros. É a partir do nosso primeiro trabalho desenvolvido com os alunos, sobre as concepções de saúde, que conseguimos avaliar e construir juntos com a escola os temas que serão discutidos ao longo do semestre. O objetivo deste relato de experiência é apontar o conceito de saúde que esses alunos apresentaram. As atividades desenvolvidas pelos estudantes de enfermagem nas escolas podem ser entendidas como possibilidades de desenvolvimento dos temas transversais – especialmente saúde – pelas escolas. A partir da atividade “concepções de saúde” com os alunos, foi possível identificar suas percepções e necessidades de saúde. Por meio da questão de aprendizagem: “O que é saúde para você?”, foram realizados cartazes, com desenhos e recortes de revistas sobre o tema, levando em consideração o seu cotidiano. Com essa proposta foram trabalhados outros assuntos como: respeito, drogas, métodos contraceptivos, entre outros. Esse conhecimento vai muito além da definição “saúde é ausência de doença”. Esporte, alimentação, música, lazer, e até mesmo espiritualidade são abordados pelos alunos e alunas. O nosso papel como professor nessa atividade é incentivar, e destacar os pontos que são trazidos por esses alunos fazendo com que eles reflitam sobre o que é saúde para eles e através do diálogo concordem ou discordem dos outros colegas. São destacados também o que se faz e o que não se faz para se ter uma boa saúde, e sobre tudo o que pode ser realizado por meio de ações simples do cotidiano para melhorá-la. Não foram citados hospitais, ou doenças para discutir a temática saúde. Pelo contrário, os alunos tem um embasamento que ser saudável pressupõe ter uma alimentação saudável, praticar exercícios físicos, ter um bom relacionamento com família e amigos, entre outras características fundamentais. Foi observado como os conceitos de promoção da saúde trazidos pelos alunos relacionam-se com a Carta de Ottawa, em relação às mudanças sociais, à responsabilidade de cada um sobre sua própria saúde, à

responsabilidade social de cada um. Para que as atividades sobre saúde não fiquem apenas na teoria, é necessário dar condições para o empoderamento de cada um. Apenas assim as mudanças começarão a surgir na vida de cada indivíduo. Somente por meio do empoderamento, do saber respeitar e conhecer seu próprio corpo é que se tem a chave para alcançar o bem estar.

EVANGELISTA, P.; BENEDETTI, C.F.S.; GONÇALVES, M.F.C. Concepções de Saúde de Estudantes do Ensino Médio. Trabalho apresentado e publicado na 67^a. Reunião Anual da SBPC, UFSCar, São Carlos, SP: SBPC. p. 4635-4635, 2015.

CONSTRUÇÃO DA HORTA VERTICAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: uma contribuição para a formação do enfermeiro licenciado (2015)

PALOMA ALVES PAIS
BRUNA FRANCIELLE TONETI
JENIFFER CAROLINE DOMINGOS SASSAROLLI
JULIANA MENDES ROCHA
LUCIANE SÁ DE ANDRADE

Em consonância com o PPP do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da EERP-USP, atividades como esta vão ao encontro das ações preconizadas de articulação entre saúde e educação nas escolas de educação básica, onde a inserção do enfermeiro mostra-se essencial frente à promoção da saúde. Dessa forma, a formação enfermeiro- professor, face às necessidades escolares, permite o empoderamento do ser professor. Abordar a alimentação saudável é uma das principais estratégias para promover hábitos saudáveis e qualidade de vida. O tema alimentação, considerado transversal, encontra-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais, sendo a promoção da alimentação saudável nas escolas de educação infantil, fundamental e nível médio, em âmbito nacional, uma das recomendações de trabalho da Estratégia Global e fortalecida pela Política Nacional de Promoção da Saúde e pela Política Nacional de Alimentação e Nutrição (BRASIL, 2006). A disciplina Estágio Curricular supervisionado: promoção da saúde na educação básica proporciona aos graduandos do curso de Bacharelado e Licenciatura em enfermagem o desenvolvimento de atributos cognitivos, atitudinais e procedimentais na prática docente, na qual são realizadas ações

promotoras da saúde na educação básica por meio de atividades educativas envolvendo temáticas que empoderem os alunos a exercerem maior controle sobre sua própria qualidade de vida. O objetivo da atividade foi apresentar aos alunos a possibilidade de construir uma horta sustentável, para incentivar as crianças a consumir alimentos saudáveis. Segundo o Ministério da Saúde (2001) “a horta na escola pode servir para atividades didáticas e como fonte de alimentação, contribuindo para fortalecer o vínculo entre a saúde e a educação”. A atividade realizada mostrou-se positiva na construção do saber junto aos educandos, nos permitindo visualizar o desenvolvimento de habilidades, bem como promovendo a construção dos saberes docentes. A presente atividade revela a importância da abordagem conjunta e integrada sobre a temática alimentação saudável pelo enfermeiro junto à equipe escolar, evidenciando a imprescindível necessidade do desenvolvimento de ações multidisciplinares e interdisciplinares, com metas traçadas conjuntamente para a recuperação e manutenção da saúde nas escolas.

PAIS, P. A. ; TONETI, B. F. ; SASSAROLLI, J. C. D. ; ROCHA, J. M. ; ANDRADE, L. S. Construção da horta vertical na educação básica: uma contribuição para a formação do enfermeiro licenciado. Trabalho apresentado e publicado no Congresso Nacional sobre formação de professores da área da saúde no contexto do SUS, 2015, Ribeirão Preto: Editora FIERP, p. 60-61, 2015.

DST – DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS – E SEUS MÉTODOS PREVENTIVOS: experiências na Educação Básica (2015)

AMANDA FONSECA BAVIERA

DÉBORA SILVA FORNAZIERI

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Como parte da disciplina de Promoção da Saúde na Educação Básica, do Curso de Licenciatura em Enfermagem de uma universidade pública, os estudantes do 2º ano realizam atividades de promoção da saúde em Escolas Estaduais da cidade de Ribeirão Preto, visando à capacitação dos escolares para que possam agir em sua melhoria da qualidade de vida, bem como da comunidade. Uma destas escolas é caracterizada por ter alunos de diferentes regiões do país e atende a uma comunidade que apresenta dificuldades socioeconômicas. A partir de uma demanda apresentada pelos alunos, trabalhamos acerca da sexualidade, a prevenção de doenças e a gravidez não planejada, a fim de levar a promoção da saúde. Dessa forma, desenvolvemos a atividade juntamente com os escolares de uma 8ª série, discutindo com eles os conteúdos: HPV, Sífilis, AIDS, bem como transmissão, sinais e sintomas, tratamento e prevenção, a partir do conhecimento e das experiências deles. Para a execução da atividade dispusemos os alunos em círculo, e após elaborarmos com eles um “contrato”, a fim de que eles aproveitassem melhor a atividade, respeitando os colegas e a nós, propusemos a dinâmica da “batata quente”. Para isso fornecemos os conteúdos dentro de bexigas a serem estouradas, e a serem discutidos por eles. Foram utilizados também painéis ilustrativos (álbuns seriados), próteses

dos aparelhos genital feminino e masculino e preservativos. Para a avaliação da atividade fizemos painéis com afirmações a respeito dos conteúdos abordados para serem respondidos pelos escolares, através de plaquinhas, como sendo estas VERDADE ou MITO. Assim, diante da nossa experiência, pudemos ver nos alunos da 8ª série da escola, a carência de informações concretas, que fossem realmente efetivas para eles, antes da execução da atividade. Por outro lado, vimos também interesse e colaboração deles para o desenvolvimento da aula. Foi uma vivência nossa muito relevante, aprendemos muito com eles também e tivemos certeza de que alcançamos os nossos objetivos. Portanto, acreditamos que a nossa experiência irá contribuir efetivamente com o evento, uma vez que estamos relatando a vinculação entre educação e saúde, como forma de viabilizar a Promoção da Saúde, bem como a importância do enfermeiro licenciado nessa articulação.

BAVIERA, A.F.; FORNAZIERI, D.S.; GONÇALVES, M.F.C. DSTs (doenças sexualmente transmissíveis) e seus métodos preventivos: experiências na educação básica. Trabalho apresentado e publicado no Congresso Nacional sobre Formação de Professores da Área da Saúde no Contexto do SUS, FDRP/USP, Ribeirão Preto, SP: Editora FIERP. p. 123-123, 2015.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE: conversando sobre sexualidade na escola (2010)

ARIANE DE FREITAS CARDOSO

LUCIMARA MORELI

MARIA APARECIDA SOARES VIANA

JULIANA FERREIRA DE SANTANA CARVALHO

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este trabalho foi desenvolvido junto à disciplina de Estágio Curricular Supervisionado: Promoção da Saúde na educação Básica. A escola é um ambiente no qual o indivíduo passa grande parte de sua vida, é também um local adequado para que haja o desenvolvimento de ações educativas que permeiem toda a vida. A Educação sexual na escola é sugerida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, visando possibilitar a autonomia dos jovens e adolescentes, propiciando espaços para reflexões e informações relacionadas a uma vida sexual segura. O objetivo deste trabalho é apresentar como a temática da sexualidade foi desenvolvida com alunos das 7ª séries de uma escola pública de Ribeirão Preto/SP. Disponibilizamos tiras de papel aos alunos, pedindo que respondessem a questão: “O que vocês gostariam de aprender sobre saúde?” Estes depositaram suas respostas em uma “urna de dúvidas”. Os temas que mais se destacaram foram: “sexo”, “gravidez na adolescência” e “doenças adquiridas pelo sexo”. Diante disso, elegemos a temática da sexualidade. Elaboramos duas oficinas: Oficina 1 - Anatomia/Desenvolvimento do corpo humano + Vida Sexual; Oficina 2 - Doenças Sexualmente Transmissíveis + Métodos Contraceptivos. Trabalhamos com uma turma por vez, que foram subdivididas em 2 grupos sendo que, cada subgrupo

participava de uma oficina com aproximadamente 1h30min de duração. Constatamos, através dos questionamentos feitos pelos alunos, que existem muitas dúvidas em relação à sexualidade. As oficinas realizadas possibilitaram aos alunos expor sentimentos, valores, crenças e refletir sobre o tema trabalhado. Perceberam que tal questão não está limitada somente ao ato sexual, mas que envolve fatores sociais, psicológicos e culturais. Consideramos nesse estudo a importância de se trabalhar questões envolvendo esse tema no contexto escolar. Temos convicção de que outros trabalhos como esse, devem ser desenvolvidos visando a Promoção da Saúde dessa população e que nesse contexto, seja de forma contínua.

CARDOSO, A.F.; MORELI, L.; VIANA, M.A.S.; CARVALHO, J.F.S.; GONÇALVES, M.F.C. Educação em saúde: conversando sobre sexualidade na escola. Trabalho apresentado na I Mostra Programa Saúde na Escola e IV Mostra Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília, 2010.

ENFERMEIRO LICENCIADO EM FORMAÇÃO E SUA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA (2011)

EDMILSON ALVES DOS SANTOS JÚNIOR¹
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES
LAYS DOS SANTOS MAIA¹
THAÍS KOGA FONSECA

Este trabalho tem como objetivo analisar as práticas de atividades educativas em saúde do enfermeiro licenciado em formação, no contexto escolar de Educação Básica. Esta pesquisa é resultado de uma análise das atividades educativas realizadas por três universitários, dentro de um projeto de extensão, numa escola de Educação Básica, visando propiciar aos alunos e professores a incorporação de práticas de saúde e qualidade de vida. Os próprios participantes do projeto de extensão é que realizam esta pesquisa. Todas as atividades são registradas, e esse registro está sendo submetido à técnica de análise temática proposta por Bardin. Resultados preliminares indicam que a Educação em Saúde, através das atividades educativas de prevenção e promoção da saúde da criança em idade escolar, realizada por enfermeiros, aparece como algo novo, sendo que a própria escola está buscando entender o papel dos profissionais da saúde nesse espaço. A escola, por sua grande demanda na área da saúde, por vezes atribui aos enfermeiros o trabalho de assistência. Por outro lado, a proposta dos enfermeiros em formação de um programa de promoção de saúde que seja mais amplo e articulado na escola, possibilita à mesma uma reflexão sobre as possibilidades de

¹ Bolsistas do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2011/2012

parceria entre saúde e educação. Assim, procura-se desenvolver ações articuladas, de modo que as atividades não sejam desenvolvidas como fragmentos isolados. A proposta de parceria entre enfermagem e educação, que prioriza as atividades educativas sobre saúde, para além dos testes de acuidade visual e verificação de carteira de vacinação, são os focos da discussão. Acrescenta-se ainda a questão da desmedicalização dos problemas de aprendizagem e a importância do aprendizado significativo sobre os aspectos de saúde. Tais aspectos contribuem para a formação consistente do licenciado em enfermagem, possibilitando que se desenvolva como um profissional competente, crítico-reflexivo e comprometido socialmente.

SANTOS JUNIOR, E.A.; GONÇALVES, M.F.C.; MAIA, L.S.; FONSECA, T.K. Enfermeiro licenciado em formação e sua atuação na educação básica. Trabalho apresentado e publicado no: 19º Simpósio Internacional de Iniciação Científica - SIICUSP, 2011, Ribeirão Preto. Resumos. São Paulo: USP, p. 2600-2600, 2011.

GRAVIDEZ INDESEJADA NA ADOLESCÊNCIA: uma abordagem crítico-reflexiva (2015)

MARIA BEATRIZ CARNEIRO

ALINE NASSIFF

BIANCA POTRATZ DE OLIVEIRA

JULIANE CRISTINA RODRIGUES

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

O estágio supervisionado em Promoção da Saúde na Educação Básica do Curso de Licenciatura em Enfermagem possibilitou a oportunidade de explorar o contexto escolar, observando suas demandas. Assim, consideramos a importância de trabalhar o tema da sexualidade, pois os alunos vivenciavam problemas como o aumento no número de casos de DSTs e gravidez indesejada dentro da escola. Assim, nosso papel neste contexto escolar foi de desenvolver ações de promoção da saúde e prevenção de doenças, visando o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento dos adolescentes. O trabalho se deu através de uma introdução ao tema sexualidade na adolescência e uma dinâmica sobre gravidez indesejada. O conteúdo abordado foi sobre as mudanças corporais e hormonais que ocorrem na adolescência, os sistemas reprodutores feminino e masculino, interno e externo, os aspectos emocionais e físicos da primeira relação sexual, métodos contraceptivos e gravidez na adolescência e as suas consequências. Os alunos mostraram que desconheciam o próprio corpo e seu funcionamento e mostraram-se muito interessados sobre o assunto, trazendo questões relevantes para a construção do conhecimento. A dinâmica deu-se por meio da distribuição de papéis que estavam escritos

“teste positivo” ou “teste negativo”. Foi proposto aos alunos imaginarem-se quando crianças, desenvolvendo-se, crescendo, conhecendo uma pessoa e fazendo sexo sem proteção e depois eles abririam esse papel e descobririam seus testes fictícios. A partir disso discutimos sobre os futuros e planos, e muitos sentiram-se à vontade para trazer relatos de experiências, como de suas mães, e o quanto seria difícil para eles enfrentarem esta situação, uma vez que estão em busca de seus sonhos e novas oportunidades. Os resultados atingidos por meio da aula foram impressionantes, pois o interesse apresentado permitiu sanar suas dúvidas, o que contribuiu para a construção de novos conhecimentos. Constatamos a necessidade do cuidado à saúde, abrangendo a prevenção e, principalmente, a promoção de saúde. Os adolescentes apresentam-se em risco muitas vezes devido ao desconhecimento. É de suma importância o desenvolvimento de atividades que visem a conscientização dos alunos acerca das consequências da gravidez na adolescência, por meio de estratégias criativas, promovendo a integração do grupo e a construção conjunta de uma consciência crítica-reflexiva acerca da realidade.

CARNEIRO, M.B.; OLIVEIRA, B.P.; NASSIFF, A.; RODRIGUES, J.C.; GONÇALVES, M.F.C. Gravidez indesejada na adolescência: uma abordagem crítica-reflexiva. Trabalho apresentado e publicado no Congresso Nacional sobre Formação de Professores da Área da Saúde no Contexto do SUS, FDRP/USP, Ribeirão Preto, SP: Editora FIERP. p. 211-212, 2015.

O ENFERMEIRO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um estudo sobre a interação entre estudantes de licenciatura em enfermagem e agentes escolares (2012)

EDMILSON ALVES DOS SANTOS JÚNIOR¹
LAYS DOS SANTOS MAIA¹
THAÍS KOGA FONSECA
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

A Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo tem realizado projetos de extensão, diferentes atividades direcionadas para a formação do enfermeiro licenciado, atendendo às diretrizes curriculares nacionais de capacitá-los para a Educação Básica, visando a formação de profissionais críticos-reflexivos comprometidos socialmente. Este trabalho tem como objetivo analisar a interação de agentes escolares e enfermeiros licenciados em formação, no contexto escolar de Educação Básica. Trata-se de uma análise das atividades educativas realizadas por três universitários, numa escola de Educação Básica, visando propiciar aos alunos e professores a incorporação de práticas de saúde e qualidade de vida, dando início a uma parceria. Os próprios participantes planejam as atividades em conjunto com a escola e as desenvolvem, registrando todo o processo. Deste registro foram extraídos os dados para esta pesquisa, que foram submetidos à análise temática proposta por Bardin. Os primeiros resultados indicaram uma percepção da comunidade escolar sobre o enfermeiro na escola, mais voltada para uma ação predominantemente técnica e assistencial de enfermagem, do que educativa. No começo os alunos de

¹ Bolsistas do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2011/2012

enfermagem não tinham liberdade para desenvolver as atividades no ambiente escolar, mesmo seguindo os planos propostos. Mas com o desenvolvimento das atividades educativas em saúde, a visão da escola sobre os enfermeiros licenciandos foi se modificando. Essa parceria vem crescendo, apontando as possibilidades de um trabalho mais integrado entre saúde e educação, a partir de transformações das concepções sobre o papel do enfermeiro na escola. Hoje, com dez meses em atuação, os alunos já criaram um vínculo com a escola e os professores, levando para sala de aula atividades que são trabalhadas em parceria, propiciando interação de professores com enfermeiros em formação e alunos da escola de educação básica. Através da realização dos testes de acuidade visual foram encontradas uma das dificuldades de aprendizagem de alguns alunos; sanado o problema houve melhoras na aprendizagem, segundo relatos de professores. As palestras sobre diferentes temas também levaram para salas de aula assuntos que até então não eram discutidos entre alunos e professores. A proposta de parceria entre enfermagem e educação prioriza as atividades educativas sobre saúde, para além da assistência em enfermagem. Hoje a percepção da escola na qual os alunos de licenciatura em enfermagem atuam, mudou. A escola reconhece o trabalho desenvolvido e oferece mais apoio, dando autonomia para que esses alunos desenvolvam suas atividades sempre contanto com a equipe escolar. Tais aspectos contribuem para a formação consistente do licenciado em enfermagem, possibilitando que se desenvolva como um profissional competente, crítico-reflexivo e comprometido socialmente.

SANTOS JUNIOR, E.A.; MAIA, L.S. ; FONSECA, T.K.; GONÇALVES, M.F.C. O enfermeiro na educação básica: um estudo sobre a interação entre estudantes de licenciatura em enfermagem e agentes escolares. Trabalho apresentado e publicado no 20º SIICUSP - Simpósio Internacional de Iniciação Científica, Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, p. 1385, 2012.

O SURDO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: reflexões sobre a relação entre promoção de saúde e educação (2011)

IMACULADA ALEXANDRINO
YARA OTHON TEIXEIRA ORDINE
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este estudo discute a questão dos surdos na escola de Educação Básica. Desde 2004 o Ministério da Saúde instituiu a Política Nacional de Saúde Auditiva e criou normas para a implantação das Redes Estaduais de Serviços em Saúde Auditivas. Desde então os gestores locais tem a função de empreender ações na atenção básica de promoção a saúde auditiva e de prevenção e identificação precoce de problemas auditivos em gestante, criança, adolescente, adultos e idosos, bem como o atendimento hospitalar nos serviços especializados. Considerando que as ações de saúde auditiva na atenção básica tem investido na prevenção e identificação precoce da surdez, bem como na informação-orientação familiar no sentido de minimizar os efeitos causados pelo atraso de linguagem, esse trabalho teórico, objetiva discutir as repercussões dessas ações no âmbito escolar. Buscando aprofundar este olhar, busca registros de experiências da Inglaterra e Espanha sobre essa questão, que apontam para a importância da interação dos profissionais da saúde e da educação no espaço escolar, que representa um espaço estratégico para se promover mudanças sociais significativas. Este olhar coincide com o propósito da Escola Promotora de Saúde no Brasil, no que diz respeito a inserção do profissional de saúde na escola básica a partir de um conceito mais amplo de saúde, que transcenda o aspecto curativo e compreenda os aspectos de prevenção, proteção,

desenvolvimento biopsicosocial, cidadania e meio-ambiente. Esta discussão pode contribuir para as discussões atuais sobre a inclusão dos surdos na escola.

ALEXANDRINO, I.; ORDINE, Y.O.T.; GONÇALVES, M.F.C. O surdo na educação básica: reflexões sobre a relação entre promoção de saúde e educação. Trabalho apresentado e publicado no VI Encontro Iberoamericano de Educação, 2011, Araraquara: UNESP e Universidad de Alcalá, 2011.

OFICINAS SOBRE SEXUALIDADE PARA EDUCAÇÃO BÁSICA: um relato de experiência (2009)

DRIÉLI PACHECO RODRIGUES
BRUNA PAIVA DO CARMO
CAROLINA LEMOS
ANA CAROLINA MÁXIMO SILVA
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

O relato que segue é produto da experiência de alunas do quarto ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP) durante o Estágio Curricular Supervisionado de Promoção da Saúde na Educação Básica. Nesse estágio trabalhou-se com alunos da Escola Estadual Professora Glete de Alcântara, localizada no município de Ribeirão Preto, realizando oficinas sobre a temática da sexualidade. O eixo norteador foi a promoção da saúde junto aos alunos do ensino fundamental e médio. As oficinas foram realizadas com alunos dos nonos anos do ensino fundamental do período da manhã, com idades entre 14 e 19 anos. Objetivos: Promover ações educativas no âmbito da saúde, coletiva e individual, aos alunos da referida escola, incentivar a adoção de práticas comportamentais preventivas atreladas ao início da atividade sexual e problematizar a noção de responsabilidade associada ao relacionamento sexual. Foram realizadas algumas oficinas sobre sexualidade com base nas necessidades apresentadas pelos alunos em uma primeira abordagem. Define-se oficina como uma proposta de aprendizagem compartilhada através de atividades grupais objetivando-se a construção coletiva do conhecimento. As oficinas foram

implementadas segundo metodologia participativa, baseada em vivências e dinâmicas de grupo, que possibilitou trabalhar com idéias, valores, práticas e comportamentos acerca dessa temática. Nós, enquanto facilitadoras das oficinas, coordenamos as atividades partindo das dúvidas, opiniões e valores dos alunos da Escola Glete. Durante a realização das atividades, os alunos verbalizaram que as oficinas propiciaram um lugar para falarem de assuntos dificilmente tratados em outros locais, a não ser com seus amigos e companheiros. As oficinas propiciaram um espaço para que eles comecem a refletir acerca de seus relacionamentos, possibilitando uma maior autonomia para lidar com sua sexualidade. A avaliação das oficinas demonstrou que o uso de metodologias participativas ao longo do estágio criou um espaço de discussão e de construção de conhecimentos compartilhados entre o grupo e os adolescentes. O processo de educação sexual não deve ser realizado de forma repressiva e domesticadora, mas deve ser visto como uma oportunidade de propiciar aos alunos uma autorreflexão, a partir da qual o indivíduo possa ter uma visão crítica e uma atitude transformadora sobre sua sexualidade.

RODRIGUES, D.P.; CARMO, B.P.; LEMOS, C.; SILVA, A.C.M.; GONÇALVES, M.F.C. Oficinas sobre sexualidade para educação básica: um relato de experiência. Trabalho apresentado no Encontro de Educação Preventiva em Sexualidade, DST, Aids, drogas e violência, EERP/USP, 2009.

PERSPECTIVAS DE FUTURO PARA ADOLESCENTES: um trabalho de promoção da saúde na escola (2015)

MARK FERNANDO DA SILVA RABONI

NATÁLIA CAMPOS PEREIRA¹

MARCELA CRISTINA RESENDE¹

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este trabalho foi realizado no contexto do projeto de extensão Promoção da Saúde na Educação Básica, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Este é um recorte da atividade realizada no ano de 2015, com três grupos de alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública, perfazendo um total de 64 alunos. As ações são apoiadas no papel social da escola, de preparo do educando para o mundo do trabalho e a vida social, aspectos pertinentes à nossa abordagem de promoção da saúde. São diversas combinações e apoios educacionais, contextualizados, que têm por objetivo atingir condições para a saúde e para a vida em geral. Nosso objetivo é trazer uma reflexão sobre o planejamento de futuro aos alunos, partindo dos seus significados. Em sala de aula, iniciamos a atividades com o planejamento das ações na perspectiva do empoderamento, da autonomia, senso crítico da escuta e respeito mútuo com os alunos no processo educativo. Lançamos duas perguntas norteadoras: Como vocês se veem no momento atual? Em um futuro próximo como vocês se veem profissionalmente? De acordo com a proposta feita aos estudantes, destacamos a síntese produzida e representada pelos próprios e as discussões resultantes. Os participantes trouxeram

¹ Bolsistas do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2015/2016

impressões pessoais de suas vidas associadas ao sentimento de alegria, autoestima, relacionamento com a família e vida escolar. Foi trazida, também, a questão da aparência pessoal, “gostos” que foram associados também ao dinheiro, esportes e relacionamento amoroso. Dois participantes relacionam seus projetos futuros à vida financeira e estável e, por último, à vida profissional e aparência física. Um participante trouxe a questão da felicidade e satisfação futura relacionando as suas atividades através do trabalho religioso que faz no momento atual de sua vida. Por meio do empoderamento e do processo de decisão dos próprios alunos sobre seu planejamento futuro podemos iniciar um trabalho significativo de reflexão e mudança pessoal no contexto de vida. Todos os alunos mostraram uma preocupação com sua qualidade de vida na descrição de seu próprio futuro, o que justifica nossas ações voltadas para o poder de decisão dos sujeitos envolvidos.

RABONI, M.F.S.; PEREIRA, N.C.; EVANGELISTA, P.; BENEDETTI, C.F.S.; NAKANO, M.M.; GONÇALVES, M.F.C. Perspectivas de futuro para adolescentes: um trabalho de promoção da saúde na escola. Trabalho apresentado e publicado no Congresso Nacional sobre Formação de Professores da Área da Saúde no Contexto do SUS, FDRP/USP, Ribeirão Preto, SP: Editora FIERP. p. 105-105, 2015.

PREVENÇÃO EM SAÚDE E ADOLESCÊNCIA: a integração Educação Básica – Universidade (2010)

CAMILA BERNARDI DE NOVAES¹

MARTA ANGÉLICA IOSSI SILVA

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

RONILDO ALVES DOS SANTOS

Este relato tem por objetivo apresentar a experiência de integração entre a Diretoria de Ensino de Ribeirão Preto e a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP/USP) por meio das disciplinas Promoção da Saúde na Educação Básica e Estágio Curricular em Promoção da Saúde na Educação Básica do Curso de Licenciatura. No Brasil vivencia-se o desafio da potencialização de ações multidisciplinares e intersetoriais de prevenção e promoção da saúde, voltadas para o contexto escolar com a população adolescente e a implementação do Sistema Único de Saúde que requer a formação de trabalhadores críticos reflexivos, tendo como fundamento a concepção ampliada de saúde e sua promoção. Nesta perspectiva, esta integração objetiva promover ações preventivas em saúde em Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio do Município Ribeirão Preto/SP e oportunidades de aprendizado na Educação Básica, para a formação do enfermeiro, contribuir para redução da vulnerabilidade de adolescentes e jovens. Em consonância com os objetivos e metas da Secretaria Estadual da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP) e das escolas, campo de prática das disciplinas, temos desenvolvido atividades envolvendo diferentes atores. Nossa proposta

¹ Bolsista Mestrado pela CAPES – Projeto Pró-Ensino

está ancorada no Programa Saúde e Prevenção/MS e Projeto Prevenção Também se Ensina/SEE-SP, envolvendo estudantes do 5º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, abordando temas de saúde com destaque as questões relativas à saúde sexual, à prevenção das DST/Aids, gravidez, prevenção ao uso e abuso de drogas, namoro, violência e autoestima, por meio de metodologias participativas e lúdicas, onde a discussão, informação e reflexão possibilitam aos adolescentes o diálogo, a encontrar soluções para os desafios, explorando as possibilidades, o conhecimento mútuo de valores e, generalizando o aprendizado para o âmbito familiar e social. Concluímos que articular o processo de ensino-aprendizagem a partir da inserção dos graduandos no contexto escolar, contribui de forma substancial para a implementação de ações preventivas na atenção a saúde na adolescência, onde a Educação em Saúde se apresenta como um importante fator de proteção e promoção para a conquista da cidadania. Pretende-se então, a continuidade das atividades por meio dessa interação.

NOVAES, C.B.; SILVA, M.A.I.; GONÇALVES, M.F.C.; SANTOS, R.A. Prevenção em Saúde e Adolescência: A Integração Educação Básica – Universidade. Trabalho apresentado na I Mostra Programa Saúde na Escola e IV Mostra Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília, 2010.

PROJETOS DE EXTENSÃO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO LICENCIADO: um relato de experiência (2015)

JESSICA KAROLINE SILVA
GIULLIANY DE FREITAS BISCASSI
GABRIELA ROBERTA RIBEIRO
LUCIANE SÁ DE ANDRADE

O enfermeiro no âmbito escolar é visto como mobilizador de ações em saúde, que dentro deste ambiente pode atuar na detecção precoce de problemas visuais. Sabe-se que a visão é um meio importante que possibilita ao indivíduo um contato com o ambiente. A literatura relata que 5 a 30% das crianças na faixa etária pré-escolar e do grupo escolar apresentam algum problema visual. A diminuição da visão acarreta em diversos prejuízos para o desenvolvimento e aprendizado da criança. Durante o processo de formação, na EERP-USP, os alunos desenvolvem projetos de extensão que os colocam em contato com problemáticas da realidade social. Este trabalho relata a experiência de um projeto de extensão desenvolvido em uma escola pública estadual onde procura explicitar a importância da acuidade visual na formação de graduandos em licenciatura em enfermagem. O projeto é desenvolvido na Escola Estadual Prof. Walter Ferreira em Ribeirão Preto. Para avaliação da visão é utilizado o Teste de Snellen a partir dos parâmetros estabelecidos no Programa Olhar Brasil que procura identificar casos em que é necessário o encaminhamento para consulta oftalmológica. O projeto identificou alunos com diversas reclamações de cefaleia, visão turva, alunos que necessitam utilizar óculos, além de contribuir para

a formação das alunas do curso de Licenciatura em Enfermagem por meio da realização de atividades em escolas públicas com caráter de atividades de extensão. Tal ação tem fortalecido suas identidades como profissionais atuantes na escola e também no desenvolvimento de competências relacionadas à iniciativa, comunicação, capacidade de decisão, comprometimento com as questões da educação básica e desenvolvimento de ações inter-setoriais. Considerando que abrange parte das políticas públicas da saúde e da educação, a identificação de problemas visuais em idade precoce é uma necessidade que precisa ser identificada prematuramente, visto que muitas vezes os problemas e dificuldades encontrados dentro de uma sala de aula pode apresentar como causa inicial a dificuldade no aluno de enxergar. Destaca-se que não se trata apenas em uma ação de verificação da acuidade visual, mas de uma mobilização de ações inter-setoriais que envolvem o SUS para contribuir na qualidade de vida de crianças e adolescentes em ambientes escolares.

SILVA, J. K. B. ; BISCASSI, G. F. ; RIBEIRO, G. R. ; ANDRADE, L. S. Projetos de extensão no processo de formação do enfermeiro licenciado: um relato de experiência. Trabalho apresentado e publicado no Congresso Nacional sobre formação de professores da área da saúde no contexto do SUS, Ribeirão Preto: Editora FIERP, 2015.

PROMOÇÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA (2012)

EDMILSON ALVES DOS SANTOS JÚNIOR¹
LAYS DOS SANTOS MAIA¹
THAÍS KOGA FONSECA
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este trabalho tem como objetivo analisar as atividades de extensão de enfermeiros licenciados em formação, desenvolvendo práticas de atividades educativas em saúde na Educação Básica. Esta pesquisa é resultado de uma análise das atividades educativas realizadas por três universitários, dentro de um projeto de extensão, numa escola de Educação Básica, visando propiciar aos alunos e professores a incorporação de práticas de saúde e qualidade de vida. Os próprios participantes do projeto de extensão é que realizam esta pesquisa. Todas as atividades são registradas e esse registro está sendo submetido à técnica de análise temática proposta por Bardin. Resultados preliminares indicam que a Educação em Saúde, por meio das atividades educativas de prevenção e promoção da saúde da criança em idade escolar realizada por enfermeiros, aparece como algo novo, sendo que a própria escola está buscando entender o papel dos profissionais da saúde nesse espaço. A escola, por sua grande demanda nesta respectiva área, por vezes atribui aos enfermeiros o trabalho de assistência. Por outro lado a proposta dos enfermeiros em formação, de um programa de promoção de saúde que seja mais amplo e articulado na escola, possibilita uma reflexão sobre

¹ Bolsistas do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2011/2012

as possibilidades de parceria entre saúde e educação. Assim, procura-se desenvolver ações articuladas, de modo que as atividades não sejam desenvolvidas como fragmentos isolados. A proposta de parceria entre enfermagem e educação, que prioriza as atividades educativas sobre saúde, para além dos testes de acuidade visual e verificação de carteira de vacinação, são os focos da discussão. Acrescenta-se ainda, a questão da desmedicalização dos problemas de aprendizagem e a importância do aprendizado significativo sobre os aspectos de saúde. Discutir sobre as possibilidades de ação dos enfermeiros nas escolas de educação básica mostra a ampliação do campo de trabalho do enfermeiro, bem como, a contribuição que a inserção nesta área traz para a formação consistente do licenciado em enfermagem, possibilitando que se desenvolva como um profissional competente, crítico-reflexivo e comprometido socialmente.

SANTOS JÚNIOR, E.A.; MAIA, L.S.; FONSECA, T.K.; GONÇALVES, M.F.C. Promoção da saúde na educação básica. Trabalho apresentado no 2º. Simpósio Aprender com Cultura e Extensão, Campus de São Paulo da Universidade de São Paulo, 2012.

PROMOÇÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA (2015)

CAROLINA FRANCIELLI SOARES BENEDETTI¹
PATRÍCIA EVANGELISTA¹
MARINA LIBERALE
LUCIANE SÁ DE ANDRADE
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

O projeto de extensão Promoção da Saúde na Educação Básica, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, tem como objetivo trabalhar a temática saúde com alunos do ensino médio de uma escola pública. Busca-se identificar as necessidades e interesses relativos ao tema, com professores, funcionários e alunos, para a elaboração e desenvolvimento de atividades, visando a autonomia e cidadania dos alunos. O projeto envolve dois bolsistas, três voluntários e o apoio de uma enfermeira. Teve início no dia 01 de agosto de 2014 e término no dia 31 de julho de 2015. Foi realizado na Escola Estadual Professor Walter Ferreira, com alunos do primeiro ao terceiro ano do ensino médio, totalizando 292 alunos envolvidos. No ano de 2014, foram desenvolvidas as seguintes atividades com as turmas do primeiro ano do ensino médio: “Concepção de saúde”; “Drogas”; “Perspectivas de futuro”; “Métodos contraceptivos e Planejamento Familiar”. Esses temas foram estipulados segundo as necessidades apontadas pelos professores, funcionários e alunos. No ano de 2015, foram realizadas atividades com as turmas do ensino médio: primeiro ano (1º A, B, C e D), segundo ano (2º A, B e C), e terceiro ano (3º

¹ Bolsistas do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2014/2015

A, B e C). Os temas das atividades realizadas foram: “Concepções de Saúde”; “Valores/Respeito”; “Gênero”; “Métodos Contraceptivos”; “Doenças Sexualmente Transmissíveis”; “Perspectivas de futuro” e “Vestibular”. Por meio das atividades trabalhadas, o projeto contribuiu para a formação dos alunos bolsistas como docentes, pelo desenvolvimento do conhecimento e de habilidades proporcionado. Para os alunos do ensino médio, contribuiu para a construção do senso crítico, autonomia e a própria cidadania. Os alunos se mostraram interessados pelos temas abordados e trouxeram para a discussão relatos importantes e ricos de informações relativas à realidade que estão inseridos, articulados com os novos conhecimentos apresentados. O projeto possibilitou ainda ampliar a parceria, já existente no âmbito de ensino e pesquisa, entre a escola participante e a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para o âmbito da extensão. As atividades desenvolvidas reafirmaram o papel da escola na formação de cidadãos, abordando temas importantes para o desenvolvimento dos alunos. Para os graduandos participantes, a experiência do projeto trouxe a oportunidade de ampliar a visão do profissional de saúde atuando na educação básica, desenvolvendo habilidades docentes através de temáticas e metodologias ativas, com a finalidade de possibilitar a aprendizagem dos alunos do ensino médio. Desenvolver esse projeto de intervenção apontou para a possibilidade de transformação do ambiente escolar, do desenvolvimento dos alunos e da promoção da saúde na educação básica.

BENEDETTI, C.F.S.; EVANGELISTA, P.; LIBERALE, M.; ANDRADE, L.S.; GONÇALVES, M.F.C. Promoção da saúde na educação básica. Trabalho apresentado e publicado no 5º. Simpósio Aprender com Cultura e Extensão, Campus de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2015.

PROMOÇÃO DA SAÚDE NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E O TEMA DROGAS (2014)

NEIRE APARECIDA MACHADO¹
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este estudo busca analisar os posicionamentos de professores da Educação Básica com relação à temática drogas e ao trabalho que os graduandos de Licenciatura em Enfermagem desenvolvem sobre o tema na escola. Este objetivo foi proposto a partir do problema de pesquisa: Como os professores da Educação Básica significam a temática drogas e como analisam o trabalho desenvolvido pelos graduandos de Licenciatura em Enfermagem ao implementarem ações de promoção da saúde na escola? Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com abordagem histórico-cultural, que considera a constituição do sujeito a partir das relações sociais. Esta abordagem tem se mostrado um recurso para o campo da saúde ao propor uma metodologia adequada a uma investigação qualitativa. A Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo tem parceria com doze escolas públicas para desenvolver ações de Promoção da Saúde. Os dados para este estudo foram construídos em três escolas, tendo a participação de dezoito professores. Foram realizados dois encontros de Grupo Focal em cada uma das escolas, resultando em seis encontros de grupos focais. O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Os resultados indicam que, abordando sobre o tema drogas, as

¹ Bolsista CAPES Pró-Ensino, Edital 24/2010, Projeto 2037/2010, vigência 2013/2016.

falas das professoras demonstram inquietação. O tema é considerado um embate na área educacional por tratar-se de um problema de saúde. Uma das preocupações apontadas por uma professora é gerar, no futuro, seres humanos com outros problemas de saúde. Para as professoras, os graduandos de Licenciatura em Enfermagem possuem os conhecimentos de Promoção da Saúde, as estratégias e as metodologias de ensino adequadas para lidar com o tema drogas. O significado da palavra drogas ao ser generalizado pelas professoras, possui um ponto de vista psicológico que não pode ser desconsiderado, pois trata-se de um reflexo da realidade e seu sentido é construído na interação com o outro, envolvendo aspectos da vida da consciência que dizem respeito ao intelecto e ao afeto. A análise demonstra um sentido dinâmico que envolve, além do sentido da palavra, a emoção no modo de se expressar. Nesse contexto, os problemas sociais relacionados ao uso das drogas são situados a partir das dificuldades culturais e históricas, não deixando de lado as questões sociológicas e antropológicas do mundo capitalista. Este trabalho aponta a interface dos fenômenos da saúde com a educação em pleno movimento na realidade social, colocando-se para o debate seus limites e possibilidades, fazendo-se necessário maior aprofundamento das questões colocadas, tanto no âmbito metodológico, como no âmbito da prática. Considera-se ainda que a temática drogas precisa ser vista a partir de um enfoque cultural, histórico, sociológico e antropológico.

SCARPINI, N.A.M.; GONÇALVES, M.F.C. Promoção da saúde na escola de educação básica e o tema drogas. Trabalho apresentado no XIII Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica, 2014.

PROMOÇÃO DE SAÚDE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE RIBEIRÃO PRETO: o respeito ao outro (2015)

AMANDA SARAH VANZELA
ISABELLA FERNANDES BRIANEZ
LINA DE MOURA MENDES
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

O curso de Licenciatura em Enfermagem da EERP possui a disciplina intitulada “Promoção de Saúde na Educação Básica”, na qual os discentes acompanham uma escola de educação básica no período de um ano, desenvolvendo atividades de promoção de saúde. As autoras escolheram uma escola estadual situada em um bairro com baixos níveis socioeconômicos e realizaram atividades com alunos de um 7º ano. A escolha do tema a ser trabalhado se deu por meio das demandas trazidas por uma professora, para que fossem abordados assuntos referentes ao abuso sexual. Tal pedido foi surpreendente pois mostrou que o trabalho naquela escola seria mais intenso do que esperávamos. Pensar no abuso sexual como mulher, nos faz sentir um misto de coragem e impotência frente às diversas histórias que ouvimos todos os dias. A primeira atividade educativa foi realizada e o tema abordado foi “Falando Sobre Sexualidade e Respeito ao Outro”, no qual conversamos sobre aspectos da puberdade, empoderamento relacionado ao corpo, respeito a cada um, além dos mecanismos sociais de ajuda às vítimas de abuso como o conselho tutelar e o disque denúncia. Os alunos foram dispostos em círculo e os modelos do sistema reprodutor masculino e feminino foram apresentados. A partir daí passou-se a abordar as mudanças que ocorrem na puberdade e com isto, as crianças passaram a trazer

relatos sobre o diferente tratamento que vinham recebendo após entrarem nesta etapa do desenvolvimento. Realizamos uma dinâmica de sensibilização na qual os alunos se mostraram sensibilizados e passaram a trazer relatos pessoais sobre a questão do abuso. Ao final da conversa, que foi muito produtiva, lhes apresentamos os telefones úteis em caso de qualquer tipo de abuso. Pudemos perceber que muitos deles guardaram os telefones com segurança e relataram que mostrariam para amigos que necessitavam daquela ajuda. Ao final solicitamos avaliação da atividade. Recebemos opiniões como “vocês nos ajudaram muito”; “deem essa aula para outras salas”; além das motivações para que continuássemos realizando este trabalho. Ser graduando do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem nos dá a oportunidade da prática e exercício da docência com olhar integral e humano. Podemos destacar a importância do profissional licenciado na promoção da saúde na educação básica como agente transformador, que tem como objetivo dar visibilidade a questões de vulnerabilidade social, defendendo a equidade e formando cidadãos cada vez mais autônomos.

VANZELA, A.S.; BRIANEZ, I.F.; GONÇALVES, M.F.C. Promoção de saúde em uma escola estadual de Ribeirão Preto: o respeito ao outro. Trabalho apresentado e publicado no Congresso Nacional sobre Formação de Professores da Área da Saúde no Contexto do SUS, FDRP/USP, Ribeirão Preto, SP: Editora FIERP, p. 127-128, 2015.

PROMOÇÃO DE SAÚDE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE RIBEIRÃO PRETO: os cuidados com a visão e a audição (2015)

NATÁLIA CAMPOS PEREIRA

SABRINA MARTINS REIGOTA

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

A experiência deu-se em uma disciplina do Curso de Licenciatura em Enfermagem, de uma universidade pública, que tem como foco a promoção da saúde na Educação Básica. A escolha do tema Audição e Visão, a ser trabalhado com os adolescentes, ocorreu pela observação do uso abusivo e inadequado em salas de aulas da Educação Básica, de fone de ouvido, aparelhos celulares e por terem realizado o teste da acuidade visual com outros estagiários de enfermagem. Buscamos elaborar uma aula fora dos moldes clássicos da exposição de saberes, fazendo, dessa forma, uma atividade de construção do conhecimento, realizando uma abordagem que buscasse a relação com o cotidiano dos alunos, trazendo aspectos do cuidado e da promoção de saúde sem deixar de lado a cultura e saber do escolar. A atividade foi desenvolvida em uma escola pública estadual do município de Ribeirão Preto, com alunos do 7º ano C, totalizando dezessete escolares como participantes. Fizemos uma breve descrição dos órgãos dos dois sentidos (visão e audição), usando como demonstração peças anatômicas que exemplificavam tais órgãos. Levantamos, junto com os alunos, quais ações do cotidiano podem prejudicar acuidade desses sentidos. A fim de deixar o tema mais prático e palpável para os escolares, usamos o decibelímetro em dois momentos nos quais eles estão expostos em sala de

aula, a turma em barulho excessivo e em silêncio. Como forma de avaliação usou-se a dinâmica do mito ou verdade, que se desenvolveu tendo como subsídio a abordagem realizada com eles. Trabalhamos com esses alunos quais os componentes de cada órgão apresentado, e a importância do cuidado com os mesmos. A atividade foi desenvolvida a partir dos saberes prévios dos alunos associados a novos dados, proporcionando, assim, uma construção do conhecimento. Valoriza-se a livre escolha do aluno sobre como proceder com as novas informações obtidas na atividade, porque promover saúde é dar empoderamento ao escolar para fazer suas escolhas. Preconizamos as diretrizes e os princípios do SUS, pois acreditamos que eles são essenciais para a promoção de saúde no contexto da Educação Básica. Pelo fato de a disciplina se dar no contexto da Promoção de Saúde na Educação Básica, os graduandos do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem têm a oportunidade de por em prática o exercício e a arte da docência.

PEREIRA, N. C. ; REIGOTA, S. M. ; GONÇALVES, M. F. C. .
Promoção de saúde em uma escola estadual de ribeirão preto: os cuidados com a visão e a audição. Trabalho apresentado e publicado no Congresso Nacional sobre Formação de Professores da Área da Saúde no Contexto do SUS, FDRP/USP, Ribeirão Preto, SP: Editora FIERP. p. 114-115, 2015.

PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA COM FOCO NA FORMAÇÃO DOCENTE: um relato de experiência (2015)

DANYELE FERNANDES MACHADO
LUCIANE SÁ DE ANDRADE

Formar profissionais para atuar no sistema de saúde sempre foi um desafio. Assim, este relato de experiência sobre a disciplina “Promoção da Saúde na Educação Básica”, oferecida no segundo ano do curso, tem por objetivo refletir sobre a formação do enfermeiro licenciado, possibilitando que os estudantes aprendam a ser sujeitos ativos e compromissados com o cuidar e a docência em escolas de educação básica, a partir da experiência de uma graduanda de enfermagem que participou desta disciplina no ano de 2014. Por meio do conhecimento do contexto escolar, foram desenvolvidos planos de ações educativas sobre saúde e temas afins na educação básica, em parceria com a Escola Estadual Walter Ferreira, Ribeirão Preto, colaboradora da EERP/USP. Trabalhamos o conceito de promoção da saúde, processo de ensino-aprendizagem, relação professor-aluno, projetos político pedagógico e saúde coletiva com ênfase no contexto da escola de educação básica. Ao final é possível constatar que o percurso formativo ao longo da disciplina, foi positivo quanto à formação do enfermeiro professor, permitindo aos alunos a compreensão da importância do seu comprometimento com o autocuidado. Essa experiência está de acordo com os pressupostos colocados por Freire (1980), que considera a educação como uma prática de liberdade que deve se dar a partir de uma aproximação crítica com a realidade. A educação universitária em Enfermagem

no Brasil enfrenta desafios postos pelas necessidades de formação de profissionais que contribuam para melhoria da atenção prestada pelo enfermeiro na educação básica, e também, para o fortalecimento da identidade profissional, para que se efetive o compromisso na implementação dos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde. Dessa forma, este trabalho contribuirá com a compreensão sobre a formação crítico- reflexiva, assim como as estratégias para esta formação no contexto da enfermagem. Referências: FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 116p.

MACHADO, D. F. ; ANDRADE, L. S. Promoção da saúde na educação básica com foco na formação docente: um relato de experiência. Trabalho apresentado e publicado no Congresso Nacional sobre formação de professores da área da saúde no contexto do SUS, 2015, Ribeirão Preto: Editora FIERP, p. 81-81, 2015.

PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: a construção da parceria entre professor e enfermeiro nas atividades educativas (2013)

LAYS DOS SANTOS MAIA¹

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este trabalho insere-se num grande projeto de pesquisa intitulado Ensinando e Aprendendo Saúde na Educação Básica, que surgiu a partir do trabalho do grupo de pesquisa em Promoção da Saúde na Educação Básica e da inserção do enfermeiro licenciado em formação nas escolas públicas parceiras desse trabalho. Este grupo, por sua vez, integra-se num maior, inscrito no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq como Grupo Pesquisa Educação/Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP). A EERP/USP realiza, por meio de disciplinas, estágios curriculares, projetos de extensão e pesquisa, diferentes atividades direcionadas para a formação do enfermeiro licenciado, atendendo às diretrizes curriculares nacionais de capacitá-los para a Educação Básica, bem como visando à formação de profissionais críticos-reflexivos comprometidos socialmente. Segundo Ferriani (1991) faz-se necessário discutir como a saúde vem sendo compreendida na escola, para se pensar sobre o papel do enfermeiro nesse espaço. A presença do enfermeiro na escola pode propiciar um novo olhar dos professores em relação a comportamentos do aluno que afetam a sua saúde. O enfermeiro contribui para o repensar a saúde

¹ Bolsista Iniciação Científica (Pró-Pesq) RUSP – 2012/2013.

como um todo, e por meio desse novo olhar surge uma parceria na qual se busca a detecção e solução dos problemas. A parceria professor/enfermeiro vem crescendo, apontando as possibilidades de um trabalho mais integrado entre saúde e educação, considerando-se ambas como práticas sociais. Como consequência, as concepções sobre o papel do enfermeiro na escola vão passando por transformações. Assim, esta pesquisa tem como foco o estudo de tal parceria, no contexto da Educação Básica. Este é um estudo qualitativo, que tem como contexto uma escola de educação básica que recebe estagiários do curso de licenciatura em enfermagem, que desenvolvem atividades educativas. O objetivo deste trabalho é analisar a percepção dos professores sobre tal parceria no trabalho de promoção da saúde na escola. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Este trabalho foi realizado numa escola pública de educação básica de uma cidade média do interior paulista. Foram entrevistados treze professores, sendo cinco que lecionam em séries diferentes - do 1º a 5º ano, e oito que atuam do 6º ao 9º ano, nas diferentes áreas propostas no Ensino Fundamental: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte, e Educação Física, sendo um professor de cada área citada. Os professores foram sorteados entre todos de cada série (do 1º ao 5º ano) ou área (do 6º ao 9º ano). As entrevistas foram agendadas e realizadas na própria escola, de setembro a novembro de 2012. Os professores foram definidos por sorteio. As entrevistas, com duração aproximada de 30 minutos, foram agendadas e realizadas na própria escola, de setembro a novembro de 2012. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado e foram gravadas em áudio. Os dados obtidos foram transcritos e digitados, sendo submetidos à análise de conteúdo de Bardin (2004). Esta, organizou-se em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A análise dos dados resultou em seis categorias: 1) Profissionais

da saúde na escola; 2) Questões de saúde trabalhadas ou não pelos professores; 3) Alunos da enfermagem nas escolas de educação básica; 4) A Parceria entre professores e enfermeiros vista pelos professores; 5) Atividades e os alunos e 6) Contribuições para os estudantes de enfermagem. A análise das categorias aponta a inovação que esta parceria representa: “(...) *conhecendo agora. Essa parceria da USP com as escolas, isso é novo (...) as parcerias também são bem-vindas. Apesar de algumas regiões do estado até onde eu conheço, terem essa parceria, esse acompanhamento não chega a toda rede. Na verdade isso teria que ser uma política para todo o estudante*”. (professor 1). A parceria de profissionais de saúde e professores aparece como fator importante para o desenvolvimento de promoção da saúde nas escolas, pois a maioria desses profissionais se depara com o tema saúde dentro de sala de aula, uns conseguem trabalhar bem sobre o tema, outros sentem a necessidade de apoio do profissional da saúde para realizar trabalhos de prevenção, conscientização e atividades educativas para a comunidade escolar. Os professores afirmam que a parceria da enfermagem na escola é satisfatória, mas ainda faltam políticas públicas para que a enfermagem possa estar todo o dia na escola e que também possa abranger todo o município. Essa parceria só tem a contribuir para os envolvidos – enfermeiros e comunidade escolar. Há necessidade de articular ações da Universidade e escola de educação básica, bem como ações interdisciplinares e intersetoriais, estabelecendo fluxos e ações contínuas entre as Secretarias de Saúde e de Educação. Referências Bibliográficas BARDIN, L. Análise de Conteúdo. 3ed. Lisboa: Edições 70, 2004. FERRIANI, MGC. A inserção do enfermeiro na saúde escolar. São Paulo: EDUSP, 1991. (Coleção Campi, v. 3). SÍCOLI JL; NASCIMENTO PR. Promoção de saúde: concepções, princípios e operacionalização. Interface – Comunic, Saúde, Educ 2003 fev; 17(12): 101-22. FORTUNA, C. M.; Gonçalves, M. F. C.; Silva, M. A.; Santos, R. A. A. Produção de narrativas

crítico-reflexivas nos portfólios de estudantes de enfermagem. Rev. Escola Enfermagem. USP São Paulo 2012.

MAIA, L. S.; GONÇALVES, M.F.C. Promoção de saúde na educação básica: a construção da parceria entre professor e enfermeiro nas atividades educativas. Trabalho apresentado e publicado no 21º SIICUSP Simpósio Internacional de Iniciação Científica - Trabalhos/ resumos. São Paulo: Universidade de São Paulo. p. 2489-2489, 2013.

PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: a percepção de saúde dos alunos das 5ª séries de uma escola estadual de Ribeirão Preto/SP (2010)

MARIA APARECIDA SOARES VIANA
JULIANA FERREIRA DE SANTANA CARVALHO
LUCIMARA MORELI
ARIANE DE FREITAS CARDOSO
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este trabalho foi desenvolvido junto à Disciplina Estágio Curricular Supervisionado: Promoção da Saúde na Educação Básica. Partiu-se do pressuposto que a escola é um ambiente saudável para aprendizados, relacionamentos e para trabalhar ações de Promoção de Saúde, que levem os indivíduos a conhecer suas necessidades de saúde e se apropriarem de conhecimentos para uma vida melhor. O objetivo deste trabalho foi identificar os temas relacionados à saúde de maior interesse dos alunos de 5ª séries de uma escola Estadual de Ribeirão Preto/SP. Tratou-se de um estudo exploratório, cuja população do estudo foi constituída por 86 alunos. Foi realizada a técnica “urna de dúvidas” com uma questão norteadora: “O que você gostaria de aprender sobre saúde?” Os alunos responderam em uma filipeta de papel as dúvidas e/ou temas que gostariam que fossem trabalhados durante o período do estágio e as colocaram na urna. As repostas foram categorizadas conforme a semelhança dos temas. Identificamos as seguintes categorias: doenças (68,60%), alimentação (4,65%), medicamentos (3,48%), cirurgia (2,32%), drogas (2,32%), HIV/AIDS (2,32%), álcool (1,16%), cigarro

(1,16%), esportes (1,16%), higiene (1,16%) e medicina (1,16%). Além dessas categorias 10,46% dos alunos responderam que gostariam de aprender tudo, enquanto 2,32% responderam que não gostariam de aprender nada. Estes resultados indicaram que a palavra saúde pareceu remeter à ideia de doença, apresentando as percepções presentes no contexto em que as atividades do estágio serão desenvolvidas. Portanto, percebe-se a importância de que trabalhos sobre Promoção de Saúde sejam realizados nas escolas, ampliando o conceito de saúde trazido pelos alunos e, que proporcione uma nova forma destes entender e buscar saúde e, principalmente, que seja mais coerente com um projeto de mudança social que se almeja na atualidade.

VIANA, M.A.S.; CARVALHO, J.F.S.; MORELI, L.; CARDOSO, A.F.; GONÇALVES, M.F.C. Promoção de Saúde na Educação Básica: A Percepção de Saúde dos Alunos das 5ª Séries de uma Escola Estadual de Ribeirão Preto/SP. Trabalho submetido à I Mostra Programa Saúde na Escola e IV Mostra Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília, 2010.

PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: enfermeiros e educação (2011)

LAYS DOS SANTOS MAIA¹

EDMILSON ALVES DOS SANTOS JÚNIOR¹

THAÍS KOGA FONSECA

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

A Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo tem realizado por meio de disciplinas, estágios curriculares, projetos de extensão e pesquisa, diferentes atividades direcionadas para a formação do enfermeiro licenciado, atendendo às diretrizes curriculares nacionais de capacitá-los para a Educação Básica, bem como desenvolver profissionais críticos-reflexivos comprometidos socialmente. A organização desse trabalho em projetos mais articulados tem propiciado um salto na consolidação da área, possibilitando aos alunos, docentes e profissionais das escolas básicas, maior consciência e explicitação das ações referentes aos enfermeiros. Têm possibilitado ainda, a reflexão sobre as ações, de modo a não se desenvolverem fragmentadas e isoladas. Acrescenta-se também a importância da discussão sobre a parceria entre enfermeiros em formação e as escolas públicas. Este trabalho discute, a partir dos registros de atividades de extensão de alunos de enfermagem, os espaços que tais profissionais podem ter na escola. A proposta de parceria entre enfermagem e educação, que gira em torno de atividades educativas sobre saúde, testes de acuidade visual e verificação de vacinas para prevenção de situações que resultem em problemas

¹ Bolsistas do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2011/2012

de aprendizagem, mais a questão da desmedicalização dos problemas de aprendizagem são os focos da discussão, na busca de uma formação consistente do licenciado em Enfermagem.

MAIA, L.S.; SANTOS JUNIOR, E.A.; FONSECA, T.K.; GONÇALVES, M.F.C. Promoção de saúde na educação básica: enfermeiros e educação. Trabalho apresentado e publicado no VI Encontro Iberoamericano de Educação, 2011, Araraquara: UNESP e Universidad de Alcalá, 2011.

PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: relato de atividade em uma escola estadual de Ribeirão Preto (2010)

CAMILA APARECIDA ABRAHÃO
CAMILA FAGUNDES DE LIMA
JÚLIO CÉSAR VANIN
LICIANE APARECIDA CESTARI
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este trabalho decorre de nossa vivência como alunos do 4º ano do curso de Licenciatura em Enfermagem na Disciplina *Estágio Curricular Supervisionado - Promoção da Saúde na Educação Básica*. Essa disciplina apresentou como objetivo contribuir para a nossa formação enquanto enfermeiros no que tange à prática docente no cenário da escola de educação básica, voltada para a perspectiva de promoção da saúde. O estágio foi realizado em uma escola pública estadual de ensino fundamental, que apresenta um total de 532 alunos, está inserida em uma comunidade com poucos recursos financeiros, pouca participação da família na escola e número expressivo de ocorrências de gravidez na adolescência. Objetivo: Promover a educação em saúde no ambiente escolar, criando oportunidades de repensar os valores, atitudes e comportamentos, buscando o autocuidado, a prevenção de riscos e o despertar para a participação comunitária. Utilizamos metodologias ativas de ensino-aprendizagem a fim de possibilitar e facilitar a vivência, a reflexão e a ressignificação de conceitos, visando a participação dos alunos e a sensibilização dos mesmos enquanto agentes promotores de saúde. Apesar do

contexto considerado difícil no qual os alunos se inserem, conseguimos estabelecer vínculo com eles e com a comunidade escolar, facilitando o desenvolvimento do trabalho que foi estruturado a partir das demandas dos profissionais da escola e do interesse dos alunos sugerido por urna de dúvidas, sendo os temas mais frequentes a prevenção da gripe A (H1N1), a sexualidade com foco na gravidez na adolescência e DSTs/AIDS. Realizamos ainda a averiguação de carteira vacinal e os testes de acuidade visual sugerido pelo Programa Olhar Brasil. Os alunos participaram ativamente demonstrando interesse e envolvimento com as propostas de trabalho. O estágio nos proporcionou uma aproximação com o ensino fundamental, fortalecendo em nossa formação a importância do enfermeiro no ambiente escolar, desenvolvendo atividades de promoção à saúde. Acreditamos que a escola por se constituir em um ambiente de aprendizagem é o local ideal que permite aos alunos o desenvolvimento de habilidades que promovam a problematização e a superação de barreiras individuais e coletivas, conduzindo à reflexão das ações em saúde e a melhora na qualidade de vida de todos os envolvidos direta e indiretamente no seu contexto.

ABRAHÃO, C.A.; LIMA, C.F.; VANIN, J.C.; CESTARI, L.A.; GONÇALVES, M.F.C. Promoção de saúde na educação básica: relato de atividade em uma escola estadual de Ribeirão Preto. Trabalho submetido à I Mostra Programa Saúde na Escola e IV Mostra Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília, 2010.

PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um olhar sobre programas e materiais oficiais (2011)

BRUNA LUNARDELLO CLEMENTINO

CAMILA BERNARDI DE NOVAES¹

SULAINÉ DE PAULA

GILMARA CRISTINA BARBOSA DE OLIVEIRA

MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este trabalho tem como objetivos: a) identificar os programas oficiais existentes para aplicação nas escolas, oriundos dos Ministérios da Saúde e da Educação, Secretarias da Saúde e da Educação do Estado de São Paulo, voltados à atenção integral de prevenção, promoção e atenção à saúde aos alunos; b) identificar o material produzido por tais programas; e c) analisar os referenciais teóricos das propostas e discutir as condições de execução dos programas. Este trabalho, que está em andamento, é um recorte de uma pesquisa maior, que estuda a Promoção de Saúde na Educação Básica. Esta etapa trata-se de uma análise documental. A Escola de Educação Básica tem sido considerada, pelo Ministério da Saúde, um local privilegiado para a promoção de saúde. O Ministério da Educação, por sua vez, sugere que toda escola deve incorporar os princípios de promoção da saúde indicados pela Organização Mundial da Saúde, com os objetivos de fomentar a saúde e o aprendizado em todos os momentos. Assim, ações interministeriais tem sido propostas, por meio de projetos e materiais a serem desenvolvidos nas escolas

¹ Bolsista CAPES Pró-Ensino, Edital 24/2010, Projeto 2037/2010, vigência mar/2011 a fev/2013.

de Educação Básica. Está sendo realizada uma busca eletrônica nos órgãos oficiais, envolvendo legislação e downloads de materiais em projetos atuais do Governo Federal e do Governo do Estado de São Paulo, que envolvam Educação em Saúde. Estando ainda em fase preliminar de análise, espera-se que este trabalho venha contribuir para a integração e articulação permanente da educação e saúde, proporcionando a melhoria da qualidade de vida aos alunos da rede pública.

CLEMENTINO, B.L.; NOVAES, C.B.; PAULA, S.; OLIVEIRA, G.C.B.; GONÇALVES, M.F.C. Promoção de saúde na educação básica: um olhar sobre programas e materiais oficiais. Trabalho apresentado e publicado no VI Encontro Iberoamericano de Educação, 2011, Araraquara: UNESP e Universidad de Alcalá, 2011.

SAÚDE TAMBÉM SE FAZ NA (COM A) ESCOLA (2010 A 2015)

JEFFERSON LIBERATO AMARAL¹

PRISCILA MARINHO TOMAZAKI²

GABRIELA DUARTE³

MARJORYE ODORICO BATISTA MEDEIROS⁴

MARTA ANGÉLICA IOSSI SILVA

O projeto objetivou articular o processo de ensino-aprendizagem a partir da possibilidade da inserção do graduando de enfermagem no campo da prática profissional do enfermeiro no contexto escolar. Estabeleceu atividades integradas de saúde e educação a fim de promover a atenção à saúde da criança em idade escolar, através da promoção, prevenção e recuperação da saúde. O público alvo se constitui em estudantes, pais e/ou responsáveis, professores e demais funcionários de Escolas Municipais e estaduais de Ribeirão Preto. As atividades integraram a unidade de saúde de referência da escola em consonância com as linhas de atenção, objetivos e metas da Secretaria Municipal da Saúde de Ribeirão Preto (SMS), do Programa de Atenção Integral à Saúde da Criança e do Adolescente (PAISCA) e da Escola de Educação Infantil participante deste projeto, a saber: • Vigilância em saúde, com especial atenção à vigilância, epidemiológica e sanitária escolar; • Oftalmologia sanitária (testes para professores e demais funcionários da escola.

SAÚDE TAMBÉM SE FAZ NA (COM A) ESCOLA. Trabalho apresentado no SIICUSP 2011 e no Simpósio Aprender com Cultura e Extensão, edições de 2013, 2014 e 2015, São Paulo.

¹ Bolsista do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2010/2011

² Bolsista do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2011/2012

³ Bolsista do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2012/2013

⁴ Bolsista do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2013/2014 e 2014/2015

SIGNIFICADOS DE ÉTICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: promoção da saúde na Educação Básica (2015)

MARK FERNANDO DA SILVA RABONI
NATÁLIA CAMPOS PEREIRA¹
MARCELA CRISTINA RESENDE²
DANYELE FERNANDES MACHADO
BRUNA BARBOSA DOS SANTOS
PATRÍCIA EVANGELISTA
CAROLINA FRANCIELLI SOARES BENEDETTI
MÔNICA MITSUE NAKANO²
MARINA LIBERALE
LUCIANE SÁ DE ANDRADE
MARLENE FAGUNDES CARVALHO GONÇALVES

Este trabalho foi realizado no contexto do projeto de extensão Promoção da Saúde na Educação Básica, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Este trabalho é um recorte que traz atividade realizada no ano de 2015, com 31 alunos do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública. Apoiamos nossas ações no referencial de promoção da saúde. Neste relato de experiência vamos trabalhar com a temática Ética, descrita nos PCNs. Ética refere-se às reflexões sobre comportamentos e condutas humanas. No ambiente escolar, o tema Ética aparece nas relações dos estudantes em seu contexto sociocultural e é discutido a partir dos subtemas: respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade. Nosso objetivo é levar os alunos do primeiro ano do ensino médio a realizarem uma reflexão sobre o tema Ética,

¹ Bolsistas do Programa Aprender com Cultura e Extensão – USP 2015/2016

² Bolsista PIBIC CNPq 2015/2016

a partir dos significados prévios trazidos por eles sobre o tema. Trabalhamos na perspectiva do empoderamento, da autonomia e do senso crítico desses alunos no processo educativo. Iniciamos a atividades com os adolescentes, separando-os em três grupos - respeito mútuo, justiça e diálogo/solidariedade - com uma questão disparadora para cada um: “O que é respeito mútuo, justiça e diálogo/solidariedade (cada grupo com seu respectivo tema) para vocês em seu cotidiano?” Cada grupo deveria produzir um cartaz, com a síntese da discussão sobre o tema proposto, para então proceder a discussão com toda a turma. De acordo com a proposta feita ao grupo, destacamos a síntese produzida e representada nos cartazes e as discussões resultantes. Respeito mútuo - Os alunos relacionaram o respeito mútuo a atitudes e posturas individuais do comportamento humano. Esse significado tem o sentido de igualdade social. Justiça - Os alunos significam o tema justiça como uma “rede” de articulação de políticas públicas. Justiça, aqui, tem o sentido de equidade social, ou seja, uma balança que nivela as desigualdades sociais. Diálogo/Solidariedade - O diálogo é citado pelos alunos como fator comportamental de resolução de conflitos diários. A solidariedade é colocada como fator de cooperação social. Os alunos trouxeram diferentes significados de ética. Destacaram atitudes comportamentais e posturas individuais relacionadas ao respeito mútuo e diálogo/ solidariedade. O tema justiça apareceu, para os adolescentes, associado à equidade e igualdade social. Vale destacar que todos os subtemas estão relacionados intimamente. Para o grupo de extensão universitária, apoiados no referencial de promoção da saúde e da abordagem histórico-cultural, o ambiente escolar tem como função a ressignificação dos saberes cotidianos dos alunos, por isso a importância de partir de seu contexto. Considerando a autonomia, a participação e o empoderamento dos conteúdos, podemos propiciar ao aluno condições para a apropriação do significado de ser cidadão em seu contexto.

O aprendizado, dessa forma, é a troca de saberes prévios dos alunos e os conteúdos articulados pelos educadores participantes do processo de ensino.

RABONI, M.F.S.; PEREIRA, N.C.; RESENDE, M.C.; MACHADO, D.F.; SANTOS, B.B.; EVANGELISTA, P.; BENEDETTI, C.F.S.; NAKANO, M.M.; LIBERALE, M.; ANDRADE, L.S.; GONÇALVES, M.F.C. Significados de Ética para Alunos do Ensino Médio: Promoção da Saúde na Educação Básica. Trabalho apresentado no 5º. Simpósio Aprender com Cultura e Extensão, Campus de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2015.

SOBRE OS AUTORES

PARTE I

Camila Bernardi de Novaes, Graduada em Ciência Biológicas pela FF-CLRP/USP e Pedagoga pela FABAN, Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP, Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico de Biologia, na Diretoria de Ensino de Ribeirão Preto.

Carolina Spinelli Levi, Enfermeira pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP.

Fabiana Santos Cassarotti, Graduada em Ciências Sociais pela UNESP, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo - EERP/USP, Professora do Ensino Médio do SESI-SP.

Gabriela Rodrigues Bragagnollo, Enfermeira Licenciada pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo - EERP/USP.

Gilmara Cristina Barbosa de Oliveira, Enfermeira Licenciada pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP.

Gisele Cristine de Oliveira, Pedagoga pela Instituição Anhanguera Educacional, Graduada em Gestão de Recursos Humanos no Instituto Federal São Paulo – Campus Sertãozinho.

Júlia Casemiro Barioni, Graduanda do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP.

Leni Ane Muniz da Silva, Enfermeira Licenciada pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP.

Lívia Neves Masson, Graduada em Serviço Social pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo- EERP/USP.

Luciane Sá de Andrade, Psicóloga, Doutorado em Educação pela Universidade de Brasília, Professora Doutora da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP, Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas. Professora do Programa de Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo - EERP/USP.

Marina Faraco Corrêa, Pedagoga pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP/USP.

Marina Liberale, Enfermeira Licenciada pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo- EERP/USP. Enfermeira especialista em laboratório junto ao Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas - DEPCH/EERP.

Marisa Akiko Iwamoto, Enfermeira Pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo-EERP/USP. Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Barão de Mauá, de Ribeirão Preto.

Mark Fernando da Silva Raboni, Graduando do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP.

Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves, Pedagoga pela UFSCar, Doutorado em Educação pela USP, Professora Associada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP, Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas. Professora do Programa de Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo - EERP/USP.

Marlene Felomena Mariano do Amaral, Graduada em Normal Superior pelo COC. Técnico III SAS- Superintendência da Assistência Social da Universidade de São Paulo.

Marta Angélica Iossi Silva, Enfermeira pela EERP/USP, Doutorado em Enfermagem em Saúde Pública pela USP, Professora Associada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP, Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública. Professora do Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo - EERP/USP

Neire Aparecida Machado Scarpini, Pedagoga pelo Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto-CUML, Mestrado em Educação pela CUML, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. Bolsista Capes, Projeto Pró-Ensino na Saúde.

Paula Maria Nunes Moutinho, Enfermeira pela Faculdade São Luís, Pós-Graduação em Gestão em Enfermagem pela UNIFESP, Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP, Enfermeira do Município de Taquaritinga e Docente da Faculdade São Luís de Jaboticabal.

Rafael Alcantara de Camargo, Enfermeiro Licenciado pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP.

Silvia Regina Baldo de Camargo, Pedagoga pelo Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto-CUML, Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP, Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto.

Juliana Cristina Miquelino dos Reis. Graduanda do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP.

Vanessa Castanha, Enfermeira Licenciada pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP.

Yara Othon Teixeira Ordine, Enfermeira Obstétrica pela UFSCar, Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP, Professora e Coordenadora do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza de Taquaritinga.

PARTE II

Os autores que se seguem são, em sua maioria, graduandos do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, que desenvolveram atividades na Educação Básica no contexto das disciplinas, entre os anos de 2009 e 2015. Há também estudantes que apresentam suas atividades no contexto de Projetos de Extensão. Alguns autores são graduandos de outros cursos, outros são pesquisadores, orientadores e/ou membros do Grupo de Estudos e Pesquisa, e desenvolveram as atividades neste contexto. Todos eles tinham algo em comum: o foco em Promoção da Saúde na educação Básica.

Aline Nassiff

Amanda Fonseca Baviera

Amanda Sarah Vanzela

Ana Carolina Máximo Silva

Ariane de Freitas Cardoso

Bianca Potratz de Oliveira

Bruna Barbosa dos Santos

Bruna Domingos dos Santos

Bruna Francielle Toneti,

Bruna Lunardello Clementino

Bruna Paiva do Carmo

Camila Aparecida Abrahão

Camila Bernardi de Novaes

Camila Fagundes de Lima

Carolina Francielli Soares Benedetti

Carolina Lemos

Danyelee Fernandes Machado

Débora Silva Fornazieri

Denise Franzé Bogarin

Driéli Pacheco Rodrigues

Edmilson Alves dos Santos Júnior

Gabriela Duarte

Gabriela Roberta Ribeiro

Gerusa Mota da Silva

Gilmara Cristina Barbosa de Oliveira
Giulliany de Freitas Biscassi
Imaculada Alexandrino
Isabella Fernandes Brianez
Jefferson Liberato Amaral
Jeniffer Caroline Domingos Sassarolli
Jennifer Midiani Gonella
Jessica Karoline Silva
Juliana Ferreira de Santana Carvalho
Juliana Maeda Minutti
Juliana Mendes Rocha
Juliane Cristina Rodrigues
Júlio César Vanin
Lays dos Santos Maia
Liciane Aparecida Cestari
Lina de Moura Mendes
Luciane Sá de Andrade
Lucimara Moreli
Maráina Gomes Pires Fernandes Dias
Marcela Cristina Resende
Maria Aparecida Soares Viana
Maria Beatriz Carneiro
Marina Liberale
Marjorye Odorico Batista Medeiros
Mark Fernando da Silva Raboni
Marlene F. Carvalho Gonçalves
Marta Angélica Iossi Silva
Michele Cristina de Carvalho
Mônica Mitsue Nakano
Natália Campos Pereira
Neire Aparecida Machado Scarpini
Paloma Alves Pais
Patrícia Evangelista
Priscila Marinho Tomazaki
Ronildo Alves dos Santos
Sabrina Martins Reigota
Sthefany Teodoro Ricci
Sulaine de Paula
Taina da Silva Menegucci
Thaís Koga Fonseca
Yara Othon Teixeira Ordine

Neste livro, docentes, pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Promoção da Saúde na Educação Básica, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP/USP, reiteram seu compromisso com a prática e a pesquisa da Promoção da Saúde no espaço escolar, com sua responsabilidade social e compromisso junto à população. O livro aborda a promoção da saúde como uma forma de pensar e agir em sintonia com o agir educativo, visando a formação de sujeitos e projetos pedagógicos voltados para o direito à vida. O território é o espaço da produção da vida e, portanto, da saúde. O livro inclui os conceitos e práticas de Promoção da Saúde na Escola em abordagem contemporânea e indutora de práticas que promovem a vida, a autonomia, sujeitos pensantes, autônomos e empoderados.



IGLU EDITORA LTDA.
RUA DÚLIO, 586
05043-020 - SÃO PAULO - SP
TEL.: (11) 5873-0227

ISBN: 978-85-7404-226-1

